

anunciara, em entrevista à Folha, um novo imposto, sem combinar com o presidente.

O presidente não pensou duas vezes: correu para o Twitter e desmentiu na mão grande o secretário, que teve a ousadia de taxar até o dízimo das igrejas.

“Quero me dirigir a todos vocês, dizendo que essa declaração não procede. Quero dizer que em nosso governo nenhum novo imposto será criado, em especial contra as igrejas”, proclamou o capitão, em mensagem de 41 segundos.

Como assim, “em especial contra as igrejas”? Desde quando imposto é contra alguém e, por qual razão, as igrejas devem ficar isentas de pagar imposto de renda como todo mundo? É um direito divino por acaso?

O mais grave nesta história é a completa desarticulação do governo, não só na relação com o Congresso, mas também na área econômica.

Marcos Cintra é um dos homens de ouro do superministro Paulo Guedes, o czar de economia, e certamente deve ter conversado com ele sobre o novo imposto para substituir a contribuição previdenciária que incide sobre a folha de pagamentos.

Guedes já foi confrontado e desmentido outras vezes pelo presidente, que quer mandar em tudo, sem entender de absolutamente nada.

Até quando Guedes vai aguentar o tranco dos chiliques do capitão?

Na semana passada, Bolsonaro já havia entrado em choque também com o general Santos Cruz, secretário geral do governo, por conta de um anúncio do Banco do Brasil que irritou o presidente.

Sem consultar ninguém, o capitão mandou o presidente do banco tirar o anúncio do ar e demitir o diretor de marketing, e avisou que daqui para a frente iria censurar previamente todos os anúncios de estatais.

Santos Cruz revogou a decisão da censura prévia, ao lembrar que a lei das estatais não permite a intervenção presidencial no conteúdo das campanhas publicitárias.

Agora, a chamada “ala ideológica” do governo, liderada pelo filho Carlucho 02, resolveu abrir fogo contra o general, como já estava fazendo com o vice Mourão.

Por medo de Bolsonaro, duas instituições públicas do Rio, o INCA (Instituto Nacional do Câncer) e a Fiocruz, simplesmente proibiram palestras de frei Leonardo Boff, sem citar lei nenhuma.

Por cumprir a lei, o general Santos Cruz sofre agora pressão dos bolsonaristas de raiz em sua cruzada de confrontação permanente.

Como é que um país pode ser governado desse jeito, de crise em crise, provocada pelos próprios membros do governo?

Enquanto isso, a economia está devagar quase parando e a reforma da Previdência tão esperada continua em banho maria, à espera das “negociações com os parlamentares”, aos quais já foi oferecido um bônus de R\$ 40 milhões por cabeça para quem votar a favor.

Com a população e a oposição só assistindo a tudo bestificados, os bolsonaros, seus generais, superministros e olavetes estão em processo de autocombustão.

E faltam ainda três dias para a nova ordem bolsonariana completar os primeiros quatro meses de governo.

Quem ainda aguenta tantos desmandos e ameaças à democracia? Quando teremos um plano de governo?

Vida que segue.



ia: 30/04/2019 às 16:53:25

A+ A-

26. Sérgio Rubens: Bolsonaro e as milícias

*"Enquanto o país não tiver coragem de adotar a pena de morte, o crime de extermínio, no meu entender, será muito bem-vindo".
(Jair Bolsonaro, 2003)*



Jair Bolsonaro e seu filho

Flávio junto Valdenice de Oliveira Meliga, irmã dos policiais militares Alan e Alex Rodrigues de Oliveira – milicianos presos em agosto de 2018

Em 12 de agosto de 2003, o então deputado Jair Bolsonaro foi ao microfone do plenário da Câmara dos Deputados e discursou, dando os parabéns a grupos de extermínio que operavam na Bahia, afetuosamente chamados por ele de companheiros.

“Quero dizer aos companheiros da Bahia — há pouco ouvi um parlamentar criticar os grupos de extermínio — que enquanto o país não tiver coragem de adotar a pena de morte, o crime de extermínio, no meu entender, será muito bem-vindo. Se não houver espaço para ele na Bahia, pode ir para o Rio de Janeiro. Se depender de mim, terão todo o meu apoio... Na Bahia, pelas informações que tenho — lógico que são grupos ilegais —, a marginalidade tem decrescido. Meus parabéns!”

A transcrição é, rigorosamente, literal. Bolsonaro não “se atrapalhou” no que disse. Não cabe aqui o tipo de explicação costumeira dos generais Mourão e Heleno para dissolver os impactos negativos da incontinência verbal do capitão – ele não só falou o que está escrito, reafirmou tudo em vídeos e entrevistas que estão disponíveis na internet a quem tiver o interesse de acessar.

Na época, esses grupos, que eram embriões de milícias, cobravam de R\$ 50,00 a R\$ 100,00 de comerciantes locais por marginal morto. E a família Bolsonaro estava empenhada em organizar uma forte rede de apoio entre os “companheiros” milicianos, especialmente no Rio de Janeiro.

Alguns anos depois, valendo-se da impunidade que blindou sua ação criminosa, as milícias ganharam terreno. Em 2007, o deputado estadual Flávio Bolsonaro, em discurso na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) afirmava:

“A milícia nada mais é do que um conjunto de policiais, militares ou não, regidos por uma certa hierarquia e disciplina, buscando, sem dúvida, expurgar do seio da comunidade o que há de pior: os criminosos... Eu não me importaria em pagar R\$ 30,00 ou R\$ 40,00 para ter mais segurança, para não ver meus filhos aliciados por traficantes... Façam consultas populares na comunidade do Rio das Pedras, na própria favela do Batan”.

Hoje o senador, eleito em 2018, diz em sua defesa que tais declarações não representavam endosso ou apoio a ação das milícias. Ele acha que pode escamotear sua responsabilidade na expansão dessas organizações criminosas com a surrada alegação de que “foram declarações retiradas do contexto”. Mas, em 2008, Papai Bolsonaro usava e abusava do plenário da Câmara Federal para defender a atuação desses grupos criminosos:

“Existe miliciano que não tem nada a ver com ‘gatonet’ e venda de

gás. Como ele ganha R\$ 850,00 por mês, que é quanto ganha um soldado da PM ou do bombeiro, e tem a sua própria arma, ele organiza a segurança na sua comunidade... Eles oferecem segurança e, desta forma, conseguem manter a ordem e a disciplina nas comunidades. É o que se chama de milícia. O governo deveria apoiá-las, já que não consegue combater os traficantes de drogas”.

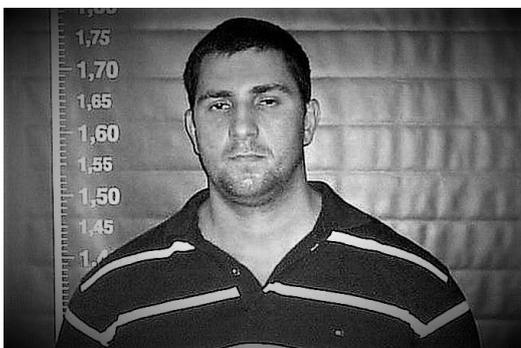
No Rio de Janeiro, milícias, como a “Liga da Justiça”, do então vereador Jerominho (Jerônimo Guimarães Filho), tinham dominado territórios e diversificado as atividades.

A CPI da Alerj apurou, naquele ano (2008), que a milícia do Rio das Pedras monopolizava, sob ameaças à população, serviços como segurança de moradores (entre R\$ 10,00 e R\$ 50,00 mensais); taxa para funcionamento do comércio (R\$ 50,00 e R\$ 200,00 por estabelecimento); pedágio para entregadores de mercadorias no bairro (R\$ 20,00); taxa para barracas (R\$ 30,00); venda de gás (R\$ 39,00); sinal de TV a cabo irregular, mais conhecido como “gatonet” (R\$ 18,00); além do transporte alternativo (R\$ 270,00 a R\$ 325,00 por semana).

Não parou aí. Dez anos mais tarde, os procuradores do Ministério Público incluíam entre as atividades exploradas pela milícia os seguintes itens:

“Grilagem de terrenos, construção, venda e locação ilegais de imóveis, receptação de carga roubada, ocultação de bens adquiridos com os proventos das atividades ilícitas, falsificação de documentos públicos, pagamento de propina a agentes públicos, agiotagem, utilização de ligações clandestinas de água e energia para o abastecimento dos empreendimentos imobiliários ilegalmente construídos, e, sobre tudo, prática de homicídio”.

Mas, para que a família Bolsonaro não venha dizer que sua apologia das milícias não passou de “xixi na cama”, passemos aos atos derivados dessas ideias que eles veicularam fartamente em discursos e entrevistas.



Adriano da Nóbrega, um dos chefes do Escritório do Crime (foto: Polícia Civil/RJ)

Em setembro de 2007, Danielle Mendonça da Costa da Nóbrega, mulher do ex-capitão da PM Adriano Magalhães da Nóbrega, foi nomeada assessora do gabinete de Flávio Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, onde ficou empregada por 11 anos, até 13 de novembro de 2018. A mãe do ex-capitão, Raimunda Veras Magalhães, também se tornaria assessora do deputado, permanecendo no cargo, como a nora, até o final do mandato.

Seis meses antes da nomeação de Danielle, Fabrício Queiroz, “amigo de churrasco e futebol” de Jair Bolsonaro, chegou ao gabinete para ser motorista, segurança e “faz-tudo” de Flávio Bolsonaro.

Segundo Queiroz, denunciado pelo Conselho de Controle de Atividades Financeiras do Ministério da Fazenda (Coaf) pela movimentação “atípica” de R\$ 7 milhões em sua conta bancária entre janeiro de 2014 e janeiro de 2017, tanto a contratação de Danielle, quanto a de Raimunda, se deram por iniciativa dele.

A nota assinada pelo advogado Paulo Márcio Ennes Klein, que trabalha na sua defesa, formaliza essa versão:

“Queiroz é ex-policia militar e conheceu o sr. Adriano na época em que ambos trabalhavam no 18º Batalhão da Polícia Militar e, após a nomeação dele como assessor do ex-deputado estadual, solicitou ao gabinete moção para o sr. Adriano, bem como a nomeação dele para trabalhar no referido gabinete... Ademais, vale frisar que o sr. Fabrício solicitou a nomeação da esposa e mãe do sr. Adriano para exercerem atividade de assessoria no gabinete em que trabalhava, uma vez que se solidarizou com a família que passava por grande dificuldade pois à época ele estava injustamente preso...”

De fato, Queiroz serviu com Adriano no 18º Batalhão da Polícia Militar, situado na região de Jacarepaguá. Morador da Taquara, bairro localizado naquela região, a um passo da comunidade do Rio das Pedras, não tinha como ignorar a expansão e o poder crescente da milícia que dominava a área. Seus familiares, inclusive, chegaram a ter autorização fornecida pela milícia, e não pelo poder público, para explorar serviço de transporte “alternativo” – isto é, irregular – de vans na comunidade.

Entusiasta, conforme suas próprias palavras, dos “rolos” para “fazer dinheiro”, e habituado com a violência, pois tem na conta dez autos de resistência (mortes em decorrência da atividade policial), Queiroz acompanhou a sucessão de sangrentos assassinatos que regiam as mudanças de chefia na milícia do Rio das Pedras. Otacílio Biondi (1989), depois Elita Biondi (1995), inspetor de polícia Félix Tostes (2007), vereador Nadinho do Rio das Pedras (2009), até que, num passe de mágica, o comando daquela força caiu no colo do

“injustiçado” companheiro do 18º Batalhão da Polícia Militar, que, hoje, foragido da Justiça e caçado pela Interpol, é também apontado como fundador do sinistro Escritório do Crime.

Sob comando de Adriano Magalhães da Nóbrega, ex-capitão, com passagem pelo BOPE, expulso da PM em dezembro de 2013, depois de preso em 2006, 2008 e 2011, por suspeita de assassinato, a milícia do Rio das Pedras tornou-se a maior, mais atrevida e mais perigosa do Rio de Janeiro. Enquanto isso, a esposa e a mãe do “injustiçado” operavam no gabinete do deputado Flávio Bolsonaro, com salário pago pela Alerj, ao lado de Queiroz, que movimentava em sua conta bancária milhões cuja procedência e destino ele não consegue explicar.

Diante de fatos tão eloquentes, Flávio Bolsonaro abandonou a tese da “mera coincidência” e tratou de tirar o corpo fora, dizendo que não sabia de Adriano nem tomava conhecimento de quem trabalhava em seu gabinete. Segundo ele, era Queiroz que contratava e administrava o pessoal, com plena autonomia.

Em nota, Bolsonaro afirma:

"A funcionária que aparece no relatório do Coaf foi contratada por indicação do ex-assessor Fabrício Queiroz, que era quem supervisionava seu trabalho. Não posso ser responsabilizado por atos que desconheço... Quanto ao parentesco constatado da funcionária, que é mãe de um foragido, já condenado pela Justiça, reafirmo que é mais uma ilação irresponsável daqueles que pretendem me difamar".

Ao confirmar a narrativa do chefe e chamar para si a responsabilidade sobre as ligações temerárias, Queiroz talvez não tenha reparado que invalidou o álibi que pretendia reforçar. Seu ingresso no gabinete do deputado ocorreu em 1º de abril de 2007, dois anos depois que Bolsonaro premiou Adriano com a mais alta condecoração da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, a medalha Tiradentes – a mesma que ele concedeu, em 2011, ao autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho, uma espécie de Rasputin da corte bolsonarista. A homenagem ao tenente que viria a acumular alguns anos mais tarde o comando do Escritório do Crime e o da milícia do Rio das Pedras foi realizada em agosto de 2005.

Também cabe registrar que, embora a nota do advogado de Queiroz passe a ideia de que a esposa e a mãe de Adriano foram contratadas no gabinete de Flávio Bolsonaro ao mesmo tempo, quando passavam por “grande dificuldade”, Raimunda Veras Magalhães, a mãe, só entrou na Alerj em 2015, passando a receber pelo gabinete em 2016. Em 2009, a dificuldade era tanta que ela abriu um restaurante no bairro do Rio Comprido – rua Aristides Lobo, 224.

O Escritório do Crime começou como uma equipe de matadores de

aluguel contratados por contraventores para eliminar concorrentes. Em seu portfólio há uma longa lista de homicídios que ficaram impunes, como o do presidente da Portela, ex-PM Marcos Falcon, morto em Oswaldo Cruz, próximo ao comitê de sua campanha para vereador, em setembro de 2016, e o do sargento reformado da PM Geraldo Antônio Pereira, da milícia de Curicica, abatido a tiros de AK-47 no estacionamento do Novo Rio Country Club (Recreio dos Bandeirantes), em maio de 2016.

Outro ruidoso crime encomendado ao Escritório foi a execução de Haylton Escafura – jogo do bicho e caça-níqueis – com mais de 20 tiros de armas de três calibres num apartamento no 8.º andar do hotel Transamérica (Recreio dos Bandeirantes), em 29 de abril de 2017. A policial militar Franciene de Sousa, que o acompanhava na ocasião, também foi fuzilada.

Em 14 de março de 2018, superestimando a sua blindagem, o Escritório do Crime metralhou a vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes, com 13 disparos. Desta vez a polícia, após 12 meses de diligente investigação, apontou os assassinos – PM reformado Ronnie Lessa e ex-PM Élcio Vieira de Queiroz – e o mandante, ex-deputado estadual Domingos Brazão.

A família Brazão – Chiquinho, Pedro e Domingos – se tornou dona dos votos da comunidade do Rio das Pedras depois que o vereador Nadinho (Josinaldo Francisco da Cruz) foi riscado do mapa. Chiquinho foi vereador, hoje é deputado federal, Pedro é deputado estadual e Domingos – o chefe do clã – passou ao Tribunal de Contas do Estado (TCE), em 2015, por indicação da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

Mas a investigação policial ainda não está concluída. É bom que não esteja. Falta precisar o motivo do crime. No caso de ter sido uma ação terrorista para excitar a extrema-direita, no início da campanha para presidente da República, ainda que Brazão tenha pago a fatura, a decisão teria que vir mais de cima.

A milícia do Rio das Pedras e o Escritório do Crime, na época do atentado, estavam sob domínio do amigo de Queiroz, o ex-capitão Adriano Magalhães da Nóbrega. O amigo do amigo de Jair Bolsonaro só passou à condição de fugitivo em 22 de janeiro de 2019, por consequência da “Operação Os Intocáveis”, realizada pelo Grupo de Atuação Especial no Combate ao Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público do Rio de Janeiro, com apoio da Polícia Civil, que prendeu cinco membros da cúpula da milícia do Rio das Pedras e desarticulou o Escritório do Crime.

Com todo o respeito à família Bolsonaro, num contexto como esse não há como aceitar que o atentado possa ter sido realizado pelas suas costas. Mas se foi apenas uma “disputa local” e não uma “ação

terrorista”, não está mais aqui quem falou. Daí a necessidade da investigação não ser concluída antes do motivo do crime estar devidamente esclarecido.

Ronnie Lessa, assassino de Marielle Franco (foto: Pablo Jacob/Ag. O Globo)

Ronnie Lessa, apontado pela polícia como o assassino que efetuou os disparos contra a vereadora Marielle Costa e o motorista Anderson Gomes, foi preso em sua luxuosa casa, por sinal vizinha à de Jair Bolsonaro, no Condomínio Vivendas da Barra. O Mito diz que não reparou no vizinho e que seu filho Jair Renan “não se lembra” de ter namorado a filha dele. “Não se lembra” é a resposta típica que advogados de defesa orientam seus clientes a dar quando estes não estão em condições de negar, sem cometer perjúrio, a participação em eventos comprometedores. Ronnie é subtenente reformado, cujo soldo, por volta de R\$ 7 mil, jamais permitiria que ele morasse ali. Também não permitiria que ele tivesse, na casa de um amigo no Méier, um lote de 117 fuzis M-16, de procedência não declarada, avaliados em R\$ 4 milhões.

Como Queiroz, Ronnie Lessa passou pelo Exército antes de ingressar na Polícia Militar. Como Adriano, atuou no Bope e foi segurança de contraventores antes de passar ao Escritório do Crime. Como Bolsonaro – e, aliás, como todos eles -, é um fanático adorador da Scuderie Le Cocq, a ponto de possuir carteirinha da associação, emitida em 1989, com o número de matrícula 3127, cujo fac-símile foi apresentado pela revista Época em reportagem publicada no dia 4 de abril. E tinha só 18 anos quando se matriculou.

A carteirinha de Ronnie Lessa da Scuderie Le Cocq

O símbolo da Scuderie Le Cocq é uma caveira que repousa sobre duas tíbias cruzadas, tendo embaixo as iniciais EM, que, segundo seus criadores, significam “Esquadrão Motorizado” e não “Esquadrão da Morte” – exibição de cinismo explícito que os levou também a registrar a associação como entidade “filantrópica”. Ativa na década de 70, ela celebrava a união dos grupos de extermínio de todas as procedências – torturadores e homicidas das bandas podres da Polícia, Exército, Marinha e Aeronáutica, irmanados no imundo ofício de matar por dinheiro.

Com o fim da ditadura, a Scuderie perdeu o viço e refluíu para as sombras. As milícias atuais introduziram inovações naquele modus operandi e criaram outras oportunidades de negócios, mas o espírito continua o mesmo. Expurgado do Exército, em 1988, Bolsonaro mergulhou de cabeça nesse submundo.

Há menos de 15 dias, desabaram, sem aviso prévio, dois empreendimentos imobiliários construídos ilegalmente em terreno público grilado, na comunidade da Muzema, vizinha do Rio das Pedras: 24 mortos e 35 feridos.

Os moradores pagaram de R\$ 40 mil a R\$ 100 mil pelos apartamentos aos donos dos prédios – milicianos comandados pelo foragido Adriano Magalhães da Nóbrega, o amigo de Queiroz. Perderam tudo, e muitos a própria vida.

Pelo Censo de 2010, a Muzema tinha 4.000 habitantes e Rio das Pedras 50.000. E de lá para cá não parou de chegar gente. Há mais de 200 prédios na região, levantados desse modo. É uma prévia do que Bolsonaro e as forças que creem poder manipulá-lo estão chocando no front da Segurança Pública.

Sérgio Rubens é vice-presidente nacional do PCdoB.

Fonte: Hora do Povo

As opiniões aqui expostas não representam necessariamente a opinião do Portal Vermelho

[Divulgação - www.desenvolvimentistas.com.br](http://www.desenvolvimentistas.com.br)

27. Décio Oddone (ANP) usa falácias para defender privatizações na Petrobrás

29 Abril

Felipe Coutinho

O termo falácia deriva do verbo latino fallere, que significa enganar.

Designa-se por falácia um raciocínio errado com aparência de verdadeiro. Na lógica e na retórica, uma falácia é um argumento logicamente incoerente, sem fundamento, inválido ou falho na tentativa de provar eficazmente o que alega. Argumentos que se destinam à persuasão podem parecer convincentes para grande parte do público, apesar de conterem falácias, mas não deixam de ser falsos por causa disso. (Wikipedia)

A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), por seu diretor-geral, Décio Oddone, no afã de defender o indefensável, nos entulha de falácias sobre a economia e a gestão do petróleo no Brasil.

FALÁCIA #1: A recente crise do preço do diesel é resultado da concentração no setor de petróleo e gás

“A recente crise do preço do diesel mostrou o resultado de um modelo que vem fazendo água há tempos: o da concentração no setor de petróleo e gás.” (Oddone, 2019)

Esta falácia deve ser classificada como de Falsa Causa. Ela acontece quando se afirma que apenas porque dois eventos ocorreram juntos, eles estão relacionados.

A Petrobrás detém cerca de 98% da capacidade de refino no Brasil, mas a greve dos caminhoneiros de maio de 2018 e a recente crise relativa ao reajuste do preço do diesel não são consequências disso. São consequências da política de preços iniciada por Pedro Parente, em outubro de 2016, e mantida pelas direções da Petrobrás desde então.

Com maior ou menor concentração no setor, a prática de preços vinculados à variação do preço do petróleo no mercado internacional e superiores aos custos de importação, em períodos de elevação do preço do petróleo e/ou de desvalorização cambial, resultam em preços altos dos combustíveis que motivaram e motivam a mobilização dos caminhoneiros.

Portanto, a crise do preço do diesel é resultado da desastrosa política de preços dos combustíveis, que lhes traz a volatilidade dos preços internacionais do petróleo e a desnecessária paridade destes preços aos custos de importação. Esta política desconsidera que a Petrobrás é capaz de produzir petróleo, refina-lo e abastecer o mercado de diesel do país com custos muito menores, em comparação com os custos de importação.

FALÁCIA #2: O petróleo caminha para a obsolescência

“O petróleo caminha para a obsolescência, mas ainda não conhecemos o potencial brasileiro, pois grande parte do nosso território segue inexplorada.” (Oddone, 2019)

Esta falácia é classificada como de Apelo à Consequência e à urgência. Considera uma premissa como se fosse verdadeira porque sua consequência é desejada.

Oddone afirma que o petróleo caminha para a obsolescência e assim deixa subentendido que será substituído por melhores fontes primárias de energia.

Assim ele apela à urgência para explorar o petróleo, tenta convencer ao seu leitor que o Brasil deve promover aceleradamente a exploração, produção e exportação de petróleo cru por multinacionais

estrangeiras. Apesar de nenhum país ter se desenvolvido a partir da exportação de petróleo cru por companhias estrangeiras.

O petróleo é mais do que uma simples mercadoria negociada nas bolsas de valores. É um ativo estratégico para a defesa do Brasil e o desenvolvimento tecnológico e econômico da Nação.

A produção de derivados de petróleo é crucial para garantir a mobilidade de pessoas e de cargas, aumentar a produtividade do trabalho, dinamizar a atividade econômica, além de viabilizar a cadeia de valor das indústrias petroquímicas, de fertilizantes e de transformação. O petróleo e seus derivados são recursos chave na geopolítica internacional e fundamentais para o complexo industrial-militar de defesa.

De acordo com os cenários de referência das instituições da indústria - Agência Internacional de Energia (IEA), Departamento de Energia dos EUA (DOE) – e publicações especializadas, o petróleo continuará sendo a principal fonte primária de energia do mundo, no horizonte 2040.

FALÁCIA #3: A produção dos campos maduros da Bacia de Campos e do Nordeste declinam por falta de investimentos

“Os campos maduros da Bacia de Campos e do Nordeste declinam por falta de investimentos.” (Oddone, 2019)

Esta falácia é tipificada como de Causa Complexa. Ocorre quando se supervaloriza uma causa quando há várias, ou um sistema de causas.

O declínio da produção em campos maduros é resultado do esgotamento das reservas, com a elevação dos custos de produção e a redução da produção de petróleo em relação ao gás natural e/ou à água utilizados nas técnicas de recuperação.

Os investimentos podem retardar o início do declínio e reduzir sua velocidade, mas estão submetidos às restrições econômicas e da natureza das reservas.

FALÁCIA #4: O Brasil se tornou exportador de petróleo cru e importador de combustíveis porque não há refinarias suficientes

“Por não ter refinarias suficientes, nos tornamos um exportador de petróleo que importa combustíveis.” (Oddone, 2019)

Esta é uma falácia de Terceira Causa. Trata-se de ignorar a existência de uma terceira causa, não levada em conta nas premissas.

O Brasil se tornou importador relativamente crescente de combustíveis, pela política de preços adotada pela direção da Petrobrás, desde outubro de 2016.

Com preços altos em relação ao custo de importação, o diesel da Petrobrás fica encalhado nas suas refinarias e parte do mercado brasileiro é transferido para os importadores. A ociosidade das refinarias brasileiras aumenta, há redução do processamento de petróleo e da produção de combustíveis no Brasil. Aumenta a exportação de petróleo cru.

Combustíveis produzidos nos EUA são trazidos ao Brasil por multinacionais estrangeiras da logística e distribuídos pelos concorrentes da Petrobrás.

A Petrobrás perde com redução da sua participação no mercado. O consumidor paga mais caro, desnecessariamente, com o alinhamento aos preços internacionais do petróleo e à cotação do câmbio.

Ganham as refinarias dos EUA, as multinacionais da logística e as distribuidoras privadas. Também são beneficiados os produtores e importadores de etanol, com a gasolina relativamente mais cara que perde mercado.

A exportação de petróleo cru se deve à redução do seu processamento nas refinarias brasileiras que se tornaram ociosas, assim como pela elevação da produção de petróleo no país.

Em 2018, 24% do diesel consumido no Brasil foi importado, a maior parte (84%) veio dos EUA. Se o fator de utilização do parque de refino da Petrobrás - em 2018 de apenas 76% - tivesse sido igual ao de 2014, de 98%, se importaria perto de 5% do diesel consumido no país.

A capacidade de refino nacional é compatível com nosso mercado atual de combustíveis, o problema é que ela é subutilizada em consequência da desastrosa política de preços adotada desde 2016.

Cabe registrar que novos investimentos no Refino, Transporte e Comercialização são necessários, considerando que o consumo per capita de energia no Brasil é relativamente baixo e que devemos promover o crescimento econômico e o desenvolvimento humano e social que dependem do aumento do consumo de energia.

FALÁCIA #5: A Petrobrás tem o “monopólio de fato” no refino e por isso o debate sobre os preços contamina o governo

“Como a estatal detém o monopólio de fato no refino, o debate sobre os preços dos combustíveis contamina o governo. “ (Oddone, 2019)

Esta é uma Falácia de Distorção dos Fatos combinada com a Falácia da Terceira Causa.

Oddone parte do princípio de que existe o “monopólio de fato” do refino para depois dizer que ele é a causa do questionamento ao governo sobre o preço dos combustíveis.

Desde 1997, não há monopólio no segmento de refino exercido pela Petrobrás. O mercado brasileiro é aberto e competitivo.

A alegação de que existe “monopólio de fato” no setor de refino do Brasil, implicaria na possibilidade da Petrobrás praticar preços acima do nível competitivo e, mesmo assim, não incorrer em perda de mercado (market share).

Essa hipótese é falsa, conforme mostram os dados de perda de participação no mercado da Petrobrás nos anos de 2016 e 2017, quando a empresa perdeu parcela significativa do mercado de diesel (acima de 20%, ou 200 mil bpd) para refinarias estadunidenses, localizadas no Golfo do México, ao praticar preços acima da paridade de importação (PPI).

O aumento expressivo da ociosidade do parque de refino brasileiro em 2017 e no primeiro trimestre de 2018 (quando se aproximou de 30%) também comprova a nulidade do conceito de “monopólio de fato” no refino do Brasil, uma vez que mostra a incapacidade da Petrobrás sustentar preços acima da PPI sem perda de market share.

Tal fato revela um outro conceito econômico associado a estrutura de mercado denominada monopólio, o do Mercado Relevante.

Ao se verificar que a concorrência de um mercado baseado em uma commodity, como a gasolina e o diesel, acontece entre empresas situadas em uma região mais ampla que as fronteiras de um país, deve-se ampliar o Mercado Relevante na qual se insere a análise do monopolista hipotético. Nesse caso, deve-se ampliar para a Bacia do Atlântico, onde se situam as principais concorrentes da Petrobrás, sobre o mercado brasileiro de derivados. (AEPET, 2019)

Mas quais são as verdadeiras causas da “contaminação” do governo pelo debate relativo à política de preços dos combustíveis?

A importância dos combustíveis para a economia se evidencia pelo impacto dos seus preços, em especial do diesel, em custos de produção e preços de tantas outras mercadorias essenciais à vida moderna.

A elevação dos custos dos caminhoneiros e a dificuldade de se elevar os preços dos fretes, sem impactar a viabilidade de diversos setores da economia, levam à questão do preço ao governo que precisa assumir seu papel de regulador da economia e mediador de crises.

Acabar com o falso “monopólio de fato” da Petrobrás no Refino não vai evitar que a questão dos preços dos combustíveis alcance o governo. O Governo não pode se eximir de administrar o País.

FALÁCIA #6: A venda dos ativos da Petrobrás nos levará à modernidade, à competição e à transparência e trará aumento do investimento no setor

“Se a Petrobras vender seus campos maduros, a metade do parque de refino e as subsidiárias que operam na distribuição de combustíveis e de GLP, como anunciou, se o mercado de gás for aberto para a competição, como tem sido discutido, e se a ANP estipular regras claras para a divulgação dos preços, estarão dados os passos mais importantes para modernizar o setor. Em pouco tempo teremos substituído um monopólio por uma indústria competitiva e transparente. Os investimentos crescerão. Os preços passarão a ser ditados pela competição e a ser divulgados de forma transparente, tornando sem sentido potenciais intervenções do governo.” (Oddone, 2019)

Neste trecho há uma coletânea de falácias. Destaco a Falácia da Teoria Irrefutável. Quando se apresenta argumentos e hipóteses que não podem ser testadas.

Como vimos anteriormente não há monopólio, a onda privatista defendida pode não trazer, e certamente não trará, com ela uma indústria competitiva e transparente.

A desnacionalização da indústria do Refino, Transporte e Comercialização de petróleo e combustíveis no Brasil pode trazer, isto sim, a formação de oligopólios privados de capital estrangeiro que buscam maximizar seus lucros de curto prazo.

É mais provável que haja aumento dos preços e sua vinculação ao preço internacional do petróleo, os lucros do segmento serão remetidos ao exterior, enquanto os bens e serviços serão contratados fora do país.

As desnacionalizações de outros setores da economia demonstram historicamente suas consequências para a economia do Brasil. A alegação de que privatizações trazem maiores investimentos não tem respaldo histórico.

Entre 2009 e 2014, a Petrobrás investiu US\$ 292 bilhões, média anual de US\$ 48,7 bilhões, em valores atualizados. Esta é a realidade concreta que deve ser contrastada com projeções ilusórias de abundância de capital estrangeiro em investimento produtivo no Brasil.

Por último, mas não por ser menos relevante, a competitividade em mercados com características idênticas a do petróleo - energias, em geral, indústrias de base e comunicações - são, no século XXI,

majoritariamente controlados por megaempresas financeiras, que detêm o controle acionário das poucas empresas com tecnologia e economia para neles atuar. Assim, é ilusório imaginar que haverá competição entre empresas de um mesmo dono. O insucesso da política de incentivos para a indústria automobilística, promovido pela ex-presidente Dilma Rousseff (2011/2012), foi uma comprovação desta assertiva.

- * Felipe Coutinho é presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET)
<http://www.aepet.org.br/w3/>

Referências

AEPET. (2019). Importância do Refino, do Transporte e da Distribuição do Petróleo e de seus Derivados para o Brasil e a Petrobrás. Fonte: <http://www.aepet.org.br/w3/index.php/conteudo-geral/item/2873-importancia-do-refino-do-transporte-e-da-distribuicao-do-petroleo-e-de-seus-derivados-para-o-brasil-e-a-petrobras>

Oddone, D. (27 de 4 de 2019). A Petrobras deve ser privatizada? Fonte: <https://m.oglobo.globo.com/opiniaao/a-petrobras-deve-ser-privatizada-23624372>

Wikipedia. (s.d.). Falácia. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fal%C3%A1cia>

28. É hora de parar Bolsonaro, por Luis Nassif

O que está ocorrendo não são apenas erros de políticas públicas que poderão ser consertados a partir das próximas eleições: estão promovendo desmontes irreversíveis, que se refletirão sobre o presente e sobre as futuras gerações

Luis Nassif - 30/04/2019

<https://jornalggn.com.br/noticia/e-hora-de-parar-bolsonaro-por-luis-nassif/?fbclid=IwAR2RxBoZD7fWY96GgzlcTyGOirJXY6T7t9aKzyATGWUEczzxla7OcSH19zE>



O país ainda não se refez do trauma do impeachment de Dilma. O desmonte institucional, induzido por Aécio Neves e convalidado pelo Supremo Tribunal Federal, produziu um caos geral. Assim, há sempre o prurido de reincidir e banalizar o impeachment como saída para as crises institucionais.

Mas o caso Bolsonaro é diferente de tudo o que se viu no país antes e depois da democratização. O país está entregue a um celerado, com ligações diretas com as milícias do Rio de Janeiro, comandando um bando de alucinados que assumiram posição de destaque no Ministério e que tem como único objetivo a destruição de todo sistema formal construído ao longo da história.

O que está ocorrendo não são apenas erros de políticas públicas que poderão ser consertados a partir das próximas eleições: estão promovendo desmontes irreversíveis, que se refletirão sobre o presente e sobre as futuras gerações.

A maneira como estão exercendo o poder, atropelando a noção de freios e contrapesos, esmagando o espaço político de quem pensa de forma diferente, subverte a noção de democracia. Em qualquer circunstância, uma ameaça de tal monta à democracia precisa ser combatida com a arma definitiva da própria democracia: o impeachment.

No campo ambiental, há um Ministro acusado de negociata, desmontando o sistema de defesa do meio ambiente, escondendo mapas ambientais, indispondo o país com a comunidade global civilizada,

com reflexos inevitáveis sobre as exportações do agronegócio. E afastando fiscais que ousaram, em outros tempos, multar Bolsonaro por pesca ilegal. É o absolutismo nas mãos de pessoas sem nenhum nível, com comportamento das milícias.

Na educação, um celerado que anuncia cortes de verbas às universidades, como consequência da tal guerra cultural. E, em vez de programas educacionais, incentiva o conflito entre professores e alunos.

Na economia, um Ministro sem a menor noção do mundo real, movendo-se exclusivamente pela ideologia, desmontando uma instituição com a história do BNDES, comprometendo as estatísticas do IBGE, ameaçando as redes de proteção social que, até agora, impediram a explosão final da violência e da miséria. Está matando os instrumentos de financiamento da infraestrutura, sem colocar nada no lugar.

Na presidência, uma família de desequilibrados, com ligações diretas com as milícias e, agora, estimulando a guerra no campo, criminalizando movimentos sociais, e interferindo em rebeliões internas de países vizinhos, expondo não apenas os vizinhos, mas o próprio Brasil, às consequências de uma guerra, comprometendo século e meio de tradição diplomática.

Liberais podem julgar que o interesse nacional está no mercado; desenvolvimentistas acreditam que está no Estado. Os Bolsonaro, pelo contrário, não têm a menor noção sobre o interesse nacional. E, junto com governadores irresponsáveis, como Wilson Witzel, do Rio, e João Dória Jr, de São Paulo, ampliando a violência policial como resposta à crise social.

O cenário pela frente é óbvio.

No campo econômico, o ideologismo cego de Guedes não permitirá a recuperação da economia e do emprego. A cada mês, mais

aumentará o exército dos desempregados e dos desanimados com o próprio país.

Na outra ponta, um presidente enlouquecido tentando eliminar o espaço político de todos que não concordem com suas loucuras. E estimulando a violência de ponta a ponta do país.

Como dois e dois são quatro, persistindo nessa loucura se terá em pouco tempo o caos social, a ampliação da miséria, do desalento, o crime organizado expandindo seu controle sobre o Brasil formal e as explosões sociais.

É impossível que os demais poderes, STF, Alto Comando, presidência da Câmara e do Senado, partidos políticos, assistam passivamente a essa destruição do país. É preciso parar Bolsonaro! Não se trata mais de disputa entre esquerda e direita, entre lulismo e antilulismo, mas de uma aliança tácita entre os setores minimamente responsáveis, para não permitir o desfecho trágico dessa loucura.

Cada dia a mais de governo Bolsonaro representa anos de destruição do futuro, até que o caos torne a selvageria irreversível.

É hora de parar Bolsonaro!

29. Por que o governo impõe modelo que está dando errado no mundo todo?

Por Maria Lúcia Fattorelli / Publicado em 2 de abril de 2019

O presidente Jair Bolsonaro, chega ao Congresso Nacional, acompanhado dos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia, e Senado, Davi Alcolumbre, para levar o projeto do governo de reforma da Previdência.

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Ao contrário de “resolver” problemas das contas públicas, a proposta de reforma da Previdência entregue por Bolsonaro ao Congresso representa graves danos às contas públicas:

Dano às contas públicas I: A “economia” de R\$ 1 trilhão que Guedes quer fazer corresponde ao valor que deixará de ser pago sob a forma de benefícios da Previdência e Assistência Social, ou seja, deixará de chegar às mãos das pessoas que usam o valor que recebe em consumo que movimenta a economia de forma virtuosa, fazendo retornar recursos ao próprio governo, sob a forma de tributos.

Dano às contas públicas II: Na “Capitalização”, a contribuição previdenciária que atualmente é paga por empregados e empregadores deixará de chegar aos cofres públicos! Assim, em vez de melhorar as contas públicas, a Capitalização vai significar um rombo às contas públicas, o que pode ser usado no futuro como justificativa para mais perdas de direitos!

Dano às contas públicas III: O governo não apresentou o cálculo do custo de transição para o modelo de Capitalização. Em alguns países esse custo chegou a superar o valor do PIB anual! Como apreciar essa PEC sem o devido conhecimento de seus graves danos às contas públicas?

A PEC 06/2019 segue recomendações de organismos estrangeiros como o FMI e Banco Mundial, segundo os quais seria necessário fazer tal “reforma” para que a economia volte a crescer. Nada mais falso, já que a falta de crescimento da economia não decorre de um suposto excesso de investimentos sociais, mas sim, da falta deles. O desenvolvimento socioeconômico do Brasil está amarrado

principalmente devido à atuação do Sistema da Dívida e danos decorrentes da política monetária do Banco Central, como antes mencionado.

A reforma da Previdência é a repetição de modelo indicado pelo BIS (Banco Central dos bancos centrais) em vários países, mas muitos deles já estão voltando atrás.

Por que o Brasil se submete a orientações contrárias aos interesses da sociedade brasileira?

A PEC 6/2019 representa graves danos também aos direitos sociais e destrói o modelo de solidariedade (no qual toda a sociedade contribui e é beneficiária de um conjunto de proteção social que vai muito além da aposentadoria), e visa entregar a nossa Previdência Social para bancos, os únicos que irão ganhar com a administração do regime de “Capitalização”.

[Estudo da Organização Internacional do Trabalho \(OIT\)](#), demonstra que dentre 30 países que enveredaram pelo caminho da capitalização, 18 já se arrependeram e voltaram atrás, devido ao elevado custo de administração, riscos do mercado e resultados negativos que prejudicaram as contas públicas, prejudicaram a classe trabalhadora e só beneficiaram bancos que receberam as contribuições, as taxas de administração, e não tiveram que se responsabilizar pelo pagamento de qualquer benefício.

Por que o governo quer impor modelo que está dando errado no mundo todo e só beneficia bancos?

A seguir, um breve resumo dos danos provocados pela PEC 06/2019:

1. Fim da solidariedade: cada trabalhador(a) terá uma conta individual, na qual depositará a contribuição definida, porém, os bancos que irão administrar essas contas não terão obrigação alguma de pagar benefício futuro, que dependerá do comportamento do mercado financeiro e poderá ser ZERO, deixando a classe trabalhadora totalmente sem proteção. O governo também não dá garantia alguma a esse modelo. É cada um por si! Esse modelo foi implantado no Chile e quebrou! Aposentados idosos estão se tornando mendigos e se suicidando!
2. Insustentabilidade: A arrecadação do INSS que hoje compõe as receitas da Seguridade Social deixará de ser paga por aqueles trabalhadores e trabalhadoras que optarem por esse regime de “Capitalização”, comprometendo a sustentabilidade das atuais aposentadorias.
3. Incerteza total: A PEC 06/2019 desconstitucionaliza as regras gerais para futuros servidores e segurados do INSS, e prevê que tais regras serão definidas posteriormente em Lei Complementar (que exige número menor de votos para ser aprovada), e não mais na Constituição.
4. Adiamento da Aposentadoria: No mínimo aos 65 para homens e 62 para as mulheres, mas a PEC está cheia de gatilhos que elevarão essa idade mínima para muito além disso.
5. Exigência de mais tempo de contribuição: No mínimo 20 anos (INSS), inclusive para trabalhadores e trabalhadoras rurais, ou 25 anos (servidores públicos), mas quem não quiser perder muito ao se aposentar terá que contribuir por 40 anos!

6. Fim da aposentadoria: Essa combinação de idade mínima avançada e contribuição mínima de até 40 anos significa o fim do direito à aposentadoria para aquelas pessoas mais vulneráveis, afetadas pela informalidade e pelo desemprego, e dentre estas sobressaem as mulheres.
7. Regras de Transição inaceitáveis: Exigência de 35/30 anos de contribuição, e mais a Regra 86/96, que sobe até chegar a 105/100 em 2033, ou seja, a soma da idade e do tempo de contribuição do trabalhador terá que dar 105, e da mulher 100!
8. Aumento da Contribuição Previdenciária: A PEC 6/2019 contém gatilhos para permitir o aumento da contribuição previdenciária do regime de servidores públicos, sem limite, o que configura confisco!
9. Fim da multa do FGTS no caso de demissão.
10. Fim das aposentadorias especiais para algumas categorias, como professores(as), bombeiros civis, vigilantes, entre outras que exercem atividades desgastantes e/ou de alto risco. Será exigida idade mínima de 60 anos e tempo de contribuição de 30 anos, para professores de ambos os sexos.
11. Redução para míseros R\$ 400,00 no benefício (BPC) aos idosos miseráveis maiores de 60 anos, chegando a um salário mínimo somente a partir dos 70 anos. Adicionalmente, para ter acesso ao benefício, não se poderá ter patrimônio superior a R\$ 98 mil, ou seja, basta ter uma pequena casa para perder o benefício.

12. Fim do Abono Salarial para quem ganha mais de 1 salário mínimo mensal. Com a mudança, 91,5% do total de pessoas que hoje podem receber o abono irão perder o benefício.
13. Redução da Aposentadoria por incapacidade permanente para 60%. Esse percentual só será maior para aquele(a) trabalhador(a) que ficou inválido(a) que já tiver mais de 20 anos de contribuição. Nesse caso, eleva-se 2% por ano de contribuição que exceder 20 anos. O benefício somente será de 100% no caso de invalidez causada pelas atividades do trabalho.
14. Redução do valor da Pensões por morte para 60%. Se houver dependentes, acrescenta-se 10% por dependente adicional. O valor será 100% somente no caso de morte causada pelas atividades do trabalho.
15. Redução de até 80% no caso de benefícios acumulados: Se uma pessoa recebe uma aposentadoria e passar a receber uma pensão, por exemplo, ela terá de escolher o benefício de maior valor, e sofrer uma redução de até 80% nos demais.
16. Danos extensivos a Estados e Municípios: As regras estabelecidas valem para todos os entes federados.

Por tudo isso, toda a sociedade deve participar das mobilizações e pressão sobre os parlamentares pela rejeição dessa PEC.

É preciso ter clareza de que neste momento só existem dois lados: o lado dos bancos que irão lucrar muito com essa PEC 6/2019 e o lado da Nação brasileira, que será fortemente sacrificada com essa destruição da Seguridade Social.

Maria Lúcia Fatorelli trata no Extra Classe de temas ligados à questão tributária no país. Auditora fiscal aposentada da Receita Federal, a colunista foi presidente do Sindicato Nacional da entidade e é Coordenadora Nacional da Auditoria Cidadã da Dívida desde a fundação do movimento no ano 2001, com diversos livros publicados no país e exterior. Atuou como membro da Comissão de Auditoria Integral da Dívida Pública do Equador, assessora técnica da CPI da Dívida Pública na Câmara dos Deputados e do Comitê da Verdade sobre a Dívida Pública, instituído pelo Parlamento Grego para realizar auditoria da dívida pública da Grécia.

-

30. A ONDE NOS LEVA O GOVERNO DE BOLSONARO?

Flavio Lyra, Economista.

Decorridos quatro meses do atual governo, os segmentos mais esclarecidos da sociedade brasileira, independente de coloração ideológica, já evidenciam uma grande perplexidade em relação ao futuro.

Até mesmo a burguesia financeira, que sempre tem se mostrado alheia às questões mais amplas do desenvolvimento do país, vêm dando sinais de preocupação com os desmandos do governo.

Para essa burguesia já não basta a acumulação de riqueza financeira, na qual tem sido tão bem-sucedida, com a ajuda do Banco Central através das altas taxas de juros reais que têm prevalecido e mantido o país num ritmo de expansão econômica muito inferior a seu potencial.

O governo, em sua ânsia liberalizante, está propondo a independência do Banco Central, para o gáudio do sistema financeiro, que já não se contenta com o grande poder que detém sobre a política monetária do país, do que tem resultado taxas de juros reais elevadas, crescimento descontrolado da dívida pública e baixo crescimento econômico.

A tentativa de contenção do déficit fiscal, mediante o arrocho nos gastos sociais, inaugurada durante o último governo do PT e aprofundada no Governo-Temer, transformou a recessão que começara a manifestar-se em 2013, numa crise profunda, já caracterizada por alguns especialistas como uma depressão.

A burguesia financeira jogou todas as cartas na eleição de Bolsonaro, acreditando que agora seria a oportunidade de desmontar a Constituição de 1988, acabar de uma vez por todas com a política de seguridade social nela embutida e por esse meio gerar recursos financeiros para atenuar o ritmo enlouquecido de expansão da dívida pública, alimentado pelas altas taxa de juros de reais, supostamente requeridas para manter a inflação sob controle.

O alucinado Ministro da Economia, Paulo Guedes, saído da Universidade de Chicago há mais de trinta anos, época em que o monetarismo sectário de Friedman era a Bíblia dos economistas, foi escolhido por Bolsonaro, como o salvador da pátria. O homem fadado à “gloriosa” missão de reduzir o tamanho do Estado na economia do país e assim obter os recursos fiscais para reduzir o peso da dívida pública e recuperar o crescimento econômico.

Os apoiadores do governo resistem a ver que a grande capacidade ociosa na indústria e a alta taxa de desemprego decorre da falta de demanda efetiva e insistem na suposta necessidade de reduzir a qualquer custo a despesa pública, na vã esperança de que os investimentos privados irão tirar a economia do fundo do poço.

Imaginam ingenuamente que a redução dos custos salariais produzidos pelas reformas trabalhista e da previdência serão suficientes para aumentar a confiança dos empresários e induzi-los a aumentar os investimentos.

Esquecem que, sem perspectiva de aumento nas vendas (a conhecida demanda efetiva) e grande capacidade ociosa nas instalações, não haverá estímulo para os empresários aumentarem o investimento.

Raciocinam estupidamente, como se os cortes nos gastos da previdência social fossem unicamente uma forma de economizar recursos financeiros para pagar os serviços da dívida pública e não tivessem impacto negativo sobre a demanda de bens e serviços, gerando redução das vendas e aumento da capacidade ociosa das instalações produtivas.

Caminha-se, assim, para a manutenção do baixo nível de atividade econômica e do alto nível de desemprego, que já alcança 13 milhões de pessoas.

Isto, ao lado de outras insanidades que tem caracterizado a atual administração tornam o futuro do país sombrio e fica difícil imaginar o que nos espera no plano político.

Brasília, 27 de abril de 2019.

-- Divulgação www.desenvolvimentistas.com.br

Parte III

Artigos autores Torres RS/Passo de Torres-SC

1. CRÔNICA DA CIDADE

Mariana Rodrigues

Nasci e vive no Passo. Pouco conheço do resto do mundo, embora já tenha terminado o II Ciclo e me esteja preparando para o vestibular. Quero ser enfermeira. Soube que o Brasil tem grande reconhecimento internacional nesta área e que os profissionais são requisitados em vários países estrangeiros. Por enquanto, porém, aproveito o que resta deste verão chuvoso e fico de olho nas oportunidades que podem aparecer. Já me falaram que devia sair do Brasil, procurar sair pra Portugal, que está na moda e onde os cursos superiores são, segundo dizem, gratuitos. Mas como fazer isso? Por aqui há pouca informação a respeito. Sabe-se muito pouco. Além disso, apesar dos problemas vividos pelo Brasil ainda acho difícil abandonar família, costumes, a pátria. Não seria melhor lutar para resolver um pouco dos problemas que vivemos? Não sei. Estou pensando. E pensando percorro nas tardes quentes ruas e ruelas do Passo procurando entendê-la na sua natureza, no seu cotidiano, no seu destino. No meu destino.

Essa é uma cidade nova, muito nova, embora há muito tempo tenha sido uma passagem entre os campos do Rio Grande do Sul e o centro do Brasil, para onde ia o gado criado à solta nas vacarias pampeanas. Vivamos durante muito tempo à sombra de Torres, interligados por uma balsa comandada por uma Senhora, que soube há pouco, vinha a ser a bisavó do Jaime Batista, conhecido historiador filho daqui. Depois da só balsa, começou a ida e vinda Torres-Passo pela ponte Pênsil, lá pela década de 1980, garantindo a muitos bons empregos nos veraneios. Agora, porém, a ponte encurtou o caminho e são os torrenses que aqui chegam fazendo do Passo um bairro popular da aristocrática vizinha. Acho que isso foi bom. Trouxe mais gente, mais movimento na cidade e, principalmente, maior diversificação das atividades na cidade. Antigamente, era só peixe e peixarias. Barcos embarcados e

barcos apitando na chegada. Cidade pobre, de pescadores vocacionados ao mar alto. Agora a cidade tem Prefeito, Escolas Municipais e uma Estadual, com II Ciclo, onde estudei. Aparecem atividades esportivas que desconhecíamos, como stand up paddle, que fez um torneio semana passada, além dos circuitos de bike e corridas rústicas. Sei que há jornais e uma rádio local embora ainda não saiba bem onde e como funcionam. Mas isso tudo são novidades às quais vamos nos acostumando. Soube, outro dia, por uma amiga, lá da Rosinha (Rosa do Mar), de sua premiação no último 12º. Poesia na Escola de Torres, aberto aos alunos daqui da rede. Ela me mostrou, muito contente, seu poema, triste por não ter sido publicado em nenhum lugar. Ocorre-me, então trazê-lo aos leitores de A FOLHA, na esperança de que circule mais e melhor. Ei-lo

1.1 AMOR E PAIXÃO

Rayla Pinheiro Valim – Escola Municipal Vila Nova

Amor é um sentimento abstrato

Uma ilusão que engana

Algo errado, certo, ou decisão própria.

O amor carrega a paixão. Ilusão-

A paixão é algo errado?

Alguma ilusão ou sentimento impróprio?

Acho que é uma decisão algo que você escolhe.

Mas tem pessoas que se deixam levar por outras escolhas.

Amor é diferente de paixão,

Paixão você nos outros o que você espera,

Amor é algo duradouro. Algo eterno.

2. CRONICA DA CIDADE – A FOLHA, Jornal Torres RS

2.1 OUTONO

Fabio Marengo

Passo de Torres tem surpreendido toda a região onde está inserida nesta estremadura do sul catarinense. De uma desdenhada vila de pescadores até a construção da ponte de concreto que a transformou num verdadeiro bairro de Torres, a cidade cresceu, se multiplicou, passando de 4.000 para cerca de 12 mil atuais e promete ir muito longe. Não lhe faltam espaço para a ampliação urbana, nem oportunidades de investimento produtivo, nem disposição de sua gente. As autoridades municipais, aqui, não correm o risco que corre Torres, cada vez menor e em vias de perder o acesso à BR 101 no dia em que a Vila São João alcançar sua autonomia. Tudo indica que o Passo, em breve, se fará ainda mais presente nestas paragens. Além disso, detém uma faixa de perto de 15 km de balneários bastante procurados e, mais recentemente vem despertando uma especial vocação como área boêmia. O Sarau do dia 15 de março, no Quintal da Dindinha, surpreendeu muita gente pela alegria contagiante, típica de grupos ligados à cultura e underground, tendo contado, inclusive, com momentos poéticos surpreendentes. Dois outros pontos divertidos da cidade são os bailes vespertinos dos sábados no Mirante das Águas, na Beira Rio, inaugurado pela Professora Ledir Bristot, há alguns anos, e os encontros dançantes da terceira idade no Centro de Convivência, reconstruído depois de um temporal que quase o leva abaixo.

Falando em Ledir Bristot, prestamos-lhe homenagem nesta fase de sua vida em que os contratempus de saúde a tiraram de um convívio mais efetivo conosco. Enquanto esteve ativa desenvolveu muitas atividades entre nós, dentre as quais a iniciativa de criar a Casa do Poeta de Passo de Torres, com a edição da I Antologia de Poetas, sob o título “Vozes do Mar”.

Aledir Bristot nasceu no primaveril 20 de setembro de 1942, em São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul. Formou-se em Letras Indoeuropeias pela UNISINOS, em São Leopoldo, vindo, depois a graduar-se em História pela Faculdade Portoalegrense. Fez Mestrado em Linguística e Letras na PUCRS complementando a formação acadêmica com o Doutorado na Universidade de São Paulo. Em 1989 veio para o Passo de Torres, lecionando na Escola Estadual Ildo Meneghetti. Deu o primeiro passo, em companhia do Poeta Joaquim Moncks para a montagem da Casa do Poeta de Torres, daí resultando a citada Antologia. Dela, o oportuno poema “Outono”, que se abre, justamente neste equinócio de 20 de março, a estação dourada:

2.2 OUTONO

Aledir Bristot

Nem frio, nem calor

Apenas vontade

de encontrar um grande amor.

O verão agoniza

e insiste em ficar,
mas o tempo não pára,
é preciso andar, andar muito,
pois a vida continua.

Estação das frutas, néctar da vida,
estação do vento morno,
carinho, aconchego e paz,
marcas definitivas
do tempo que se refaz.

Lindos tapetes no chão
formados por folhas caídas,
colorindo a natureza
lugar definido
por onde hei de passar.

3. Passo de Torres, cidade progressista

Paulo Timm – A FOLHA Abril2019



Localizada na divisa com o estado do Rio Grande do Sul, Passo de Torres, hoje com cerca de 14 mil habitantes foi tradicionalmente uma vila de pescadores. Hoje é um balneário bastante procurado por veranistas do sul do Estado e surfistas. Através da lei estadual 8.350 de 26 de setembro de 1991 foi elevado à categoria de município com o mesmo nome, Passo de Torres, sendo efetivamente instalado em 1 de janeiro de 1993. As praias dos Molhes, Rosa do Mar e Bella Torres são as mais famosas. Tem atrações turísticas como o Morro dos Macacos, parque de proteção do macaco-prego, a 8 km do Centro, além da vasta orla marítima. Destaque também para a Festa Nossa Senhora dos Navegantes (fevereiro) e a Festa do Peixe e do Pescador (maio, nos anos ímpares).

O nome de Passo de Torres originou-se do trânsito de mercadorias e pessoas que provinham de [Laguna](#) ao território de [São Pedro do Rio Grande](#), desde o começo do século XVIII. Um nome que evoca daqueles tempos heroicos é Cristovam Pereira, meu ancestral, considerado o descobridor do Rio Grande Sul, um rico contratador de couros que abriu o Caminho dos Conventos serra acima, em torno de 1732, ali transportando 2000 cabeças de gado em direção à Sorocaba. Era o começo da articulação do extremo sul do país à economia nacional e que, na verdade, só se consolidará depois de 1780 com o aparecimento das charqueadas. Os locais à margem dos rios eram conhecidos por passos. Passo de Torres foi, provavelmente, o nome original da região que envolvia as duas margens do [rio Mampituba](#), em sua foz. A ocupação pelo homem branco viria, entretanto, a ocorrer só ao final do [século XIX](#), quando, em 1881 no ato da criação do Passo do Sertão, atual São João do Sul, é mencionado o arraial de Mampituba, habitado por algumas famílias. Em 1891 a comunidade tem seu marco na fundação da capela em 22 de março de 1944. Entre os moradores mais antigos têm-se Manoel Maciel, Manoel Neto, José Ignácio, José Gonçalves dos Santos, Osório Hespagnol, Antônio Lira e Manoel Laurentino, sendo de se registrar que dois irmãos, Luciano e Manoel Rodrigues da Silva aqui se instalaram em 1720, o primeiro vindo a casar com uma das filhas do fundador de Torres-RS, segundo pesquisas desenvolvidas por Jaime Batista e Bento Barcelos.

4. PASSO DE TORRES: Crescimento equilibrado

Por Paulo Timm

Passo de Torres é uma cidade relativamente nova – fundada em 1991 – conservadora e pequena, apesar do grande salto demográfico depois da construção da ponte de concreto (2007) que a interligou à soberba Torres, a mais bela praia gaúcha, com uma população estimada em pouco menos de 15 mil habitantes. Seu atual Prefeito, Jonas Gomes de Souza, iniciou-se na Política como vereador pelo PT, em 2012, num esforço concentrado deste Partido em torno de seu nome. Com bom desempenho, filho da terra, muito bem relacionado, foi, em 2016 escolhido pelo MDB como candidato a Prefeito. Ganhou e tem feito uma gestão de bom desempenho na área de educação e obras públicas básicas, ainda que haja muito, ainda a fazer na cidade. Eis o resultado, francamente favorável à Bolsonaro no segundo turno das eleições em 28/10/2018:

Jair Bolsonaro (PSL) – 3.151 votos

Fernando Haddad (PT)- 1.217 votos

A cidade, com origem numa pequena vila de pescadores e peixarias, vai, porém, aos poucos, ganhando foros de cidade pequena, com grande peso da classe média. Os indicadores sociais a situam acima dos níveis médios nacionais, embora se possa prever uma ligeira queda da renda per capita no próximo censo em decorrência do salto demográfico. A cidade, subitamente, converteu-se num bairro de Torres. A população em 2000 era de 3.300 habitantes e em 2010 já chegava a 6 631 habitantes. Nove anos depois, dobrou.

Indicadores	
IDH-M	0,72 <i>alto PNUD/2010</i> ^[3]
PIB	R\$ 47 936,018 mil <i>IBGE/2008</i> ^[4]
PIB per capita	R\$ 8 598,39 <i>IBGE/2008</i> ^[4]

Esse caráter de cidade de classe média se revela no atendimento da Secretaria de Desenvolvimento Humano do Município, encabeçada pela Sra. Marlene Dutra aos segmentos vulneráveis da população local. Informações prestadas pela responsável pelo Centro de Referência em Assistência Social do Município, Geovana Moraes Lima, dão conta de que apenas umas 30 mulheres são atendidas em cursos profissionalizantes, voltados ao desenvolvimento de trabalhos com jornais e biscuits, outras 25 com cursos de maquiagem e desenho de sobancelhas e 12 crianças e adolescentes com trabalhos de artesanato em tecido, biscuits e latas. Estas crianças estão, neste momento, se dedicando a projetos de ornamentação para a Páscoa. Informa, também a Assistente Social do CRAS,

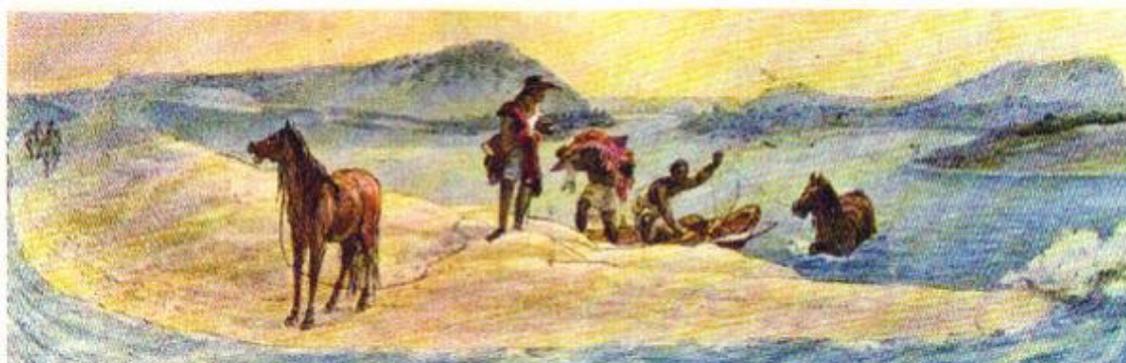
Geovana M. Lima que de 30 a 40 cestas básicas são oferecidas mensalmente pela Secretaria de Desenvolvimento Humano. Tais números confirmam, portanto, a percepção de uma cidade que apesar do crescimento vem mantendo um certo equilíbrio social, sem aumento significativo de pobres e miseráveis e praticamente nenhum morador permanente de rua. Eles até aparecem no verão mas vão desaparecendo com o fim do verão.

Passo de Torres se revela, portanto, vem se como um polo novo de desenvolvimento urbano no sul de Santa Catarina, oferecendo uma suficiente rede escolar de creches, ensino fundamental e médio de boa qualidade, além, agora, de um Polo de Ensino à Distância – EAD – com oferta de 200 cursos da Universidade Estácio de Sá.

5. Cristóvão Pereira de Abreu 1678-1755–

O Inventor do Rio Grande do Sul.

Paulo Timm –



Cristovão Pereira de Abreu foi um fidalgo português, de esmerada educação, requintados gostos e ágil palavra ao cair da pena, o que lhe valeu o brilho no registro de vários relatórios ao longo da vida. Nasceu em 13 de julho de 1678 em Ponte de Lima, Portugal, freguesia do Fontão, filho de João de Abreu Figueira e Leonor de Amorim Pereira. Faleceu a 22 de novembro de 1755, aos 77 anos, na Vila de Rio Grande de São Pedro, hoje cidade riograndina. Lá sediou-se, depois de muitas peregrinações ao longo da costa sul das terras que viriam a ser lusitanas, ainda que bravamente disputadas com espanhóis, entre São Vicente e Colônia do Sacramento, o que lhe valeu a fama de “inventor” do Rio Grande do Sul. Teria chegado ao Brasil aos 20 anos de idade, nos idos de 1700, trazido pelo pai, já

estabelecido no Rio de Janeiro, exerceu diversas atividades, antes de se transformar no protótipo do explorador a serviço da Coroa Portuguesa, ora como beneficiário de Cartas Comerciais, que lhe deram o monopólio do couro e do tabaco, ora como militar, tendo operado na negociação com franceses para a desocupação da cidade do Rio de Janeiro, em guerras contra espanhóis no sul e junto as forças luso-hispânicas nas Guerras Guaraníticas 1754-56.

Graças à sua experiência no eixo Colônia-Laguna, com grande relacionamento com populações indígenas, foi encarregado pelo Vice Rei de levar, como Coronel de Ordenanças, a frota do brigadeiro José da Silva Paes para fazer o reconhecimento da barra do Rio Grande de São Pedro, onde seria construído o Forte Jesus Maria e José de Rio Grande, a partir de 1737, um dos pontos da conquista das vastidões riograndenses. O outro ponto, que mais lhe notabilizaria, proveio de Laguna, núcleo fundado pelo paulista Domingos de Brito Peixoto, em 1676, quem recebeu das autoridades coloniais a patente de guarda-mor, em 1721, para descer pelo litoral ao sul com objetivo de fundar povoações que garantissem o controle da região e o registro do gado criado à solta nas vacarias pampeanas que se estendiam até o Rio da Prata e que desde 1703 eram levados para o centro do Brasil Colônia. Lá de desenvolviam-se cidades e comércios graças ao ciclo do ouro. Com efeito, em 1725, João Magalhães penetra no Rio Grande com uma frota de 31 lagunistas e em 1732 esta investida resulta na concessão da primeira sesmaria a Manoel Gonçalves Ribeiro na parada das Conchas, junto ao Rio Tramandaí. Neste ponto iniciou-se um registro de passagem de tropas e mercadorias que, mais tarde, seria transferido para Torres. Cristovam Pereira participou intensamente deste processo, tendo operado como elo de ligação entre os dois pontos (Rio Grande, por mar, Caminho das Praias e por terra, a partir de Rio Grande, Caminho da Serra, passando por Viamão) creditando-se, inclusive, a ele, um papel pioneiro em Torres: Ele teria construído um descanso (taipa) das tropas, nesta cidade próximo ao Rio Mampituba, por onde atravessava-se o gado, tendo, talvez, sido um baluarte do “Potreiro”, em Torres, junto à travessia do Rio, como percebeu R.R.Ruschel em sua crônica “O curral da Torre”, de 28.02.1997 (Torres tem História, Ed. EST, 2004 pg 781) e sugere Bento Barcelos no seu último livro – “Vale do Mampituba”. Um desenho atribuído a Debret, no início do século XIX, acima, ilustra esta passagem.

“O velho Neco, segundo o conselho dos velhos, era um homem abastado (em Torres) . Tinha 80 escravos e enormes extensões de terras no Vale do Mampituba e foi quem mandou construir uma taipa de pedras da Torres do Centro (Morro das Furnas). Em função da temporalidade este escriba não acredita nesta hipótese. (...) O mais provável ainda poderia ter sido construída pelo português Cristóvão Pereira, o

primeiro que se tem notícias que passou por aqui e por muito tempo nos tempos das tropeadas.”

Em tudo isso Cristovam Pereira de Abreu é um personagem ímpar. Centrado no comércio dos couros em Colônia parece ter se deslocado para o comércio do tabaco, em 1710, bem como para o transporte de gado, muito provavelmente em decorrência da precariedade do controle lusitano sobre Colônia, várias vezes ocupada por espanhóis. Isso forçava a saída dos portugueses para o interior do Rio Grande. Já no ano de sua fundação, em 1680, Colônia foi arrasada, voltando, entretanto, ao controle de Portugal em 1683, para voltar a cair em mãos espanholas entre 1704 e 1715. Neste ano, até 1736, mercê de entendimentos entre as duas Coroas, os portugueses a reassumem, justo quando se inicia a expansão lusitana sobre o território rio-grandense com a concessão de diversas sesmarias no litoral e nas cercanias de Viamão, onde se iniciam as primeiras estâncias, e se expande o contrabando de gado para São Paulo que traria no seu bojo o protagonismo de Cristóvão Pereira e suas passagens por Torres. Registre-se que, mesmo com a abertura, em 1843, do Caminho da Serra, partindo de Viamão a Lages, o Caminho das Praias deve ter prosseguido com certa desenvoltura visto ter exigido o registro de passagem das tropas em Torres em 1871.

6. PÁSCOA: A TRAVESSIA DO MAR PARA O PERDÃO

Paulo Timm – Especial A FOLHA, 19/26 abril 2018

Neste fim de semana católicos do mundo inteiro celebram a Paixão de Cristo e a Páscoa. As crianças se divertirão no sábado de Aleluia, sem saber exatamente o porquê, na malhação do Judas. Os camioneiros, aliás, estão pegando carona nesta tradição fazendo do Presidente Bolsonaro, em quem depositaram grande confiança e incontáveis votos no ano passado, “O Judas” da ocasião. Consideram-se traídos pelo Presidente na questão da elevação do preço do diesel, que acabou aumentando, mesmo depois das tentativas deste em frear a PETROBRÁS. Coisas, enfim, dos tempos de Páscoa...

Mas qual o real significado da Páscoa para os cristãos?

Neste domingo de Páscoa há duas celebrações: Uma, tradicional, de origem judaica – e Cristo era judeu e versado nas escrituras – que relembra, com júbilo a fuga do Egito, onde os judeus eram escravizados. Tem a ver com a palavra Pessach que significa travessia, nome, aliás, de uma das mais belas canções de Milton Nascimento. Tudo se relaciona... Naquele tempo, Cristo entra em

Jerusalém, às vésperas de sua crucificação, onde é recebido com muitas ramos simbolizando a esperança sobre seus ensinamentos, junto com milhares de outros judeus que para lá se dirigiam para celebrar a data. Exatamente como fazem, hoje, os muçulmanos quando se dirigem à Meca. São ambas, cidades santas e eternas. Com a morte de Cristo e expansão de sua BOA NOVA a 1 bilhão e 299 milhões (17,8% da população mundial) o que era uma seita judaica transformou-se numa nova religião, universal, aberta a todos os povos do mundo. A Páscoa, então, começou a ter um novo sentido, que é a consagração do Novo Testamento, numa ruptura fundamental com a teologia judaica. São Paulo, cidadão romano, mais ilustrado que os apóstolos, teve, neste processo, importante papel, a partir da Grécia, tendo, inclusive que se esbater com São Pedro, para dar ao cristianismo este caráter universal.

Catolicismo é, pois, um termo amplo para o corpo da fé católica, a sua teologia, doutrinas, liturgia, princípios éticos, e características comportamentais, bem como um povo religioso como um todo. A própria palavra catolicismo, em grego – *katholikos* - significa “geral” ou “universal”, algo muito diferente da ideia de povo eleito tão defendida até hoje pela ortodoxia judaica. Com o tempo e até pelo contágio inicial dos Evangelhos com os povos helenizados, antagonizados pelo povo de Israel, o cristianismo acabou fundindo-se com a Filosofia Clássica, sobretudo ensinada por Platão, dando os fundamentos ao que convencionamos denominar com Civilização Cristão Ocidental – um mix da fé e razão como fundamento das coisas -, da qual foram topicamente excluídas algumas crenças judaicas. Daí porque ao longo da Idade Média terem os judeus sido tão cruelmente perseguidos, desembocando os preconceitos contra eles no holocausto da II Guerra Mundial. A Inquisição, foi, na verdade, a ante-sala do holocausto tendo forçado milhões de judeus à mudança de crenças e nome (Portugal), passando a chamar-se “cristãos novos”, quando não sacrificados injustamente ou obrigados ao exílio, tendo, grande parte deles se radicado na Holanda.

O que importa de tudo isso é que a Páscoa se transformou numa metáfora de travessia, que se iniciou, com efeito na fuga dos judeus do Egito, mas que se prolonga ao longo de toda a história universal numa procura de um novo e melhor horizonte, pessoal, nacional e universal através da determinação da alma, da ideia de progresso material fundada na Ciência, e do respeito à todas as vozes da sociedade por meio do diálogo. Vingança NUNCA MAIS! Ulísses, na sua “odisseia” de voltar à casa, para onde todos sempre retornamos, revive em Cristo e todos aqueles que perseguem o “novo” com amor, sem ressentimentos. Nada melhor, para expressar a Páscoa do que estes versos finais de um soneto do Poeta João Carlos Taveira, de Brasília:

“Perdoa amada,

Pelo perdão,

Que do amor foi feito”

7. PREVIDÊNCIA: REFORMA OU REVOLUÇÃO?

Paulo Timm. Publicado A FOLHA, Torres RS – Abril 04

O assunto em pauta em todas as esferas de governo, entre os analistas de conjuntura e na mídia é a Reforma da Previdência. Neste semana, dia 03 o Ministro da Fazenda foi à COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA da Câmara dos Deputados explicar o conteúdo e implicações do Projeto da Reforma em tramitação naquela Casa e foi um Deus nos Acuda. O Ministro ficou praticamente sozinho apanhando por todos os lados. No fim de cinco horas, esgotado, ao ser chamado de tchuhcuca por um deputado do PT explodiu: Tchuchuca é a mãe... . Fim de papo. Encerrou-se a sessão. A Bolsa caiu, o dólar subiu e os prognósticos econômicos para 2019 pioraram... Imediatamente, o Presidente Bolsonaro, percebendo as repercussões negativas do fato, convidou todos os Presidentes de Partido alinhados com o Governo para uma reunião de entendimentos no Palácio do Planalto, que viria a ocorrer, sem grandes resultados no dia 4. Port sorte, a semana vai terminando e dará tempo ao Governo para avaliar melhor sua estratégia para a aprovação da Reforma da Previdência no Congresso Nacional. A tática de desmerecer, senão atacar, os parlamentares com base no velho apetite destes pela indicação dos milhares de cargos em comissão no Governo, não deu certo. É boa para a guerrilha de twitters, mas ruim para a formação do indispensável consenso político entre Governo e Base Parlamentar para o andamento dos projetos governamentais.

Até aqui, entretanto, a Reforma da Previdência ainda é um assunto para iniciados. Os eleitores ainda não estão entendendo muito bem do que se trata e até vão se distribuindo como numa final de campeonato de futebol: Uns são contra a "Reforma", outros contra. Fica, então, a pergunta: Em que consiste esta Reforma da Previdência proposta pelo Governo?

Vejamos:

Primeiro: A ideia de Reforma, como quem reforma uma casa, dá uma ideia de que vamos apenas mudar algumas poucas coisas de forma a ajustar à velha casa à uma nova realidade ou necessidade: Trocar as telhas, dividir um quarto, pintar a fachada, até levantar uma nova parede. É diferente de ir morar no quatinho dos fundos enquanto derruba a casa e faz uma nova. Isso não é Reforma. É mudança. Pois bem, o Governo insiste na tese de que está fazendo uma Reforma, uma reforminha, no que existe, e até dá o argumento de que tem muita gente privilegiada pelo atual sistema que deve ir prum quatinho menor, pra dar lugar pra todo mundo. Ora, isso não é verdade. E é

importante que se diga, sem, contudo ser contra ou a favor do que o Governo pretende fazer. Demos nome aos bois: O Governo está mudando o sistema de previdência que vem desde os anos 1940, passando de público, que supõe a aposentadoria como um direito dos trabalhadores, para um sistema privado, em que este benefício passa a ser um dever - uma obrigação - de cada um. Ponto. Disso se trata.

Segundo: O Governo diz que vai cortar os privilégios dos servidores públicos cujo teto na ativa é de perto de R\$ 40.000,00, chegando em alguns casos do Judiciário ao dobro deste valor. Um absurdo. Bom, neste caso, o Governo poderia propor uma redução deste teto na ativa mesmo em dez anos, de forma que daqui a um tempo ficasse no máximo em R\$ 20.000,00, o que já é um senhor salário à vista de que 100 milhões de brasileiros ganham até 1 salário mínimo. Junto com isso, poderia simplesmente cumprir para todos os servidores, de todos os níveis – União, Estados e Municípios –, civis e militares, o teto de aposentadoria já definido por Lei de 2013, equivalente ao teto do INSS, em torno de R\$ 5.000,00. Pronto. Com isso faria uma enorme economia fiscal, sem mexer em mais nada. E, principalmente, sem mudar o sistema de previdência.

Terceiro: Se a situação fiscal do Governo tão grave assim melhor seria chamar a um grande PACTO NACIONAL e não tentar através de um PACOTÃO toda uma nova casa, com o risco de deixar muita gente no sereno no meio do caminho. REVIDÊNCIA: PÚBLICA OU PRIVADA

O assunto em pauta em todas as esferas de governo, entre os analistas de conjuntura e na mídia é a Reforma da Previdência. Nesta semana, dia 03 o Ministro da Fazenda foi à COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA da Câmara dos Deputados explicar o conteúdo e implicações do Projeto da Reforma em tramitação naquela Casa e foi um Deus nos Acuda. O Ministro ficou praticamente sozinho apanhando por todos os lados. No fim de cinco horas, esgotado, ao ser chamado de tchuhcuca por um deputado do PT explodiu: Tchuchuca é a mãe... . Fim de papo. Encerrou-se a sessão. A Bolsa caiu, o dólar subiu e os prognósticos econômicos para 2019 pioraram... Imediatamente, o Presidente Bolsonaro, percebendo as repercussões negativas do fato, convidou todos os Presidentes de Partido alinhados com o Governo para uma reunião de entendimentos no Palácio do Planalto, que viria a ocorrer, sem grandes resultados no dia 4. Port sorte, a semana vai terminando e dará tempo ao Governo para avaliar melhor sua estratégia para a aprovação da Reforma da Previdência no Congresso Nacional. A tática de desmerecer, senão atacar, os parlamentares com base no velho apetite destes pela indicação dos milhares de cargos em comissão no Governo, não deu certo. É boa para a guerrilha de twitters, mas ruim para a formação do indispensável consenso político entre Governo e Base Parlamentar para o andamento dos projetos governamentais.

Até aqui, entretanto, a Reforma da Previdência ainda é um assunto para iniciados. Os eleitores ainda não estão entendendo muito bem do que se trata e até vão se distribuindo como numa final de campeonato de futebol: Uns são contra a "Reforma", outros a favor. Fica, então, a pergunta: Em que consiste esta Reforma da Previdência proposta pelo Governo?

Vejamos:

Primeiro: A ideia de Reforma, como quem reforma uma casa, dá uma ideia de que vamos apenas mudar algumas poucas coisas de forma a ajustar à velha casa à uma nova realidade ou necessidade: Trocar as telhas, dividir um quarto, pintar a fachada, até levantar uma nova parede. É diferente de ir morar no quatinho dos fundos enquanto derruba a casa e faz uma nova. Isso não é Reforma. É mudança. Pois bem, o Governo insiste na tese de que está fazendo uma Reforma, uma reforminha, no que existe, e até dá o argumento de que tem muita gente privilegiada pelo atual sistema que deve ir prum quatinho menor, pra dar lugar pra todo mundo. Ora, isso não é verdade. E é importante que se diga, sem, contudo ser contra ou a favor do que o Governo pretende fazer. Demos nome aos bois: O Governo está mudando o sistema de previdência que vem desde os anos 1940, passando de público, que supõe a aposentadoria como um direito dos trabalhadores, para um sistema privado, em que este benefício passa a ser um dever - uma obrigação - de cada um. Ponto. Disso se trata.

Segundo: O Governo diz que vai cortar os privilégios dos servidores públicos cujo teto na ativa é de perto de R\$ 40.000,00, chegando em alguns casos do Judiciário ao dobro deste valor. Um absurdo. Bom, neste caso, o Governo poderia propor uma redução deste teto na ativa mesmo em dez anos, de forma que daqui a um tempo ficasse no máximo em R\$ 20.000,00, o que já é um senhor salário à vista de que 100 milhões de brasileiros ganham até 1 salário mínimo. Junto com isso, poderia simplesmente cumprir para todos os servidores, de todos os níveis – União, Estados e Municípios –, civis e militares, o teto de aposentadoria já definido por Lei de 2013, equivalente ao teto do INSS, em torno de R\$ 5.000,00. Pronto. Com isso faria uma enorme economia fiscal, sem mexer em mais nada. E, principalmente, sem mudar o sistema de previdência.

Terceiro: Se a situação fiscal do Governo tão grave assim melhor seria chamar a um grande PACTO NACIONAL e não tentar através de um PACOTÃO uma verdadeira revolução, com o risco de deixar muita gente no sereno no meio do caminho.

PARTE IV

ANEXO – OS CEM DIAS DE BOLSO

Coletânea de artigos - Paulo Timm – Org.

(Uso exclusivo sala de aula)

- **A palavra oficial**

https://www.youtube.com/watch?v=T_yaSxkGDJO

SALVAR Brasil 11.04.19 15:59

- **A lista de projetos dos 100 dias de Bolsonaro**

A Crusóé fez um resumo dos atos revogados, projetos e decretos anunciados por Jair Bolsonaro na cerimônia que marcou os cem primeiros dias de seu governo. Clique no link abaixo para ler a lista.

<https://www.oantagonista.com/brasil/a-lista-de-projetos-dos-100-dias-de-bolsonaro/>

[Os 18 projetos para marcar os 100 dias](#)

- **100 DIAS: Tensões e Crises**

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/em-100-dias-turbulencias-de-bolsonaro-va-de-tensao-com-o-congresso-a-crise-no-mec.shtml>

<https://www.facebook.com/rdctvdigital/videos/366193493994916/?t=15>

- **A Folha selecionou 11 memes essenciais para entender os 100 primeiros dias do governo Jair Bolsonaro. Confira na galeria abaixo**

<https://catracalivre.com.br/colunas/dimenstein/folha-explica-os-cem-dias-do-governo-bolsonaro-em-memes/>

- **Cem dias sob o domínio de perversos**

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html?id_externo_rs_oc=FB_CC&fbclid=IwAR29xdX_McUfwdggLw1O2LZ25KJTRQgWjzevM46yGjqrIA_e8gNp03CVTK

A

- **GOVERNO BOLSONARO: Os cem primeiros dias**

Horacio Luna – Especial A FOLHA, Torres/RS -abril 12

O Presidente Jair Bolsonaro, capitão precocemente reformado do Glorioso Exército Brasileiro, cumpriu ontem, dia 10 de abril (2019) seus primeiros cem dias de Governo. Este marco – dos cem dias – tornou-se uma praxe, desde que o Presidente F.D.Roosevelt, eleito Presidente dos Estados Unidos no auge da Crise dos Anos 1930, divulgou seu famoso relatório mostrando os seus feitos gigantescos. Ele seria reeleito, comandaria a entrada dos americanos na II Guerra Mundial, mas, lamentavelmente, morreria antes de finalizar seu mandato. Substitui-o o Presidente Truman quem encerraria o grande conflito mundial com a rendição japonesa depois do lançamento de duas bombas atômicas no início de agosto de 1945, em Hiroshima e Nagasaki. Desde então, os Estados Unidos é o centro do mundo. Mas vamos ao nosso Presidente e seus primeiros cem dias.

Vejamos, antes, que forças elegeram Bolsonaro no segundo turno de 2018.

Bolsonaro fez 58 milhões de votos vencendo, com perto de 10 milhões de sufrágios, seu oponente, Haddad, do PT, apoiado por diversas correntes majoritariamente de esquerda. Dupla vitória folgada, tanto sobre a esquerda, como sobre todas as forças mais moderadas à direita. Havia uma certa concorrência entre Bolsonaro e Haddad até os últimos dias mas, afinal, o capitão levou o voto das mulheres, maioria dos eleitores, sobretudo as mais pobres, sobre as quais pairava grande dúvida se acompanhariam os homens mais pobres inclinados à esquerda. Mas que forças deram a vitória a Bolsonaro? Ele fez uma campanha com pronunciamentos claramente conservadores, seja quanto à costumes, economia e , senão forma, mas estilo (autoritário) de governo. Quanto a isso nunca escondeu sua simpatia pelos governo militares, seus líderes e até títeres, como o famoso torturador Coronel Ustra. Bolsonaro foi, neste sentido, franco e se tem mantido, até certo ponto, fiel a seu discurso de campanha.

O tom autoritário de sua fala lhe garantiu o voto da fração de 20% de eleitores brasileiros, de mais alta renda e escolaridade que, tradicionalmente, afirmam não acreditar na democracia e que preferem uma ditadura: cerca de 28 milhões de votos. A condenação à agenda pós moderna do feminismo e defesa do LGBT, das políticas afirmativas aos segmentos mais vulneráveis e da valorização dos movimentos negro e indígena lhe carregou os votos de evangélicos mais conservadores, aí sobretudo menores de baixa renda, somados aos pequenos redutos sectários alinhados com o proselitismo do guru Olavo de Carvalho: perto de 20 milhões de votos. E a presença de Paulo Guedes, economista ligado a grandes grupos econômico-financeiros, acrescentando-lhe o tempero liberal, lhe deu os 18 milhões restantes que no primeiro turno haviam sufragado Geraldo Alkmin (PSDB), H.Meirelles (MDB), Amoeda (Partido Novo) e demais candidatos de siglas menores identificadas com o que, na Câmara dos Deputados, se identifica como Centrão.

Com base neste discurso e suas respectivas clivagens sociais montou o Governo com três grandes suportes oficiais: **Autoritarismo**, chamando um grande número de militares para o alto escalão, além de um duro representante do Judiciário para pasta da Justiça, **Conservadorismo**, atendendo aos apelos da base evangélica e, sobretudo, o guru Olavo de Carvalho, que indicaram, pelo menos, três Ministros – Relações Exteriores, Educação e Direitos Humanos -, e **Neoliberalismo Econômico**, de forma a atender a agenda das grandes corporações patronais, com dois Ministros fortes: Paulo Guedes, na Fazenda e Tereza Cristina, da bancada do agro-business. Além desta frente oficial, oficiosamente, conta com seus três fiéis escudeiros familiares, todos com mandato parlamentar: O 111, o 222 e o 333, também conhecido como pitbull...

Os cem primeiros dias não fizeram, pois, senão consagrar a campanha, que prossegue nas dicções do Presidente através da saraivada desencontrada de tuítters com ressonância nas redes sociais. Falta-lhe, entretanto, consolidar – se é que isso é possível – um estilo de Governo e uma base política parlamentar e de Governadores para a sustentação de seus Projetos prioritários: A Reforma da Previdência e o Pacote Anti-Crime. Pesquisas recentes demonstram que 51% dos deputados federais não aprovará a Reforma da Previdência e que dificilmente passará o Pacote do Ministro Moro. Ainda assim, o Governo vem sendo apoiado por 34% da população, embora em ritmo declinante e 59% ainda acreditam que fará um bom governo. Pesquisas junto a operadores do mercado financeiro financeiro, entretanto, demonstram a queda brutal na esperança de um bom Governo Bolsonaro, de 68% para 28% nestes tres meses. Alguns Governadores, eleitos sob suas bandeiras, como João Doria, de São Paulo, já começam a tomar distância do Planalto. Preocupante, embora não alarmante. Na verdade, Bolsonaro está recém começando e até tenta uma aproximação institucional com Partidos, o que o torna infiel ao discurso de campanha. Mas ainda tem muito tempo pela frente, mas, como diz o seu Vice, General Mourão: Se errar muito, quem vai pagar a conta serão as Forças Armadas, que, mesmo não lhe tendo dado respaldo institucional na campanha, estão avalizando seu Governo.

E paz na Terra aos homens de boa vontade.

- **O que os primeiros 100 dias de Bolsonaro indicam sobre os desafios de seu governo**

https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47876488?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1scN0kqkR6At49t4KHgVQBaG2wlvcyV_rIGZJq-OMiLo9V_4kBiGjAmDM

Mariana Schreiber - @marischreiberDa BBC News Brasil em Brasília - 12 abril 2019

completa cem dias no Planalto nesta quarta-feira

O texto foi atualizado às 16h30 de 11 de abril de 2019.

Alçado pela maioria do apoio popular, um presidente estreante no cargo tem, em geral, boas condições para iniciar seu governo. O período costuma ser chamado de "lua de mel" - uma metáfora bem ao gosto do presidente Jair Bolsonaro, que frequentemente compara as relações políticas com namoro e matrimônio.

No caso dele, que completa cem dias no Palácio do Planalto nesta quarta-feira (10), o casório com o povo brasileiro começou mais tumultuado do que o comum.

Nos cem primeiros dias de governo, Bolsonaro já trocou dois ministros, algo inédito considerando os presidentes eleitos após a redemocratização - Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.



Governo Bolsonaro: 100 dias em 100 imagens

O primeiro a cair foi Gustavo Bebianno, que comandava a Secretaria-Geral da Presidência e era tido como homem de confiança de Bolsonaro até o escândalo do desvio de recursos eleitorais no PSL por meio de candidaturas de mulheres. O segundo foi Ricardo Vélez, substituído no comando da Educação por Abraham Weintraub, após meses de total paralisia na pasta.

Outra peculiaridade, segundo o Instituto Datafolha, é o rápido aumento da rejeição logo no início da administração. Em pesquisa recém divulgada, 30% dos entrevistados consideraram o governo de Bolsonaro ruim ou péssimo, pior índice alcançado se comparado também a Collor, FHC, Lula e Dilma (considerando sempre o primeiro mandato).

Na quinta (11), Bolsonaro participou de um evento no Planalto para anunciar o cumprimento de metas estabelecidas para os 100 primeiros dias de governo e a assinatura de medidas (leia mais abaixo).

Controvérsias

Entre as polêmicas surgidas nesse início de mandato, inclui-se a continuidade das investigações contra um dos filhos do presidente, o senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), por suposto desvio de recursos de seu antigo gabinete de deputado estadual.

Bolsonaro também provocou reações negativas com sua intenção de comemorar o aniversário do golpe de 1964; por tuitar um vídeo obsceno no carnaval e ao defender que o Nazismo era de esquerda.

O início do governo foi marcado ainda por conflitos entre os diferentes grupos que formam o governo, em especial entre o núcleo militar e os ministros mais ideológicos, ligados ao líder conservador Olavo de Carvalho. A disputa ficou mais evidente no Ministério da Educação, onde houve mais de 20 demissões em cargos de segundo e terceiro escalão, deixando uma das pastas mais importantes do governo paralisada e culminou na troca de comando.

O governo manteve uma relação desgastante com o Congresso, tanto pelos ataques do presidente e de seu filho Carlos (vereador no Rio) à "velha política", como pela dificuldade de articular o apoio necessário à reforma da Previdência, tida como essencial pelo ministro da Economia, Paulo Guedes.

Viagens

Outra área que tem gerado controvérsia é a guinada adotada na política externa, com maior alinhamento com os Estados Unidos e outros países governados no momento por líderes conservadores de direita.

Nesses cem dias, Jair Bolsonaro fez quatro viagens internacionais. No começo de janeiro, o presidente foi ao Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, onde causou estranheza ao fazer um discurso muito breve; em março, os Estados Unidos foram o destino da sua primeira visita bilateral, onde, além de reafirmar sua admiração pelo país e pelo presidente Donald Trump, firmou acordos de colaboração em setores diversos.

Logo depois, ele compareceu à reunião, em Santiago do Chile, dos 8 países que propõem a criação do Prosul, o grupo que substituiria a Unasul, reunindo governos latino-americanos de orientação liberal.

No começo de abril, o presidente foi a Israel, mas acabou não cumprindo a polêmica promessa de campanha de transferir a embaixada de Tel Aviv para Jerusalém. No lugar, anunciou a abertura de um escritório comercial na cidade milenar e surpreendeu ao comparecer ao lado do primeiro-ministro israelense, Benjamim Netanyahu, no Muro das Lamentações.

As duas ações foram interpretadas como um primeiro apoio à reivindicação de Israel de que Jerusalém seja reconhecida como sua capital, apesar da resistência da maioria da comunidade internacional que prefere seguir a resolução da ONU que considera o status da cidade como partilhado dependente de um acordo de paz entre israelenses e palestinos.

Resultados

Os principais resultados concretos vieram da decisão de Bolsonaro de dar continuidade ao Programa de Parcerias e Investimentos (PPI) criado pelo ex-presidente Michel Temer: o governo concedeu à iniciativa privada 23 obras de infraestrutura, que vão gerar R\$ 6,7 bilhões de investimentos em até 30 anos, além de R\$ 7,7 bilhões de arrecadação com outorgas.

Analistas políticos ouvidos pela BBC News Brasil acreditam que o estilo polêmico do presidente e sua dificuldade em articular uma coalizão política devem manter a instabilidade que marcou o início do mandato. Por outro lado, há expectativa de que, mesmo sem habilidade para negociação, Bolsonaro consiga aprovar no Congresso mudanças na Previdência, uma vitória que pode fortalecer seu governo.

Ao analisar os primeiros meses do atual presidente, a cientista política e professora aposentada da USP Maria Hermínia Tavares destaca sua "incapacidade para organizar e presidir uma coalizão estável de governo" e "a predileção por comportamentos espetaculosos", semelhantes a de Collor, que sofreu impeachment em 1992.

"Tenho a impressão que o presidente acha que foi eleito apenas por grupos extremados que se manifestam na internet e que, em consequência governa para eles. O que é um erro de avaliação sobre sua vitória eleitoral e sobre os desafios de seu governo", afirma.

Apesar disso, a professora aposentada da USP diz que "nunca houve condições tão favoráveis" para aprovar a reforma da Previdência.

"As lideranças políticas e da sociedade sabem que alguma reforma tem que ser feita. Acho que alguma reforma sairá, talvez até melhor do que a encaminhada (ao Congresso), que possui pontos bastante controversos como o regime de capitalização", acredita.

Muitos militares e pouca aliança política

O presidente cumpriu com sua promessa de campanha de não dividir sua administração com partidos em troca de apoio, o que ele chama de "toma lá da cá". Convocou para os ministérios nomes mais técnicos, como Paulo Guedes (Economia) e Sergio Moro (Justiça), outros considerados mais ideológicos, como o chanceler Ernesto Araújo, e deu oito pastas para militares, como o general Augusto Heleno, que comanda o Gabinete de Segurança Institucional.

Sem outra estratégia de negociação política, porém, Bolsonaro não conseguiu montar uma base no Congresso. "Um governo de minoria exige mais negociação a cada projeto analisado pelo Congresso e significa mais instabilidade", destaca o cientista político Rafael Cortez, da Tendências Consultoria.

Ele ressalta que se por um lado a desorganização do sistema político após as investigações contra a corrupção da Operação Lava Jato criou o contexto

favorável à eleição de Bolsonaro - durante 28 anos um parlamentar do baixo clero - por uma sigla sem tradição, o PSL, por outro, essa "inexperiência" agora se torna um empecilho, dificultando o desenvolvimento das articulações políticas necessárias.

"Agora ele precisa reconstruir o sistema, mas não tem DNA para arbitrar as disputas políticas. Ele próprio reconhece isso", afirma Cortez, destacando uma declaração Bolsonaro na última semana durante um evento no Planalto: "Desculpem as caneladas, não nasci para ser presidente, nasci para ser militar".

Na falta de alianças com partidos, são os ministros egressos das Forças Armadas que "parecem entender a complexidade que é governar o Brasil" e "têm sido elemento de moderação política" no governo, nota Herminia Tavares.

Nesse contexto, o vice-presidente, general da reserva Hamilton Mourão, tem ganhado um protagonismo incomum, ao proferir declarações que buscam amenizar falas ou decisões polêmicas do presidente e sua família.

"Mas, por mais que (os militares) se esforcem, o presidente é peça insubstituível no presidencialismo, não só para definir rumos, mas para escolher os colaboradores com competência, para fazer a máquina do governo funcionar", ressalta a professora.

Ruídos da política na economia?

A economista Monica De Bolle, diretora de estudos latino-americanos da Johns Hopkins University, também não vê perspectiva de que o presidente modere sua conduta. Diante da fraca articulação política, ela acredita que o mais provável é que o Congresso aprove uma reforma da Previdência modesta.

"Não existe mudar o Bolsonaro. Eu não gosto das comparações com Donald Trump (presidente americano), mas nesse ponto eles são iguais. Já deu pra ver que o cargo de presidente não vai mudá-lo", afirma.

Na sua avaliação, o "ruído político" do início do governo provavelmente afetou o humor de empresários e investidores. "Tivemos muita turbulência e barulhos nesses cem dias. Ainda não temos os dados de PIB do primeiro trimestre, mas acredito que em alguma medida isso atrapalhou a economia", disse.

Um dos principais interlocutores de Paulo Guedes, o ex-presidente do Banco Central Carlos Langoni se mostra mais otimista. Embora reconheça os percalços políticos, ele ressalta que as principais lideranças do Congresso, o presidente da Câmara (Rodrigo Maia) e o presidente do Senado (David Alcolumbre), estão "totalmente apoiando, não só a reforma da Previdência, mas a agenda liberal" do governo.

Além disso, acredita que os governadores, que também dependem da aprovação da reforma da Previdência para equilibrar suas contas, contribuirão para reunir votos entre os parlamentares de seus Estados. Langoni, que é hoje

diretor do Centro de Economia Mundial da FGV, se reuniu seis vezes com Guedes este ano para dar sugestões para a política econômica.

"Aprovando a reforma mais difícil (Previdência), você terá espaço para tratar de outras reformas pró-crescimento, a principal delas a tributária, que já está sendo desenhada, com simplificação e redução dos tributos que penalizam investimento, e também a abertura da economia para dar choque de competitividade", disse à BBC New Brasil, ressaltando ainda como positivo o apoio do presidente americano ao pleito brasileiro de ingresso na OCDE (grupo de países desenvolvidos), após a visita de Bolsonaro aos Estados Unidos.

Recrudescimento das forças de segurança preocupa

Para além do debate da Previdência, analistas ouvidos pela BBC News Brasil destacam com preocupação nesse início de governo as medidas adotadas na área de segurança pública.

Eleito com um forte discurso de intolerância ao crime, Bolsonaro deu rápido cumprimento a sua promessa de flexibilizar a posse de armas de fogo, com um decreto elaborado por Sergio Moro já na terceira semana de governo, apesar da oposição de vários especialistas na área de segurança pública que entendem que a medida tende a aumentar a violência.

Outra bandeira polêmica sua - o "excludente de ilicitude" para que policiais não sejam condenados ao matar pessoas em confronto - entrou no pacote anticrime enviado pelo ministro da Justiça ao Congresso.

Hoje, policiais não estão autorizados a matar e podem ser punidos se reagirem com excesso a possível ameaça de criminosos. A proposta de Moro prevê que o juiz deixe de aplicar a pena por excesso de legítima defesa caso o crime tenha sido cometido em decorrência de "escusável medo, surpresa ou violenta emoção".

Direito de imagem  Rejeição no início de mandato é algo inédito com Bolsonaro, mostra Datafolha

Embora veja elementos positivos no pacote anticrime, a professora da FGV Direito e procuradora regional da República Silvana Batini se diz "muito preocupada" com a proposta que amplia o conceito de legítima defesa, dado o histórico de violência policial que o Brasil tem.

"Um policial é justamente o profissional que deve estar treinado para reagir com mais frieza, não incorporar ao discurso legal o argumento da emoção", crítica Battini.

Enquanto a proposta está em análise no Congresso, estudiosos da área de segurança pública consideram que a forte retórica do presidente e de outras autoridades como o governador do Rio, Wilson Witzel, em respaldo à violência policial, tendem a estimular que agentes das forças de segurança ajam fora dos limites constitucionais.

No caso mais recente, o músico Evaldo Rosa dos Santos foi morto após o carro que dirigia com sua família ser metralhado por dez militares no Rio de Janeiro - eles alegaram ter confundido o grupo com criminosos. Bolsonaro não se manifestou sobre o assassinato.

"O resultado desse estímulo à violência policial são mais milícias, mais grupos de extermínio, mais policiais sendo mortos por vendeta (vingança). Não vai melhorar a segurança", afirma o presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Renato Sérgio de Lima.

Balanço das metas e anúncio de pacote

O presidente Jair Bolsonaro afirmou ter cumprido todas as 35 metas estabelecidas em janeiro para os 100 dias de sua administração, celebrados em cerimônia no Palácio do Planalto nesta quinta-feira (11).

A principal meta é o anúncio de um 13º repasse do Bolsa Família para 14 milhões de famílias. A mudança ainda será enviada ao Congresso por meio de Medida Provisória.

Entre as propostas que o Executivo diz ter implementado também há combate a fraudes no INSS, o corte de 21 mil cargos, funções e gratificações no Executivo (6.587 desses postos estavam vagos) e a retomada do brasão do Brasil no passaporte.

Durante a cerimônia, Bolsonaro assinou 18 atos normativos, como decretos e projetos de lei ligados às 35 metas estabelecidas. Um decreto assinado, por exemplo, unifica o uso de pronomes de tratamento de autoridades em cerimônias e na comunicação interna. Agora proibidos, "Vossa Excelência" e "Doutor" dão lugar a "Senhor" e "Senhora", exceto se os outros Poderes exigirem ou se houver autoridade estrangeira.

Na mesma cerimônia, Bolsonaro também assinou o projeto de lei complementar que prevê a autonomia formal do Banco Central. Segundo o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, o texto propõe, por exemplo, liberdade legal para as decisões e mandato de quatro anos para o presidente do BC e ainda será enviado ao Congresso, onde deve ser apensado a outros projetos em tramitação.

- **O caótico início de Governo de Bolsonaro**

Ultradireitista completa cem dias no comando da maior potência econômica da América Latina com uma gestão errática, dois ministros destituídos e divisões no Gabinete

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/13/politica/1555170195_027248.html?id_externo_rs_oc=FB_BR_CM&hootPostID=e5b57ebba44dcc7c82e12156259fb0d2&fbclid=IwAR02K4_6LMdy_3tMt8-IONnBD-Z4KARLjB1AYJ-ugp0ZOEtDk6GvZjoh0Cs

NAIARA GALARRAGA GORTÁZAR - São Paulo 14 ABR 2019 - 09:36 BRT

Na [cerimônia para comemorar seus 100 dias no poder](#), na última quinta-feira, o Presidente do Brasil se orgulhou de conquistas, agradeceu sua equipe e fez uma confissão: “De vez em quando pergunto a Deus, o que eu fiz para estar aqui?”. É provável que algum outro mandatário já se tenha feito essa pergunta, o que chama a atenção é que o líder do quinto país mais populoso do mundo, da maior potência econômica da América Latina, o faça. Essa franqueza entusiasma seus fiéis. Mas [Jair Bolsonaro](#) já havia respondido dias antes, em uma entrevista, quando atribuiu a seu filho [Carlos](#), apelidado de *Pitbull*, o mérito de sua aterrissagem no elegante Palácio do Planalto.

“Ele que me colocou aqui. Foi a [mídia dele](#) que me botou aqui”, admitiu o militar reformado e veterano deputado. Bolsonaro é sem dúvida o presidente mais atípico do Brasil desde o final da [ditadura](#). Não só porque o Facebook foi essencial na vitória do ultradireitista, e sim porque preside um Governo dividido em grupos cuja trajetória iniciada em 1 de janeiro tem sido errática, com divisões internas, estridente nas formas e com cargas de profundidade contra as instituições.

MAIS INFORMAÇÕES



- [Aposentar-se aos 53 e solteiras que herdam pensões dos militares... Os abismos da Previdência brasileira](#)



- Marcelo Neri: “13º do Bolsa Família é ótimo, mas beneficiário deveria escolher quando receber”



- José, 82 anos, duas aposentadorias e trabalhando. O retrato do Brasil que envelhece



- Carlos Pereira, da FGV: “Já é sabido que presidentes que ignoram o Legislativo não acabam bem”

Em somente três meses, [o presidente destituiu dois ministros](#) e causou indignação dentro e fora do Brasil por [encorajar o Exército a comemorar o golpe de Estado de 1964](#) e afirmar, em Israel, que “não há dúvidas de que o [nazismo foi um movimento de esquerda](#)”. Historiadores alemães, entre outros, o desmentiram.

E enquanto procura apoio parlamentar para que seus dois grandes projetos – a [reforma da insustentável Previdência](#) e as leis para combater o crime e a corrupção – avancem no Congresso dividido, o Brasil fez novos amigos na arena internacional. Mas [a economia continua em crise](#) enquanto a oposição está desaparecida e o presidente se empenha em destruir a credibilidade da imprensa e das próprias instituições do Estado.

Capital dilapidado

O nacional-populista começou com enorme capital político graças a sua contundente vitória e à enorme confiança dos mercados. Mas o dilapidou até se transformar no presidente com pior avaliação no primeiro trimestre, de acordo com o Datafolha. [O Governo é ruim ou péssimo para 30%](#), regular para 33% e bom ou ótimo para os outros 32%. Seus eleitores o elegeram porque encarnava

uma mudança radical. Acreditaram que mudaria o sistema e ressuscitaria a economia, mas o começo foi acidentado. Em um país obcecado por quantificar tudo, a imprensa se encheu de balanços. O jornal *Globo* afirma que o presidente cumpriu integralmente 18 e parcialmente 17 de suas 35 promessas para os 100 primeiros dias. De facilitar a posse de armas ao pagamento do [13º para 13 milhões de família pobres](#) que recebem o Bolsa Família.

Expectativas

Para 60% dos entrevistados pelo Datafolha, ele fez menos do que o esperado. Ao analisar até que ponto cumpriu as expectativas, a professora Tassia Cruz da Fundação Getúlio Vargas divide seus eleitores em três grupos. “Para os que o elegeram porque não era o [PT](#) de [Lula](#), com um desejo de renovação política, de separar a Presidência dos escândalos de corrupção, de ter um Governo de técnicos e políticas públicas eficazes, certamente ele não esteve à altura”, diz. Os [atraídos por sua agenda liberal na economia](#) “ainda têm esperanças de uma melhora”, acrescenta. Mas a especialista afirma que Bolsonaro governa para o terceiro grupo, os que abraçam seu discurso sem questionamentos. “Ainda que representem uma minoria de seus eleitores, são os mais barulhentos nas redes sociais gerando uma imagem de satisfação com o desempenho do presidente”. Aí está a mão hábil de seu filho Carlos, o estrategista na Internet, [onde o presidente tem 26 milhões](#) de seguidores entre uma população presa ao universo paralelo das redes. Seu agradecido pai diz que ele merece um ministério.



Bolsonaro posa ao lado de sua equipe ministerial no evento que celebrou 100 dias de Governo, em Brasília, na última quinta-feira. ADRIANO MACHADO REUTERS

Economia

É o terreno em que se disputa a batalha crucial. E do qual o presidente não faz a menor ideia. “Não sou economista, já disse que não entendo de economia”, admitiu na sexta-feira após sua intervenção para que a [Petrobras não subisse o preço do diesel](#), por [medo de que os caminhoneiros paralisassem o país](#), fazer com que a empresa estatal perdesse 32 bilhões de reais na Bolsa. É o clássico desatino de Bolsonaro. Após uma breve recessão, a economia cresce, mas fracamente. O mandato presidencial começou com uma sucessão de recordes na Bovespa e privatizações iniciais, mas esse otimismo não se traduziu em melhoras tangíveis à população. [O desemprego subiu para 12,4%](#) enquanto se sucedem as diminuições nas previsões de crescimento econômico. A última, do Itaú, o maior banco privado, de 2% a 1,3% para 2019.

Disputas com o Congresso

Um discurso raivoso, nostálgico da ditadura, homofóbico e racista deu fama a Bolsonaro, mas ele só teve duas leis aprovadas em três décadas. [Com somente 54 deputados](#), precisa forjar maioria importante em um Congresso com 513 integrantes para aprovar a nova Presidência, vital para sanear as contas públicas e fazer com que a economia volte a crescer com força. Bolsonaro, que parece ter melhor instinto do que visão estratégica, logo se chocou com o presidente da Câmara, [Rodrigo Maia](#), que o acusou de acreditar que “governar o Brasil é

brincadeira de criança”. O outro projeto fundamental é o criado pelo juiz Sérgio Moro, o [mais popular do Gabinete](#), para acabar com a insegurança e a corrupção.

Novos amigos

O capitão reformado, cujo lema é “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, se alinhou com os EUA e Israel além de exigir o fim do chavismo na Venezuela. Uma revolução para uma diplomacia conhecida por sua sutileza. Bolsonaro pode se orgulhar dos acordos que conquistou em sua visita a [Donald Trump](#), mas por enquanto não mudará a Embaixada para Jerusalém.

Família

[Os Bolsonaro são um clã com três filhos](#) estrategicamente situados em diversos Legislativos. A enorme influência de Carlos e seus irmãos no patriarca causou importantes brigas dentro do Gabinete com humilhantes gestos públicos. Foi [Eduardo](#), deputado e ligação com o movimento nacional-populista, e não o ministro das Relações Exteriores, que esteve no Salão Oval com os presidentes Bolsonaro e Trump. Flávio, o primogênito, é o flanco pelo qual [aparecem as suspeitas de corrupção](#) porque o também senador é investigado por receber pagamentos irregulares. E ligações suspeitas com as milícias do Rio rondam a família há anos.

Barulho

As polêmicas pelo que diz e faz são cotidianas. Envergonhou parte de seus compatriotas com um vídeo vulgar de Carnaval, repassou uma acusação falsa contra uma jornalista feita pelos bolsonaristas na Internet, no Dia da Mulher disse que seu [Governo era igualitário mesmo com somente duas mulheres](#) entre seus 22 ministros... Cem intensos dias que incluíram até mesmo uma operação cirúrgica.

- **“Não adianta ser tigrão no Twitter e tchutchuca com caminhoneiro.” – Renan Santos, MBL**

A Petrobras anunciou aumento de preços do diesel, mas veio a ordem de cima, determinando que fosse para cancelar tal aumento. Segundo O Antagonista, a decisão teria vindo do ministro Onyx Lorenzoni, que, preocupado com uma eventual greve dos caminhoneiros, teria ligado para Roberto Castello Branco, presidente da estatal, e mandado abortar o aumento.

Para piorar, o presidente fez uma declaração extremamente ignorante, dizendo que a Petrobras terá de convencê-lo do aumento de 5,7% se a inflação projetada é inferior a 5%. Vergonha alheia! Momento Dilma do presidente, que não entende a diferença entre uma cesta de preços e um preço específico de uma commodity. Já ofereci meu curso online de economia básica ao então candidato Bolsonaro, que pelo visto não se interessou. A oferta continua de pé.

A maioria condenou a decisão, e as ações da Petrobras desabaram no mercado. Mas a turma bolsominion, que precisa defender sempre o governo e seu “mito”, saiu em campo para justificar o injustificável: é pragmatismo para aprovar a reforma!

Sério que tem gente defendendo o comentário estúpido e a medida absurda de Bolsonaro sobre preço do diesel como estratégia legítima de se evitar uma nova greve dos caminhoneiros? É sério isso?! Então, por pragmatismo, vale congelar preços e destruir os manuais de economia, como fazia o PT?

E tudo para evitar uma greve que, antes, quando não era governo, Bolsonaro ajudou a fomentar? A greve que seu ex-ministro Gustavo Bebianno ajudou a insuflar? A mesma que seu “chanceler do B” Filipe G. Martins viu como um belo ato revolucionário, enxergando um George Washington em cima de cada caminhão? Quem faz esse malabarismo dialético e adota esse duplo padrão difere do PT exatamente em quê?!

“Já falei que não entendia de economia”. Assim o presidente justificou sua medida petista de congelamento de preços do diesel. Ué, mas não tinha seu Posto Ipiranga para isso? Alguém acha que o liberal Paulo Guedes concorda com tabelamento de preços?! A conversão ao liberalismo, cada vez fica mais claro, era oportunista. Estatais continuam por aí, até mesmo a EBC e os Correios, que o ministro-astronauta se recusa a vender; temos populismo tarifário agora; e o presidente ainda se esquivava da responsabilidade alegando ignorância, sendo que é o presidente. Assim complica...

Os mesmos jacobinos que ontem condenavam o pragmatismo da articulação com o Congresso, que é simplesmente fazer política (nem velha nem nova), agora aplaudem congelamento de preços com base no argumento pragmático: vale tudo para evitar greves e aprovar a reforma. Ou seja, não pode negociar cargos e emendas com deputados, mas pode apelar para o populismo econômico e ficar refém dos caminhoneiros, cuja greve no passado foi aplaudida pelos próprios bolsonaristas? Quanta falta de coerência!

A cada dia, a cada tropeço do presidente, a cada incoerência, fica mais visível que há uma militância virtual disposta a embarcar junto nas contradições para defendê-lo, não importa o que seja. E ainda partem para cima com sangue nos olhos, como chacais ou hienas famintas, para atacar os analistas independentes, aqueles de cujo futuro não depende bajular o presidente para preservar cargos públicos. São mesmo, como disse Janaina Paschoal, petistas com o sinal trocado...

Rodrigo Constantino

Ricardo Bergamini

(48) 99636-7322

(48) 99976-6974

ricardobergamini@ricardobergamini.com.br

www.ricardobergamini.com.br

- **Trecho final do artigo de Eliane Brum, no El País (vale a pena ler todo artigo!): "...**
3) A Resistência

O Brasil se espanta muito menos do que há bem pouco tempo atrás com o cotidiano de exceção. É justamente assim que o totalitarismo se instala. Pelas frestas do que se chama normalidade. Pelas mentes no senso comum e nas horas do dia. Depois, é só oficializar. O Brasil já vive sob o horror da exceção. A falsificação da realidade, a corrupção das palavras e a perversão dos conceitos são parte da violência que se instalou no Brasil. São parte do método. Essa violência subjetiva tem resultados bem objetivos – e multiplica, como os números já começam a apontar, a violência contra os corpos. Não quaisquer corpos, mas os corpos dos mais frágeis.

É urgente se unir para resgatar o que resta de democracia no Brasil antes que o autoritarismo se instale por completo

O desafio – urgente, porque já não há mais tempo – é resgatar o que resta de democracia no Brasil. É pela pressão popular que as instituições podem se fortalecer ao serem lembradas que não servem aos donos do poder nem aos interesses de seus membros, mas à sociedade e à Constituição. É pela pressão por outros diálogos e outras ideias e outras realidades que ainda respiram no país que a imprensa pode abrir espaço para o pluralismo real. É pela pressão por justiça e pelo levante contra a barbárie que podemos salvar nossa própria alma adoecida pelos dias.

O resgate da democracia pelo que ainda resta dela, aqui e ali, não será tarefa de outros. Como já escrevi antes, só há nós mesmos. Nós, os que resistimos a entregar o Brasil para os perversos que hoje o governam – e o governam também pelo controle dos espasmos diários que impõem aos brasileiros.

Eu gostaria de dizer: “Acordem!”. Mas não é que os brasileiros estejam dormindo. Parece mais uma paralisia, a paralisia do refém, daquele que vive o horror de estar entregue ao controle do perverso. Não é mais desespero, é pavor. Precisamos encontrar caminhos para romper o controle, sair do jugo dos perversos, tirar a pauta dos dias de suas mãos.

Como?

Essa resposta ninguém vai construir sozinho. A minha é que precisamos criar o “comum”. O que aqui chamo de comum é o que nos mantém amalgamados, o que permite que, ao conversarmos, partimos do consenso de que a cadeira é cadeira e a laranja é laranja e que nenhum de nós dois sente na laranja e coma a cadeira (leia aqui). Os perversos corromperam a palavra – e têm repetido que a cadeira é laranja. Só por isso podem dizer que o Brasil está ameaçado pelo “comunismo” ou que o nazismo é de “esquerda” ou que o aquecimento global é um “complô marxista”. Essas três afirmações, apenas como exemplo, não têm lastro na realidade. É o mesmo que dizer que laranja é cadeira. Apenas que menos gente tem clareza do que foi o nazismo e do que é o comunismo e do que é o aquecimento global, tornando mais fácil embrulhar as coisas.

Precisamos voltar a encarnar as palavras ou enlouqueceremos todos

Eles repetem e repetem, assim como tantas outras corrupções da realidade, porque corromperam o voto que receberam ao usar a estrutura do Estado para produzir mentiras. É assim que os perversos enlouquecem uma população inteira – e a submetem: dizendo que laranja é cadeira dia após dia. As palavras deixam de significar, a linguagem é rompida e corrompida e a conversa se torna impossível. Como você vai falar com alguém sobre laranjas se o outro acha que laranja é cadeira? É isso que hoje acontece no Brasil, e este ataque é desferido diariamente pelas redes sociais dominadas pelo bolsonarismo.

Precisamos voltar a encarnar as palavras. Ou enlouqueceremos todos. A criação do comum começa pela linguagem (Escrevi sobre isso aqui e aqui). Precisamos também criar comunidade. Não comunidade de internautas que ficam gritando cada um atrás da sua tela. Mas comunidade real, que exige presença, exige corpo, exige debate, exige negociação, exige compartilhamento real. Não há nada que os regimes de exceção tenham mais do que pessoas que se juntam para fazer coisas juntas. É por isso que Bolsonaro tanto critica o ativismo e os ativistas – e já deu vários passos na direção da criminalização do ativismo e dos ativistas.

O ativista é aquele que deixa o conforto do seu umbigo e do seu entorno protegido para exercer a solidariedade. Governos como o de Bolsonaro agem para que cada um veja o outro como inimigo, e por isso temem o ativismo. Os bolsonaristas se alimentam da guerra porque a guerra separa as pessoas e faz com que elas não tenham tempo para criar futuro. A solidariedade é um gesto temido pelos autoritários. Por que você não está em casa lustrando o seu umbigo, é o que gostariam de perguntar? Ao corromper as palavras, é também esse o objetivo. Condenar cada um à prisão do seu silêncio (ou do seu eco), incapaz de alcançar o outro pela falta de uma linguagem comum.

O governo quer que você fique em casa lustrando o seu umbigo. Levante-se!

Assim, tentam eliminar a solidariedade à bala. Ou exilá-la. Mandá-la para fora do país que privatizaram para si. Bolsonaro disse isso com todas as letras. É o que tem feito com os movimentos sociais e suas lideranças. É também por isso que é necessário uma polícia com autorização para matar, como quer Bolsonaro, e como obedece Sergio Moro.

A polícia, cada vez mais, se torna também ela uma milícia privada dos donos do poder. Deixa de exercer seu dever constitucional de proteger a população para exercer a guerra contra a população. Durante a intervenção federal no Rio, policiais civis e militares mataram 1.543 pessoas. Em 2018, um em cada quatro homicídios no Rio de Janeiro foi cometido por um policial – e isso segundo os registros das próprias polícias. Ninguém tem qualquer dúvida que a maioria dos mortos é negra – e é pobre.

Quando vai para as ruas nos protestos, o que a polícia reprime não é o que chama de “baderneiros” ou “vândalos”, mas a solidariedade. Ao bater nos corpos, sufocá-los com bombas de gás lacrimogêneo, o que querem é controlar os corpos, castigá-los porque em vez de ficarem trancados em casa coçando a barriga foram às ruas lutar pelo coletivo. Como assim você luta pelo outro e não apenas por si mesmo? Como você ousa ser solidário se a regra do neoliberalismo é cuidar apenas de si e dos seus?

Resistir ao medo e se juntar para criar futuro é o ato primeiro de resistência. Se nos encarcerarmos em casa, como o governo quer, armados também, como o governo quer, atirando uns nos outros, como o governo quer, a guerra continuará sendo ampliada, porque só assim os perversos nos mantêm sob controle e se mantêm no poder. Se contarmos apenas como um não podemos nada. Temos que ser um+ um+ um. E então poderemos muito.

A arte é também um instrumento poderoso. Não foi por outro motivo que ela foi tachada de “pornográfica” e “pedófila” pelas milícias da internet nos últimos anos. Não é por outro motivo que o bolsonarismo investe contra a lei Rouanet e desmonta os mecanismos culturais. A arte não é firula. Ela tira as pessoas do lugar. Ela faz pensar. Ela questiona o poder. E ela junta os diferentes.

Precisamos fazer arte. Mais uma vez, vou indicar aqui o livro da Pussy Riot Nadya Tolokonnikova (Pussy Riot, um guia punk para o ativismo político, Ubu Editora, 2019). A arte é um ato ao alcance de todos nós. O maior golpe contra o Governo do déspota Vladimir Putin veio de um bando de garotas que não sabe nem cantar nem tocar direito, mas fazem arte tocando e cantando o ridículo dos perversos.

Rir. Precisamos rir. Rir junto com o outro, não rir do desespero do outro. É o perverso que gosta de rir sozinho, é o perverso que goza da dor do outro, como

faz Bolsonaro, como riram os soldados que deram 80 tiros no carro da família que ia para um chá de bebê. O deles não é riso, é esgar. Já o riso junto com o outro tem uma enorme potência.

Vamos rir juntos dos perversos que nos governam e começar a imaginar um futuro onde queremos viver

Vamos rir juntos dos perversos que nos governam. Vamos responder ao seu ódio com riso. Vamos responder à tentativa de controle dos nossos corpos exercendo a autonomia com os nossos corpos. Vamos libertar as palavras fazendo poesia. Como escrevi tantas vezes aqui: vamos rir por desafio. E amar livremente.

Rir despidoradamente diante de suas metralhadoras de perdigotos. O ódio não é para nós, o ódio é para os fracos. Vamos afrontá-los denunciando o ridículo do que são. Vamos praticar a desobediência às regras que não criamos. Temos que desobedecer a esse desgoverno. É assim que se quebra o jugo dos perversos. Levando-os suficientemente a sério para não levá-los a sério.

E temos que começar a imaginar o futuro. É assim que o futuro começa, sendo imaginado. Ninguém consegue viver num presente sem futuro. Mas é impossível controlar quem é capaz de imaginar depois que já começou a imaginar. A imaginação é a melhor companheira do riso.

Sim, ninguém solta a mão de ninguém. Mas não vamos ficar segurando as mãos uns dos outros paralisados e em pânico. Vamos rir e criar futuro. Juntos. Lembrem-se que “a alegria é a prova dos nove”. Nos cem dias que já dura o domínio oficial dos perversos, foi o Carnaval quem mais desafiou o exercício autoritário do poder. Pela alegria, pela sátira, pelo riso, pelos corpos nas ruas.

Não há lei que nos obrigue a obedecer a um Governo de perversos. Desobedeçam aos senhores do ódio. Os próximos cem dias – e todos os outros que virão – precisam voltar a nos pertencer.”

- **Por que muitos brasileiros se arrependem de ter votado em Bolsonaro?**

<https://www.cartacapital.com.br/?p=68779&fbclid=IwAR0kkPY7kNvGFz72BWN0y9LWIL7d5nfrz15SuaMznagZfkAJny10LuMYf4>

[RFI - 13 DE ABRIL DE 2019](#)

Decepção e medo sobressaltam eleitores do ex-capitão

Em seus 100 primeiros dias de governo, Jair Bolsonaro registrou a pior avaliação para um presidente do Brasil em início de primeiro mandato desde a eleição de Fernando Collor, em 1990. A pesquisa divulgada no último domingo 7 pelo *Datafolha* demonstra o crescimento da insatisfação com o pesselista dentro de seu próprio eleitorado. Nas redes sociais, acumulam-se críticas de bolsonaristas arrependidos.

“De que adianta reforma da previdência sem primeiro fazer a reforma tributária? Sou fogo amigo e legislação tributária é comigo. Sou patriota e votei no Bolsonaro, porém não sou vaca de presépio e não preciso de governo, não me dê chance que sou crítico por natureza”, diz um eleitor do presidente no Twitter.

“Infelizmente nosso presidente Bolsonaro está sendo uma das maiores decepções de toda a história do Brasil”, afirma outro ex-bolsonarista em vídeo no YouTube.

PUBLICIDADE

As reclamações, aliás, se reproduzem nas redes sociais, retrato da insatisfação dos brasileiros com o atual governo. Um desgosto que é especialmente importante no **Sul do Brasil, onde Bolsonaro alcançou seu maior índice de votação, 68%. Atualmente, na região, apenas 39% veem seu governo como ótimo ou bom e 54% afirmam que o presidente fez menos do que o esperado.**

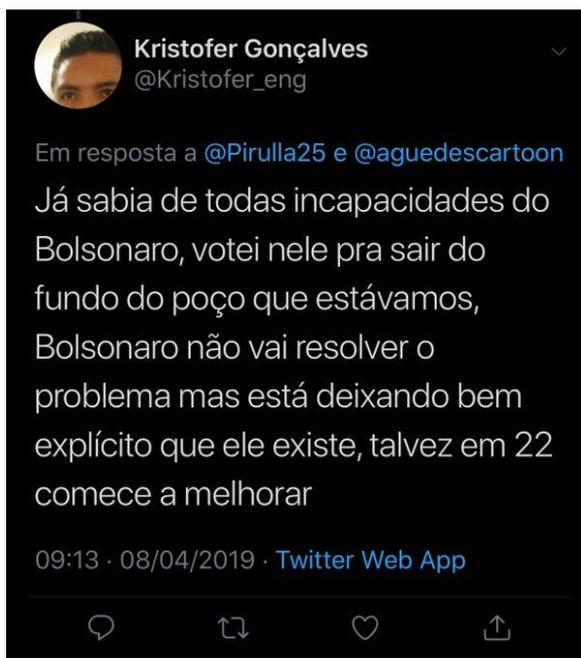
É o caso da catarinense Maria Goreti, que votou em Bolsonaro no segundo turno. À *RFI*, ela contou que escolheu o pesselista por eliminação, para não votar no então candidato Fernando Haddad e evitar que o Partido dos Trabalhadores voltasse ao poder.

Decepção e medo

Três meses após o início do novo governo, a eleitora se define como “decepcionada” e afirma “ter muito medo” dos futuros passos do presidente. “O que me assusta no Bolsonaro não são as ações políticas dele no sentido de cumprir promessas, mas a personalidade e o caráter dele, que podem resultar em coisas muito ruins para o Brasil no decorrer desses próximos quatro anos. Eu o vejo como um homem autoritário, impulsivo, ansioso, que se apoia em convicções pessoais e não analisa a realidade brasileira antes de fazer declarações e publicações inconsequentes”, observa.

Maria Goreti cita como exemplo o escândalo do vídeo do golden shower, que o pesselista publicou no Twitter no Carnaval. Também reclama da proximidade do presidente com os militares, discorda do revisionismo sobre o golpe de 1964 e é crítica quanto à interferência dos filhos de Bolsonaro no governo. Considera, no entanto, que ainda é cedo para exigir resultados concretos do líder da extrema direita brasileira.

[Ver imagem no Twitter](#)



[Bolsominions Arrependidos](#) @bolsoregrets

“Ele não tá fazendo nada então vamos reelegê-lo, vai que...”

[19:54 - 8 de abr de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

“Penso que Bolsonaro não tem o traquejo e o conhecimento necessários para governar. Eu tinha essa percepção desde a época da campanha eleitoral, mas pensei: ‘talvez ele não seja exatamente assim’. Ao mesmo tempo também acredito que, se ele se cercar de gente competente – que parece que é o que ele está tentando fazer –, vai atender o interesse do povo, que ele próprio não enxerga muito bem”, avalia.

O que justifica a queda de popularidade?

Para o cientista político Maurício Santoro, professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a queda brusca na popularidade do presidente está relacionada ao cenário das eleições em 2018. “Um percentual muito grande de pessoas que votaram no Bolsonaro o fizeram não por concordar com suas ideias e com suas propostas de governo, mas porque o encararam como uma rejeição à política tradicional e esse foi também um voto de protesto contra os governos de esquerda, contra o Partido dos Trabalhadores. Ou seja, foi um voto mais baseado em não querer outros candidatos do que propriamente na adesão a Bolsonaro”, analisa.

Já a cientista política [Esther Solano](#), professora do Departamento de Relações Internacionais da Unifesp e organizadora do livro “O ódio como política” (Boitempo Editorial, 2018), acredita que a decepção tem relação com o perfil de Jair Bolsonaro, “um personagem populista, que chegou ao poder de forma

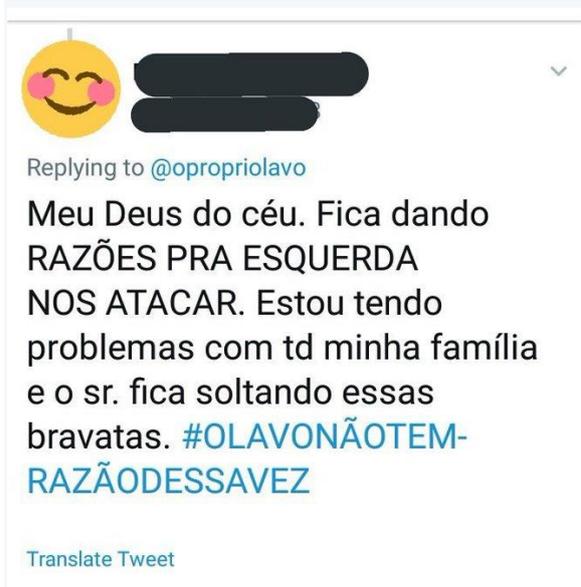
demagógica, de forma messiânica e salvacionista”. “As pessoas ficam muito decepcionadas porque obviamente ele não conseguiu cumprir tudo o que prometeu”, observa.

A falta de gestão também é apontada por Esther Solano como outro motivo da insatisfação do eleitorado. “A paralisia administrativa tem sido muito grande e as brigas internas são muito expostas” que mostram “sua incapacidade de fazer política”, avalia.

Cem dias frustrantes de governo

Segundo a professora, a decepção dos bolsonaristas tem vários motivos. “Para uma parte da população mais elitista, como o empresariado ou a classe média alta, esse sentimento tem muito a ver com a incapacidade de fazer passar as reformas econômicas, principalmente a da previdência. Por outro lado, as classes mais populares, que continuam um pouco mais convencidas, o que pega muito mal é a mania de Bolsonaro passar todo o seu tempo na internet brigando e não colocar a mão na massa”, afirma.

[Ver imagem no Twitter](#)



[Bolsominions Arrependidos](#) @bolsoregrets

“Ninguém mais faz lasanha pra mim!”

(Ainda quero ser amiga da Larissa)

O desencanto dos brasileiros com o governo acontece porque, segundo Santoro, Bolsonaro não soube trazer respostas rápidas aos principais problemas do país, como o desemprego, a violência e a corrupção. “Esses cem primeiros dias de

governo foram muito frustrantes em vários desses aspectos. O presidente está muito mais empenhado em conflitos ideológicos, levando adiante uma série de guerras culturais pelas redes sociais, e isso tem desagradado muitos a seus eleitores.”

O professor da Uerj destaca que, atualmente, apenas um terço da população considera seu governo como bom ou ótimo. “Nesse período, o normal para um presidente eleito do Brasil seria ter mais de 50% de aprovação”, reitera.

Polarização prejudica governo

Na avaliação de Santoro, um dos grandes problemas de Bolsonaro é continuar se comportando como candidato, “com a lógica do deputado de baixo clero que ele foi durante quase trinta anos, para quem o discurso extremista era a maneira de chamar atenção, de conseguir um espaço na opinião pública que ele não teria de outro modo”.

De acordo com o cientista político, o presidente não percebeu que “as regras do jogo mudaram”, o que fragiliza sua própria base. “O discurso que Bolsonaro teve durante a campanha, muito agressivo contra seus adversários, foi útil para mobilizar apoio e para trazer para seu lado aquelas pessoas que estavam descontentes. Mas, uma vez na presidência, esses eleitores querem mudança, resultados e saber o que vai acontecer com suas vidas na prática, no cotidiano”, aponta.



bomgostonato Está circulando no whatsapp que nosso Presidente vai negociar com o atual governo a Reforma da Previdência @jairmessiasbolsonaro ?????????? A rede globo e todos da velha política querem isso.... Não nos decepcione!!! Estamos achando o Dr . Paulo Guedes muito diferente ... Um pouco apressado, será?? O Sr. Não pode ceder a pressões!!! O Onix Lorenzonni me parece mais cauteloso. Cuidado para não prejudicar o povo que lhe confiou o Brasil. O Sr. Esta pensando nas viúvas?? Nas donas de casa, que cuidam de seus filhos?... Estamos ficando assustados @jairmessiasbolsonaro

2h 2 curtidas Responder



bolsominionsarrepentidos • Seguir

bolsominionsarrepentidos ESTÁ CIRCULANDO NO ZAP.... ESTAMOS FICANDO ASSUSTADOS....

Carregar mais comentários

suelemoliveira @pierrefreitaz_oficial 🤔🤔🤔

lua_amorim15 Olá, sou consultora financeira de pessoa física, precisando de um plano B, to as ordens

lurocato @meninacloe

matt30001 EU LI NO WHATSAPP KKKKKKK

douglas.limaa Pensando nas viúvas e donas de casa? Ha ha ha. Capaz de chamar elas de vagabundas e mandar ir trabalhar.

blanchettepuntele kkkkkkkkkkk

vtioria @cleyton_music @marysadora

vtioria @cacau901 e que me encabula é



11.921 curtidas

31 DE OUTUBRO DE 2018

Entrar para curtir ou comentar.

Entretanto, para Esther Solano, a previsão é de que Bolsonaro continue insistindo no discurso de ódio que o elegeu, “mas, na falta de gestão, ele não se sustenta a longo prazo”. “Para conquistar o empresariado e as classes médias, as reformas econômicas são absolutamente fundamentais, bem como resolver a questão do desemprego. É preciso que ele passe uma ideia de competência, de estabilidade, além de parar as brigas internas e essa mania dos filhos de ficar tuitando o tempo todo”, avalia.

Insatisfação vira comédia nas redes sociais

A crescente decepção de parte do eleitorado bolsonarista virou chacota na internet. No Facebook, Twitter e Instagram, multiplicam-se grupos que brincam com a insatisfação dos internautas que usam as redes para desabafo.

O cientista político João Vitor é administrador da página “**Bolsominions Arrependidos**” no Facebook. À *RFI*, ele contou que a ideia de criar o grupo veio no final das eleições, em 2018, ao perceber o início do arrependimento de eleitores com Bolsonaro.

“No começo, quando eu criei essa página, eram poucas pessoas que demonstravam esse sentimento. O fato de isso ser engraçado e curioso fez com que atraíssemos uma certa atenção. O aumento do número de eleitores de Bolsonaro frustrados ou arrependidos apareceu a partir do momento que ele começou a governar”, observa.



Aloisio Ribeiro Sousa
@AloisioRibeir12

Em resposta a @TvBandnews

De que adianta reforma da Previdência, sem primeiro fazer a reforma Tributária? Sou fogo amigo e Legislação Tributária é comigo. Sou Patriota e votei no Bolsonaro, porém não sou vaca de presépio e não preciso de Governo, não me dê chance que sou crítico por natureza.

29/10/2018 16:53

bolsominionsarrependidos • Seguir

bolsominionsarrependidos SOU PATRIOTA E VOTEI NO BOLSONARO, PORÉM NÃO SOU VACA DE PRESEPIO. #BOLSOMINIONCONSCIENTE

Carregar mais comentários

pecanhadenis @afrojux
nmariane7 @arissafavali d'virta-se
lua_amorim15 @neov_amorim
@nicholasdevezas @gabs_jem
@maiacastro sigam esse insta kkkk
pedromanuelalvares "Sou crítico por natureza" pena que elegeu um candidato que não aceita críticas e oposição
di0nei esse insta @ivan_finkler
camilazine Kkkkkklll
iridescentx @renianmorais @hiddlevans
simaslacua Os bozoninions revoltados são

22.752 curtidas

31 DE OUTUBRO DE 2018

Entrar para curtir ou comentar.

João Vitor diz perceber que a insatisfação não se restringe às redes sociais, embora haja constrangimento dos eleitores em admiti-la. “Eu venho de um ambiente onde poucas pessoas votaram no Bolsonaro, o meio universitário. Tenho contato com familiares, amigos e conhecidos que votaram nele. Alguns deles estão frustrados, outros já se arrependeram, outros simplesmente pararam de falar sobre política e não demonstram muito interesse em discutir sobre o novo governo.”

Os cem primeiros dias do governo do pesselista são vistos sob fortes críticas por João Vitor. “Bolsonaro é um extremista, autoritário, não concordo com absolutamente nada que ele faz ou defende. O governo dele é muito mal organizado, com falta de articulação, trapalhadas e disputas internas fratricidas com os setores que o apoiam. Tudo isso fez com que ele perdesse grande parte do apoio popular”, conclui.

• O lumpesinato no poder - Bolsonaro, 100 dias

<https://diplomatie.org.br/o-lumpesinato-no-poder/?fbclid=IwAR3pR7TuVSk-K9ZU-73l6DxHNNQWjO6qfyPApscSjEnXYtmPwaua9KZjDhU>

Abril 10, 2019

Imagem por **Geiler Tod, Morte de farda**

O lumpen é avesso a qualquer projeto de longo prazo, não é classe, não é coletivo. Atualmente, sua principal representação é o próprio presidente da República: nunca representou um setor social específico, mas surfou em ondas de insatisfação difusas. E agora quer ‘desconstruir’ o país

O governo de Jair Messias Bolsonaro representa um feito inédito em termos mundiais. Trata-se da primeira vez em que o lumpesinato, de forma organizada, chega ao poder de Estado. Não existe experiência semelhante em países da dimensão do Brasil.

O lumpesinato (ou lumpemproletariado) não é exatamente uma classe. O conceito inicial referia-se a uma fração de classe constituída por trabalhadores muito pobres sem qualquer lugar ou vínculo com a produção ou com o mercado de trabalho formal. Sobrevivem à custa de pequenos expedientes e atividades intermitentes. Por sua própria fragmentação, é uma camada que tende a realizar ações individuais em detrimento de iniciativas coletivas. Raramente atua de forma organizada.

Karl Marx e Friedrich Engels o descrevem no *Manifesto Comunista* (1848): “O lumpemproletariado, esse produto passivo da putrefação das camadas mais baixas da velha sociedade pode, às vezes, ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária; todavia, suas condições de vida o predispõem mais a vender-se à reação”.

Marx voltaria a se referir ao lumpemproletariado no *Dezoto de Brumário Luís Bonaparte* (1852). Trata-se de uma análise profunda sobre o processo social compreendido entre a Revolução de 1848 e o golpe de Estado de 1851, na França. O autor amplia o conceito, ao descrever os apoiadores de Luís Bonaparte: “Esse Bonaparte se constitui como chefe do lumpemproletariado, porque é nele que identifica maciçamente os interesses que persegue pessoalmente, reconhecendo, nessa escória, nesse dejetos, nesse refugio de todas as classes, a única classe na qual pode se apoiar incondicionalmente”.

Mais adiante, Marx mostra que o conceito não se referia apenas às camadas mais baixas da sociedade, ao se referir ao sobrinho de Napoleão como “lumpemproletário principesco”. N’ *As lutas de classes na França* (1850), Marx estenderia ainda mais a classificação: “A aristocracia financeira, tanto no modo de obter seus ganhos quanto no modo de desfrutar deles, nada mais é que o renascimento do lumpemproletariado nas camadas mais altas da sociedade burguesa”.

Quase um século mais tarde, no final dos anos 1950, o belga Ernest Mandel cria a definição de lumpemburguesia. Em 1973, o alemão André Gunder Frank lança *Lumpemburguesia: lumpemdesenvolvimento – Dependência, classe e política na América Latina*. Sua argumentação mostra que: “A partir da conquista, a dinâmica colonial do sistema capitalista forma na América Latina a estrutura de classes e a estrutura econômica, de modo que quanto mais estreitas são as relações econômicas e coloniais entre a metrópole e sua lumpemburguesia satélite (...), tanto mais as políticas econômicas intensificam um lumpemdesenvolvimento”.

A partir de tais definições, vale a pena tentar entender que classes e frações de classe compõem o primeiro escalão da administração eleita em 2018.

Grupos de interesse

O governo Bolsonaro resulta de uma confluência de interesses solidamente enraizados na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, a representação institucional – ou expressão política – dessa coalizão parece materializar profundas alterações ocorridas desde o final da ditadura (1964-1985) na composição social do país.

O período é marcado por um processo de desindustrialização, privatização e desnacionalização de empresas que se soma à desregulamentação e fragmentação do mundo do trabalho. Ramos inteiros da produção deixaram de existir, a indústria de transformação reduziu sua participação na formação do Produto Interno Bruto (PIB) e o país assistiu sua burguesia industrial vender empresas e tornar-se mera montadora, maquiadora, empacotadora e, principalmente, especuladora no mercado financeiro, beneficiando-se de uma das mais altas taxas de juros do planeta. A burguesia associada do capital externo vai se tornando uma burguesia compradora e rentista. Podem-se vislumbrar pelo menos quatro grandes grupos de interesse contemplados no primeiro escalão do atual governo.

Em primeiro lugar está o círculo próximo a Jair Bolsonaro. Forma a vertente mais ideológica do poder, com nomes indicados por igrejas fundamentalistas e pelo autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho. Entram nessa conta os ministros Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Ricardo Vélez Rodríguez (Educação), Damara Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) e Marcelo Álvaro Antônio (Turismo). Agregam-se a esse time os três filhos do capitão, que teriam ligações com milícias armadas do Rio de Janeiro e com representantes da extrema direita dos Estados Unidos, como o ex-ideólogo de Donald Trump, Steve Bannon. É o grupo que dirige politicamente o governo.

O segundo time em importância é representado por oito altos oficiais militares de direita, além do vice-presidente Hamilton Mourão. São eles: Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional), Carlos Alberto Santos Cruz (Secretaria de Governo), Floriano Peixoto Vieira Neto (Secretaria Geral da Presidência), Fernando Azevedo e Silva (Defesa), Bento Costa Lima de Albuquerque (Minas e Energia), Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia), e Wagner Campos Rosário (Transparência e Controladoria Geral da União).

O plantel dos militares tem duas vozes principais, Mourão e Augusto Heleno, e forma o polo organizativo central da gestão. O ex-comandante da missão da ONU no Haiti é o militar mais próximo de Bolsonaro.

Um terceiro campo compõe o que poderia ser denominado de “Ministério da Intimidação e Punitivismo”. Aqui brilha a constelação do ex-juiz Sergio Moro, ligado à extrema-direita do Judiciário.

Há, por fim, a grande pasta dos negócios, firmemente alicerçada no capital financeiro. Sua estrela é o economista e especulador Paulo Guedes, ministro da Economia. Seguem-se a ele o executivo do grupo Santander, Roberto Campos Neto, que pilota o Banco Central, e o ex-diretor do Bradesco, Joaquim Levy.

Os dois primeiros grupos – ideológicos e militares – disputam publicamente espaços e diretrizes na máquina pública.

A força da farda

A presença das Forças Armadas no governo revela um sério problema político: Bolsonaro não tem um partido que lhe dê sustentação. Sarney valia-se do PMDB, FHC contava com o PSDB e Lula com o PT. Não se tratavam de meras legendas parlamentares para encaminhar e votar projetos no Congresso. As agremiações eram vetores orgânicos com presença na política institucional e real inserção na sociedade.

O PMDB dos anos 1980 contava com alguns dos mais relevantes intelectuais brasileiros, mantinha intervenção no movimento sindical e no empresariado. O mesmo pode ser dito dos dois outros casos. PMDB, PSDB e PT, além disso, expressam demandas de determinadas classes sociais e as representam no embate político e no conflito distributivo.

No caso de Bolsonaro, qual é o vetor que sintetiza demandas de classe que o sustentam na disputa institucional? Não é o PSL, evidentemente! Esta é uma legenda artificial e um agregado de aventureiros, sem expressão social clara. Expressão social é diferente de ter votos. O PSL tem votos, mas é incapaz de organizar minimamente uma administração.

Estamos em uma situação semelhante às dos governos da ditadura militar. Eles tinham um partido (a Arena) que não formava um corpo de ideias muito definido, a não ser dar voz às oligarquias regionais. O vetor organizador dos governos ditatoriais eram as Forças Armadas, com destaque para o Exército, de onde saíram seus cinco presidentes. É o que ocorre hoje.

O Exército, a força mais numerosa e mais capilarizada social e geograficamente, vocaliza uma reivindicação difusa da classe média e de parcela dos pobres por ordem, segurança e moralidade. Seria o que o cientista político e jornalista Oliveiros Ferreira denominou de *partido fardado*, entre os anos 1970-80. Vale uma ressalva: os setores militares que ascendem com Bolsonaro são caudatários dos porões (Garrastazu Médici e Silvio Frota,

ligados à repressão) e não aos ideólogos da ditadura (Golbery do Couto e Silva e Ernesto Geisel).

Assim, Bolsonaro não tem saída. Ou apela para as FFAA ou não existe governo que pare em pé. Não há escapatória a não ser ele colocar cerca de cem militares em cargos de primeiro e segundo escalão.

O terceiro (Justiça) e o quarto (Economia) grupo materializam o grande consenso interno do governo. A facção ideológica e a militar têm até aqui pleno acordo com o projeto punitivista de Sergio Moro e com a opção ultraliberal de Paulo Guedes. São também os fiadores da sustentação do governo entre o capital financeiro, os especuladores internacionais, a grande mídia e um setor da classe média que, desde 2013, bradava por intervenção militar.

Mas a existência desses consensos não tira de cena a renhida disputa de rumos. Voltemos ao início deste texto: o sentido principal do jogo de forças intramuros é o embate entre um corpo profissional do Estado e a inédita chegada do lumpesinato ao palácio. Detalhemos.

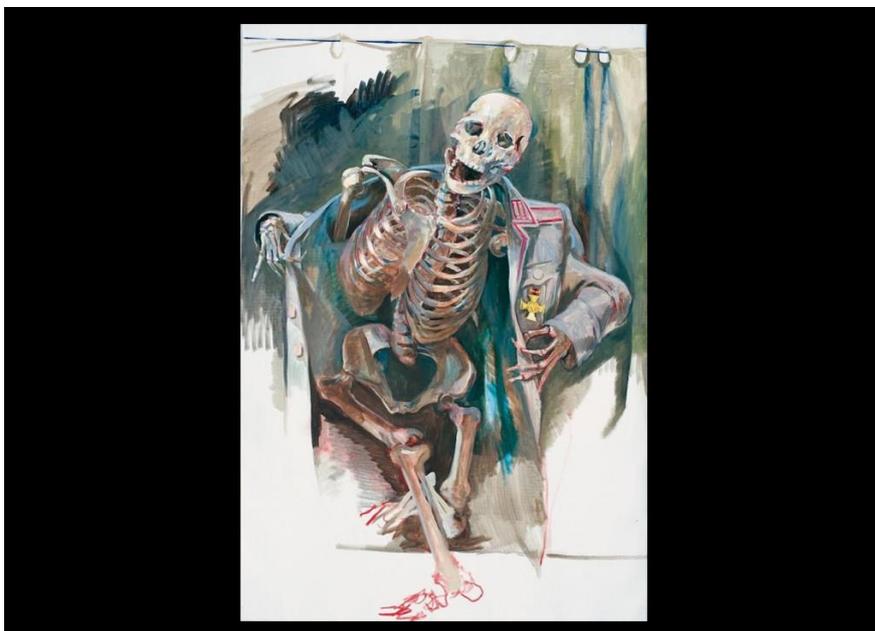
O lumpesinato com a caneta na mão

O principal representante do lumpesinato nas esferas do poder é o próprio presidente da República. Expulso do Exército por indisciplina, Jair Bolsonaro buscou a carreira parlamentar como meio de vida. Em 28 anos de Congresso, teve atuação apagada e agregou-se ao chamado baixo clero da instituição.

Bolsonaro nunca representou um setor social específico, mas surfou em ondas de insatisfação difusas do eleitorado pobre do Rio de Janeiro e no corporativismo da massa militar. Seu mentor, Olavo de Carvalho, sujeito sem ocupação definida, é um lumpen da intelectualidade, misto de astrólogo e guru de vasta legião conservadora. Damares fez sua carreira nas igrejas pentecostais e não se sabe de seus vínculos claros com o mundo formal do trabalho. O mesmo se dá com outro ativista pentecostal, Marcelo Álvaro Antônio, chefe da pasta do Turismo. Vélez Rodríguez, por sua vez, é um obscuro professor universitário, sem publicações relevantes e desconhecido em seu meio. Araújo expressa uma ínfima minoria no Itamaraty.

O próprio ministro da Economia, Paulo Guedes, é um economista marginal, tanto na academia quanto no mercado. Pêrsio Arida, um dos criadores do plano Cruzado (1986) e ex-presidente do BNDES e do Banco Central no governo FHC, tem opiniões arrasadoras sobre ele. Em setembro de 2018, Arida declarou ao jornal *O Estado de S. Paulo* que “Paulo Guedes é um mitômano (...). Nunca escreveu um artigo acadêmico de relevo e tornou-se um pregador liberal. (...) Ele nunca dedicou um minuto à vida pública, não tem noção das dificuldades. Partiu para uma campanha de difamação que é de um grau de incivildade que não se vê em outro assessor econômico”. Envolvido em acusações de fraudes em fundos de pensão, Guedes pode ser classificado sem erro como um lumpenfinancista.

Entre os militares, o astronauta Marcos Pontes foi para a reserva após seu voo orbital em 2006. Tornou-se palestrante de autoajuda, vendedor de travesseiros e guia turístico na Flórida. Ou seja, passou a viver de expedientes que não deram muito certo até ser recolhido por Bolsonaro.



O PSL, partido do presidente, por sua vez, é quase todo composto por aquilo que Marx classificou como lumpesinato no *Dezoito brumário*: “Rufiões decadentes, com meios de subsistência duvidosos (...), rebentos arruinados e aventurecos da burguesia (...) vagabundos, soldados exonerados (...), trapaceiros, (...) donos de bordel, (...) em suma, toda essa massa indefinida, desestruturada e jogada de um lado para outro, que os franceses denominam la bohème [a boemia]”.

Qual o problema de um governo ser dirigido pelo lumpesinato de diversas classes?

O lumpesinato, por característica inata, é avesso a qualquer projeto coletivo de longo prazo. Não é classe, não é coletivo, não forma grupos. Não há previsibilidade ou rotina possível em um conjunto de indivíduos para os quais vigoram as saídas individuais e a disputa de cada um contra todos.

Pode-se afirmar que o lumpesinato vive no Estado de Natureza conceituado por Thomas Hobbes, em *Leviatã* (1651). Trata-se de uma situação anterior à criação do Estado, sem regras ou normas, em que “todo homem é inimigo de todo homem”.

Nas palavras de Hobbes: “Numa tal situação não há lugar para a indústria, pois seu fruto é incerto; conseqüentemente não há cultivo da terra, nem navegação, nem uso das mercadorias que podem ser importadas pelo mar; não há construções confortáveis, nem instrumentos para mover e remover as coisas que precisam de grande força; não há conhecimento da face da Terra, nem cômputo do tempo, nem artes, nem letras; não há sociedade; e o que é

pior do que tudo, um constante temor e perigo de morte violenta. E a vida do homem é solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta”.

Não há descrição mais apropriada para um mundo traçado por Jair Bolsonaro em discurso proferido para uma plateia de extrema direita em Washington, em março último: “O Brasil não é um terreno aberto onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo. Nós temos é que desconstruir muita coisa. Desfazer muita coisa”.

Não se trata de deslize de um imprevisto mal feito. Hamilton Mourão já havia declarado ao jornal *Valor Econômico* em fins de 2018 que o governo faria “um desmanche do Estado”.

São frases-síntese de um governo lúmpen que se move por pequenos e grandes negócios de ocasião. Em geral, eles se dão por fora da política institucional e de suas regras e, não raro, apelando para situações de força. Uma administração de todos contra todos.

Por Gilberto Maringoni é Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC

e **Artur Araújo** é ex-diretor da Embratur e consultor da Federação Nacional dos Engenheiros

● **DESORGANIZAÇÃO DA AGENDA AMBIENTAL**

10 Abril 2019 - http://www.ihu.unisinos.br/588268-retrocessos-ambientais-marcam-os-100-dias-do-governo-bolsonaro?fbclid=IwAR00JjuI5EoqRTvRvGfvtMI_Qi9TaiwBU8n0R34rdd07hFdRBMuZCKHh4IQ

Apoiado pelos ruralistas desde a sua campanha, **Jair Bolsonaro** elege a **agenda ambiental** como inimiga do governo e promove uma avalanche de retrocessos.

A reportagem é publicada por **Greenpeace**, 09-04-2019.

Antes mesmo de tomar posse, o novo presidente já anunciava que acabaria com o **Ministério do Meio Ambiente (MMA)**, submetendo-o ao da **Agricultura**. A forte repercussão negativa fez **Jair Bolsonaro** voltar atrás, mas não desistir de seu objetivo de destruir a pasta. Em pouco tempo, colocou em prática um “plano B”, nomeando como ministro **Ricardo Salles**, condenado em primeira instância por fraude na elaboração de plano de manejo em uma Área de Proteção Ambiental em favor de empresas mineradoras. A partir de então, uma **enxurrada de medidas e decretos** começou a minar o ministério, diminuindo sua capacidade de atuação, desfazendo conquistas importantes e até mesmo impondo uma lei da mordança aos servidores de alguns órgãos. Assim, ao invés de aniquilar o ministério em uma só canetada, o presidente o faz no varejo.

Nesses primeiros 100 dias, o governo também adotou medidas e fez promessas que colocam em risco a **Amazônia** e poderão fomentar ainda mais o **desmatamento** e a **violência** na região. Nessa linha, **Bolsonaro** iniciou um **ataque sem precedentes aos povos indígenas**: transferiu para o **Ministério da Agricultura** a responsabilidade pela **demarcação de terras**, declarou que vai rever todas as demarcações que puder e prometeu abrir terras indígenas para exploração agropecuária e mineração. Segundo dados da **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)**, tais sinalizações já foram suficientes para estimular mais invasões e violência no campo.

O desejo de entregar a **Amazônia** ficou evidente durante missões governamentais internacionais, em falas de ministros e do próprio presidente que, em conversa com **Donald Trump**, propôs a [abertura da exploração da região em parceria com os Estados Unidos](#). Além de ilegais, tais atos também afrontam a soberania nacional, uma vez que áreas protegidas e terras indígenas, que hoje pertencem à União, poderiam ir parar nas mãos de empresas estrangeiras.

O ataque à pauta ambiental não para por aí. No Palácio do Planalto, há uma ampla agenda dedicada a encher de **veneno** a comida da população. Em três meses, já foram autorizados para uso **121 novos agrotóxicos**, um recorde se comparado aos últimos dez anos, considerando o mesmo período. Destas substâncias, [41% são classificadas como altamente ou extremamente tóxicas](#), e ao menos quatro produtos são tão nocivos à saúde humana que foram banidos em diversos países. Há ainda 241 novos pedidos de registro acatados e que podem seguir pelo mesmo caminho.

Em 100 dias, o governo já autorizou 121 novos agrotóxicos, um recorde se comparado aos últimos dez anos, considerando o mesmo período. Destas substâncias, 41% são classificadas como altamente ou extremamente tóxicas.

© **Christian Braga/ Greenpeace**

● **EM CEM DIAS: AGENDA AMBIENTAL**

“Nestes primeiros 100 dias, o atual governo empenhou-se apenas numa agenda antiambiental. Não há, por exemplo, nenhuma nova medida de combate ao desmatamento da Amazônia. Os criminosos que destroem a floresta e roubam nossas riquezas, os vendedores de agrotóxicos que contaminam nossa comida e os que querem tomar as terras das populações indígenas são os únicos que têm algo a comemorar”, diz [Marcio Astrini](#), coordenador de **Políticas Públicas do Greenpeace**.

O atual rumo das políticas ambientais pode jogar por terra décadas de esforços no combate ao desmatamento, colocar em risco a saúde da população e trazer um incalculável prejuízo econômico e de imagem ao país. Cada vez mais, consumidores do mundo inteiro rejeitam produtos manchados com a destruição ambiental. Recentemente, o governo francês anunciou que irá bloquear a importação de produtos agropecuários e florestais que contribuam com o desmatamento da Amazônia.

“**Bolsonaro** não ganhou um cheque em branco da sociedade brasileira para destruir nossas riquezas naturais. Ele deve governar para o bem de toda a população, e não apenas de acordo com seus interesses ou grupos aliados. Iremos cobrá-lo 24 horas por dia da necessidade de proteger as florestas, assegurar a saúde da população e agir para barrar as mudanças climáticas. Continuaremos lutando contra todo retrocesso socioambiental, de forma independente, como tem sido ao longo dos nossos 27 anos de história no Brasil, não importando quem encontra-se na cadeira da Presidência da República”, afirma **Astrini**.

Confira [aqui](#) os atos e promessas do governo que promovem retrocessos na área socioambiental nestes primeiros 100 dias de governo, e [aqui](#) a lista dos agrotóxicos liberados.

Leia mais

- [O que muda \(ou resta\) no Meio Ambiente com a reforma de Bolsonaro?](#)
- [Nota da comunidade acadêmica brasileira ligada ao campo da educação ambiental](#)
- [Termômetros não têm ideologia. A anatomia do desmonte das políticas socioambientais](#)
- ['A proteção do meio ambiente não pertence a nenhuma corrente política ou ideológica'](#)
- [“Bolsonaro promete um muro de vergonha para o meio ambiente”. Entrevista com Marcio Astrini](#)
 - [Brasil envergonha a agenda climática, afirma Greenpeace](#)
 - [Sete propostas de Jair Bolsonaro contrárias ao meio ambiente](#)
 - [Fusão de ministérios antecipa desmonte ambiental no Brasil de Bolsonaro](#)
- [Eleições 2018 e a pauta ambiental. Duas propostas totalmente opostas em disputa no 2º turno. Entrevista especial com Lucas Ferrante](#)
 - [Brasil, um país do passado](#)
- [Escolha de Ernesto Araújo para chanceler põe em risco liderança ambiental brasileira](#)
 - [As ameaças de Bolsonaro ao papel central do Brasil no meio ambiente](#)
 - [Ascensão de Bolsonaro gera tensão entre ambientalistas](#)
 - [Gestão do meio ambiente não vai existir e banqueiros concentrarão poder](#)
- [Eleições 2018 e a pauta ambiental. Duas propostas totalmente opostas em disputa no 2º turno. Entrevista especial com Lucas Ferrante](#)
 - [Sete propostas de Jair Bolsonaro contrárias ao meio ambiente](#)
 - [Amazônia é ignorada na maioria dos planos de governo dos presidencialistas](#)
 - [Bolsonaro defende o fim do Ministério do Meio Ambiente](#)
 - [Planos de Bolsonaro para o meio ambiente deixam entidades em alerta](#)
- [Bolsonaro ameaça Amazônia, seus povos e biodiversidade, alertam geógrafos paraenses](#)
 - [Bolsonaro é uma ameaça ao planeta](#)
- [Desmatamento na Amazônia Legal reduz em outubro de 2018, mas alerta tendência de aumento no acumulado](#)
 - [Sem Licença Para Destruir](#)
 - [‘Absurdo falar em desmatamento zero’, afirma líder ruralista](#)
 - [Meio ambiente: “As ações do governo mancham a imagem do Brasil”](#)
 - [“Nem um centímetro a mais para terras indígenas”, diz Bolsonaro](#)
 - [Para Nature, eleição de Bolsonaro é ameaça à Ciência](#)
 - [Bolsonaro e crime ambiental em Unidade de Conservação](#)
- [Bolsonaro testa limites com anúncios econômicos e ministérios: estratégia ou caos?](#)
- [Secretário nomeia amigo ruralista para Câmara de Compensação Ambiental de SP](#)
 - [Licenciamento ambiental: um acordo no almoço, outro no café](#)
- [Agenda ambiental do próximo governo não é só prejudicial ao país, mas uma ameaça ao planeta. Entrevista especial com José Eustáquio Diniz Alves](#)
- [Municípios da Amazônia que elegeram Bolsonaro no 1º turno são os que mais desmatam em 17 anos](#)
 - [“Bolsonaro acha que a mudança climática é coisa de ativistas que gritam”](#)
 - [Os riscos ao meio ambiente no governo Bolsonaro](#)

- **100 dias de governo Bolsonaro**

<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/100-dias-de-governo-bolsonaro/>

Rodrigo Augusto Prando* - 13 de abril de 2019 | 11h00

O governo de Jair Bolsonaro apresenta o pior índice de aprovação de um presidente recém-eleito, desde Collor. Com isso, nesses primeiros 100 dias de ação a chamada “lua de mel” com a opinião pública foi inexistente e, por incrível que pode parecer, praticamente todos os problemas e crises enfrentadas foram geradas dentro do próprio governo, seja por declarações desastradas de Bolsonaro, de seus filhos, de seus ministros ou de membros de seu partido, o PSL.

A maioria dos analistas, portanto, avaliam como negativos esses 100 primeiros dias, seja no plano nacional ou internacional. Os bolsonaristas, que são diferentes dos eleitores de Bolsonaro, correm para afirmar que é pouco tempo, que o estrago do lulopetismo foi bem grande e estendeu por cerca de 16 anos. Há, apenas, parte de verdade na afirmação. Os 100 dias de um governo é uma amostra, como, para o médico, uma amostra de sangue.

Não se retira todo o sangue de um paciente para detectar uma doença, como não se espera metade de um mandato para se avaliar as ações governamentais. Em termos positivos, há dois ministros que dão sustentação racional ao governo: Paulo Guedes, na Fazenda e Sérgio Moro na Justiça; o primeiro se esforça para dar conteúdo e forma à Reforma da Previdência e o segundo apresentou um pacote anticrime, que já sofreu descaracterização e está em compasso de espera, tendo perdido força política.

Outro ponto a ser destacado é a racionalidade e certa estabilidade oriunda no núcleo militar do governo e, ainda nesta seara, a boa atuação do vice-presidente, Hamilton Mourão. Já o presidente Jair Bolsonaro só na última semana fez um gesto de aproximação com os líderes dos partidos político, porque até há pouco todos eram chamados de membros da “velha política”. Deu-se, assim, nestes primeiros meses a manutenção de um discurso de campanha e, por isso, Bolsonaro não compreendeu a liturgia do cargo e nem a importância do papel de liderança que o presidente da república exerce.

O fato de Bolsonaro gostar e se dar bem nas redes sociais fez com ele continuasse a se concentrar naquele público que já lhe é fiel, já convertido, deixando de lado os demais brasileiros. As confusões entre interesses familiares e do Estado foram, inúmeras vezes, sentidos, até o ponto de um ministro de Estado ser demitido por antipatia de um dos filhos do presidente. Muitos dos seus ministros – sem a liderança do presidente – foram de uma incompetência singular, falando bobagens, paralisando seus ministérios e, também, apresentando currículos inverídicos em suas biografias.

O pior, em tudo, foi conjugar a retórica de campanha com a falta de articulação política, que não foi feita nem pelo presidente e nem por seus ministros ou por líderes de seu partido. Aliás, o PSL mostrou-se um amontado de personalidades, mas sem organicidade e uma liderança capaz de dar sentido e rumo às dimensões da política seja no parlamento seja junto à sociedade. No plano internacional, as declarações de intenções foram, muitas vezes, no sentido oposto da tradição de nossa diplomacia e as visitas presidenciais (Davos, EUA, Chile e Israel) trouxeram mais problemas que soluções até agora.

Houve, enfim, um governo sem líder, um presidente e ministros mais ligados às posições ideológicas do que capazes de governar com estratégia. Esses 100 primeiros dias foram ruins. Pode, se quiserem, melhorar, mas dependerá de

esforço individual e coletivo. Talvez, a síntese do governo tenha sido o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez: despreparado, confuso, ideológico e inoperante. Bolsonaro deverá assumir as rédeas de seu governo ou, então, outros poderão fazer isso.

***Rodrigo Augusto Prando é cientista político e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É bacharel e licenciado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Sociologia, pela Unesp/FCLAr**

- **Cem dias do governo Bolsonaro**

Bolsonaro quebra paradigmas, mas capital político desintegra em pouco tempo

<https://www.valor.com.br/especial/cem-dias-do-governo-bolsonaro>

Por Malu Delgado, Valor — São Paulo - 10/04/2019

A eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República, com 57,7 milhões de votos (55,13% dos votos válidos), representou uma quebra de paradigma não apenas pelo formato da disputa eleitoral do Brasil _ com o protagonismo das redes sociais _, como também pela ruptura da polarização entre PT e PSDB. Os dois partidos tinham sido protagonistas das disputas presidenciais no Brasil desde 1994 e se alternaram no poder até então. A novidade eleitoral representada por Bolsonaro, porém, não foi suficiente para sustentar o seu significativo capital político, que apresentou rápida deterioração em pouco mais de três meses de governo.

De janeiro a março, a avaliação positiva (bom/ótimo) de Bolsonaro caiu 15 pontos percentuais (de 49% para 34%), segundo a pesquisa Ibope, publicada em 20 de março. A queda expressiva do apoio popular ao governo Bolsonaro foi comprovada pela pesquisa Datafolha, publicada em 7 de abril, confirmando que o ex-parlamentar tem a pior avaliação de

primeiro mandato desde Fernando Collor: 32% consideram sua gestão ótima ou boa, 33% acham regular e 30% têm avaliação ruim ou péssima do atual governo. Mesmo com o evidente desgaste, 59% dos brasileiros ouvidos pelo Datafolha confiam que Bolsonaro terá um desempenho melhor (ótimo ou bom) daqui em diante.

Avaliação do governo Bolsonaro, em %

IBOPE

**Ótimo/bom Regular Ruim/péssimo Não sabe/não
respondeu Jan/2019 Fev/2019 Mar/2019 01020304050**

Fonte: Ibope. A pesquisa ouviu 2.002 pessoas entre 16 e 19 de março. Margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos. Nível de confiança de 95%.

DATAFOLHA

**Ótimo/bom Regular Ruim/péssimo Não sabe/não
respondeu Abr/2019 01020304050**

Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.086 entrevistas realizada entre 2 e 3 de abril em 130 municípios de todo o Brasil; margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%

O governo Bolsonaro chega aos 100 dias de governo sem uma base aliada formada e consolidada, com uma articulação política ineficaz e uma relação conflituosa com o Congresso. O presidente perdeu, em três meses, dois ministros. Gustavo Bebianno (Secretaria Geral da Presidência), o advogado que conduziu sua campanha eleitoral e o PSL, partido ao qual se filiou, caiu após o escândalo de candidaturas laranjas de mulheres pela legenda. Na véspera dos 100 dias, o presidente comunicou pelo Twitter que Ricardo Vélez Rodríguez deixaria a pasta da Educação, que passou a ser comandada por Abraham Weintraub, economista que aderiu ao bolsonarismo durante a campanha eleitoral. Há, ainda, risco de queda do ministro Marcelo Álvaro Antônio (Turismo), também implicado no escândalo de candidaturas laranjas de mulheres em Minas Gerais.

Apesar da dificuldade de diálogo político com o Congresso, Bolsonaro mantém o apoio do mercado e de investidores, que ainda apostam na aprovação da reforma da Previdência e na recuperação da economia. É justamente na economia que se ancora a credibilidade do governo Bolsonaro. O economista Paulo Guedes, principal ministro de seu governo, é visto pelo setor financeiro como avalista do presidente, assegurando a abertura do mercado e um processo amplo de privatizações e reformas. A expectativa de agenda única em torno da Previdência passou a ser vista, porém, como um risco real e, por isso, a lua de mel com investidores passou. O apoio persiste, mas com entusiasmo bem mais racional. Hoje, os analistas reduzem as estimativas de crescimento do PIB e acham que pode fechar 2019 mais próximo de 1% do que de 2%.

PIB: Expectativa de mercado para 2019, em %

PIB Jan/2019 Feb/2019 Mar/2019 Abr/2019 1,922,12,22,32,42,52,62,7

PIB 2,48 %

Fonte: BC/Focus. Elaboração: Valor Data

Deputado federal por quase três décadas, Jair Bolsonaro chegou ao Palácio do Planalto graças a uma campanha intensa nas redes sociais. O fato de ter sido vítima de uma facada, em 6 de setembro, lhe tirou da campanha. O candidato “jogou parado”. Com um passado parlamentar polêmico e pouco expressivo, em que defendeu a ditadura e a tortura, adotando um discurso hostil a minorias e ao ativismo ambiental, Bolsonaro soube se preservar durante a campanha, enquanto convalescia. Ao final da disputa, no segundo turno, recusou-se a participar, com Fernando Haddad, de todos os debates na televisão que estavam programados na reta final da eleição.

Bolsonaro disputou o segundo turno contra Fernando Haddad, do PT. A forte rejeição ao petismo assegurou sua vitória. Com um programa de governo vago e ancorado apenas na plataforma da segurança pública e combate à corrupção, as ideias do hoje presidente não foram conhecidas durante a campanha. Não se

sabia, por exemplo, que reformas estruturais o governo Bolsonaro apresentaria.

O ponto mais tenso da campanha foi o questionamento sobre o financiamento de fake news nas redes sociais, que supostamente envolveria empresários apoiadores de Bolsonaro, mas o debate não avançou, tampouco as apurações na Justiça Eleitoral e na Polícia Federal.

- **Cronologia dos cem dias**

FOTO: Ruy Baron/Valor

1º de janeiro

A posse

Em seu primeiro discurso como presidente da República, Jair Bolsonaro promete libertar a Pátria, definitivamente, "do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica".

RELACIONADOS

[chrome_reader_modeConfira a análise de Rosângela Bittar, colunista do Valor e chefe de redação em Brasília](#)
[open_in_newvideocamPopulação se aglomera para acompanhar a cerimônia de posse](#)
[open_in_new](#)

FOTO: Wilson Dias/Agência Brasil

2 de janeiro

O rosa e o azul da ministra Damares

A primeira grande polêmica das redes virtuais do governo Bolsonaro foi com a ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos), que no dia de transmissão do cargo afirmou que há uma nova era, em que menino veste azul, e menina veste rosa.

RELACIONADOS

[videocamAzul e rosa: declaração da ministra Damares gera polêmica e crítica nas redes sociais](#)
[open_in_new](#)

3 de janeiro

Bolsonaro sugere idades de aposentadoria: 62 para homens, 57 para mulheres

Presidente concedeu entrevista à emissora SBT e fez a afirmação bem antes de a equipe econômica do governo

finalizar o texto da reforma da Previdência que seria enviado ao Congresso.

4 de janeiro

Primeiro bate-cabeça com a equipe econômica: o "decreto do IOF"

Bolsonaro afirma em solenidade de transmissão de cargo da Aeronáutica que havia assinado um decreto para aumentar a alíquota do IOF e reduzir a alíquota de IR. O presidente foi desmentido pela equipe econômica. Foi o primeiro ruído com o ministro da Economia, Paulo Guedes, após a campanha.

RELACIONADOS

[chrome_reader_modeSecretário da Receita desmente o presidenteopen_in_new](#)

[videocamBolsonaro elogia e agradece Paulo Guedes por confiançaopen_in_new](#)

6 de janeiro

Monitoramento de ONGs

Medida provisória editada no primeiro dia do governo deu à Secretaria de Governo, comandada por Carlos Alberto Santos Cruz, poder para monitorar e fiscalizar ONGs, mesmo as que não recebem verbas federais. O terceiro setor reagiu, sobretudo organizações internacionais.

RELACIONADOS

[chrome_reader_modeConfira a análise de Cesar Felício, editor de Política do Valoropen_in_new](#)

[videocamMinistro Santos Cruz diz que vai passar pente fino em ONGsopen_in_new](#)

FOTO: Ruy Baron/Valor

8 de janeiro

Recuo sobre base militar americana em Alcântara

A possibilidade de o Brasil permitir a instalação de uma base militar dos Estados Unidos em Alcântara foi ideia citada durante a campanha, mas o governo desistiu, diante de repercussão negativa entre militares. O presidente enviou o recado aos comandantes das Forças Armadas, de que ideia não

prosperaria, pelo ministro da Defesa, Fernando de Azevedo e Silva.

RELACIONADOS

[chrome_reader_mode](#) [Entrevista exclusiva do ministro da Defesa ao Valoropen in new](#)

FOTO: Reprodução

9 de janeiro

A promoção do filho do vice-presidente Antônio Hamilton Mourão, filho do vice-presidente Hamilton Mourão, é promovido no Banco do Brasil e triplica salário, passando a ganhar R\$ 36 mil. O assunto tomou conta das redes sociais, expôs contradições dos bolsonaristas e deixou alas do governo em situação desconfortável. O governo alegou que Antônio Mourão, funcionário de carreira do BB, é qualificado para o cargo e tinha sido perseguido politicamente em gestões anteriores do PT.

FOTO: Reprodução

10 de janeiro

Flávio Bolsonaro não presta depoimento ao Ministério Público para falar de investigação do Coaf

O mandato de Jair Bolsonaro começa com a sombra das investigações do Coaf, que apontaram movimentação financeira suspeita de R\$ 1,2 milhão de Fabrício Queiroz, ex-motorista e ex-assessor de Flávio Bolsonaro quando ele ocupava o cargo de deputado na Assembleia Legislativa do Rio. A investigação do Coaf foi feita a pedido do Ministério público para apurar suspeita de esquema de corrupção na Assembleia. Eleito senador, o filho de Jair Bolsonaro afirma que não é investigado e que quer ter acesso aos autos antes de prestar qualquer depoimento.

FOTO: Reprodução de TV

12 de janeiro

Cesare Battisti é preso na Bolívia

Italiano condenado à prisão perpétua na Itália em 1993, por assassinatos da década de 70, foi preso em Santa Cruz De La Sierra. Ele estava foragido desde 14 de dezembro de 2018. Bolsonaro, que sempre foi a favor da extradição, explora o assunto. Mas foi o governo anterior, de Temer, que pediu a extradição. O governo Lula rejeitou a extradição. Cesare Battisti

foi preso pela polícia boliviana. O italiano, ao final, vai direto da Bolívia para a Itália, e nem passa pelo Brasil para o processo de extradição. Depois de preso, no dia 25 de março ele confessou à Justiça italiana ter matado duas pessoas e ser mandante de outros dois homicídios.

FOTO: Leo Pinheiro/Valor

14 de janeiro

Procurador-geral do Rio diz que pode apresentar denúncia contra Flávio Bolsonaro

Diante das ausências do senador Flávio Bolsonaro e do ex-motorista Fabrício Queiroz aos depoimentos agendados pelo Ministério Público do Rio para apurar indícios de esquema de corrupção na Assembleia do Rio, o procurador-geral, Eduardo Gussem, afirma que a investigação é baseada em "provas documentais consistentes" e a denúncia contra eles poderia ser apresentada mesmo sem os depoimentos.

FOTO: Alan Santos/PR

15 de janeiro

Bolsonaro cumpre promessa de campanha e edita decreto que facilita posse de armas

Medida é tomada para agradar ao eleitorado do presidente. O texto define o que é "efetiva necessidade" para ter armas em casa e estabelecimentos, sem deixar o critério subjetivo, o que era uma exigência dos armamentistas. A validade do registro de posse passa de cinco para dez anos, e pessoas em situação irregular poderão renová-lo automaticamente. Os apoiadores de Bolsonaro da bancada da bala consideraram o decreto tímido.

Os críticos alertaram para as consequências do aumento de armas em circulação no país. Apesar de ter defendido também a flexibilização do porte de armas durante a campanha, governo evita essa polêmica na largada do mandato.

16 de janeiro

**Flávio Bolsonaro recorre ao STF para barrar investigações
Senador apresenta reclamação ao Supremo pedindo que sejam anuladas investigações do Ministério Público do Rio a partir das movimentações financeiras apontadas pelo Coaf, e solicita também a suspensão temporária das investigações. Para o senador, houve quebra de sigilo do MP. Os promotores alegam**

que não há investigação específica contra Flávio Bolsonaro, e sim movimentações atípicas de políticos e servidores da Assembleia Legislativa do Rio.

17 de janeiro

Fux suspende investigação do ex-assessor de Flávio Bolsonaro
Ministro do STF, Luiz Fux suspende investigação que envolve
Fabrizio Queiroz, o ex-assessor de Flávio Bolsonaro, conduzida
pelo Ministério Público do Rio. Como foi eleito senador, Flávio
tem direito a foro privilegiado.

18 de janeiro

Os 50 depósitos de Flávio Bolsonaro
Relatório do Coaf, em que já era investigado Fabrizio Queiroz,
também mostra que Flávio Bolsonaro fez uma série de pequenos
depósitos em curtíssimos intervalos. Foram 48 depósitos de R\$
2 mil, entre junho e julho de 2017. Os dados do relatório do Coaf
foram obtidos pela TV Globo e divulgados no Jornal Nacional.
Na ocasião, Flávio Bolsonaro não apresentou nenhuma
justificativa para os fatos.

RELACIONADOS

videocam[Flávio Bolsonaro recebeu R\\$ 96 mil em 48 depósitos bancários, aponta Coafopen in new](#)

22 de janeiro

Bolsonaro vai a Davos
Presidente faz discurso de menos de sete minutos, algo
totalmente atípico para um chefe de Estado recém-eleito e
cujas mensagens são aguardadas pelo mundo. Promete abrir
economia, mas não entusiasma investidores. Papel de
interlocução com empresários e investidores coube a Paulo
Guedes, ministro da Economia.

RELACIONADOS

chrome_reader_mode[Guedes acena com tributação de juros sobre capital próprio open in new](#)

22 de janeiro

Filho de Bolsonaro empregou parentes de chefe de milícia foragido

Laços da família Bolsonaro com as milícias do Rio deixam governo em alerta. A mãe e a mulher do ex-PM Adriano Magalhães Nóbrega, suspeito de chefiar milícias do Rio das Pedras, no Rio, trabalharam no gabinete de Flávio Bolsonaro. Nóbrega foi um dos alvos de operação da Polícia Civil do Rio e Ministério Público para combater milícias suspeitas de grilagem de terras.

RELACIONADOS

[chrome_reader_mode](#) **Major da PM e mais 4 são presos em operação contra milícia que age em grilagem de terras no RJ** [open in new](#)

24 de janeiro

Brasil reconhece Guaidó como presidente interino da Venezuela Bolsonaro segue Donald Trump e outros 12 países e reconhece o chefe do Legislativo, Juan Guaidó, como presidente interino de um país em ebulição, com milhares de opositores a Maduro nas ruas.

24 de janeiro

**Governo altera Lei de Acesso à Informação
O vice-presidente, Hamilton Mourão, assina decreto presidencial que permite a um número maior de servidores públicos classificar como secretos e ultrassecretos documentos do governo. O decreto altera a Lei de Acesso à Informação e cria polêmica.**

25 de janeiro

**A tragédia em Brumadinho, Minas Gerais
Barragem da Vale se rompe no município mineiro de Brumadinho, três anos depois da tragédia ambiental em Mariana. Bolsonaro vai até local; no saldo final, foram 224 mortos identificados, 69 desaparecidos e 395 resgatados com vida.**

RELACIONADOS

[videocam](#) **Bolsonaro fala sobre tragédia** [open in new](#)

[chrome_reader_modeMineração terá de se reinventar no Brasil, afirmam especialistasopen_in_new](#)

28 de janeiro

Bolsonaro se submete à terceira cirurgia

Presidente é internado para retirar a bolsa de colostomia, colocada após a facada em 2018; cirurgia durou sete horas. Bolsonaro teve que religar intestino delgado a uma parte do intestino grosso.

RELACIONADOS

[chrome_reader_modeCirurgia de Bolsonaro para retirada de bolsa de colostomia termina 'sem intercorrências', diz boletim médicoopen_in_new](#)

1º de fevereiro

Supremo nega foro privilegiado a Flávio Bolsonaro

Por decisão do ministro do STF, Marco Aurélio, as investigações sobre movimentações financeiras atípicas de Fabrício Queiroz, que trabalhou no gabinete de Flávio Bolsonaro, quando deputado estadual, têm continuidade no Rio. O ministro entende que Flávio não tem prerrogativa de foro no STF porque se trata de um caso que ocorreu antes da posse como senador. A decisão é um golpe para Flávio e para o governo, que queriam ter maior controle sobre o impacto das investigações.

FOTO: Jorge William / Agência O Globo

1º de fevereiro

A vitória de Rodrigo Maia na Câmara

O parlamentar do DEM consegue se reeleger presidente da Câmara, a despeito de não contar com o aval direto de Jair Bolsonaro. Integrantes do governo, em especial do setor militar e da equipe econômica, queriam a vitória de Maia. O PSL, partido do presidente, acabou apoiando o deputado carioca.

FOTO: Daniel Marengo

2 de fevereiro

Davi Alcolumbre, do DEM, é eleito presidente do Senado

Após um tumultuado processo, com idas e vindas, o senador Davi Alcolumbre, em seu primeiro mandato, é eleito presidente da Casa. Alcolumbre era o preferido da Casa Civil, comandada

por Onyx Lorenzoni. Ele acabou unificando setores do Senado contra Renan Calheiros (MDB_AL), que teve apoio de petistas.

FOTO: Marcelo Camargo/Agência Brasil Brasília

4 de fevereiro

Moro apresenta pacote anticrime

Em reunião em Brasília com 12 governadores, o ministro Sergio Moro (Justiça e Segurança Pública) apresenta o pacote que enviará ao Congresso. Ministro sugere mudança em 14 legislações e propõe, inclusive, a criminalização do caixa dois. Uma das ideias centrais é assegurar a prisão em segunda instância.

FOTO: Divulgação/Presidência

13 de fevereiro

Presidente deixa hospital

Bolsonaro recebe alta, depois de 17 dias internado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. O presidente fez a terceira cirurgia desde que recebeu a facada, em setembro de 2018, desta vez para retirada da bolsa de colostomia.

FOTO: Carolina Antunes/PR

18 de fevereiro

Cai o primeiro ministro

Em menos de dois meses de governo, o presidente demite o ministro Gustavo Bebianno, que comandava a Secretaria-Geral da Presidência. Foi a maior turbulência política no início do governo, que durou mais de uma semana. O pano de fundo da crise foram as denúncias de uso irregular de recursos do fundo eleitoral para bancar candidaturas laranjas de mulheres pelo PSL, especialmente em Pernambuco. Bebianno presidiu o partido durante a campanha eleitoral. A crise foi agravada pela interferência de Carlos Bolsonaro, filho do presidente, que chamou Bebianno de "mentiroso" nas redes sociais. Houve vazamento de áudios de conversas entre Bebianno e Bolsonaro, durante o período em que ele ainda estava internado no Albert Einstein.

19 de fevereiro

O primeiro recado da Câmara

Deputados derrubam decreto presidencial, assinado pelo vice-presidente Hamilton Mourão, que modificava a Lei de Acesso à Informação e dava poderes a servidores comissionados para classificar documentos do Estado como secretos e ultrassecretos. A votação foi um claro sinal de insatisfação dos parlamentares com a falta de diálogo com o governo.

FOTO: Marcos Brandão/Senado Federal

20 de fevereiro

Bolsonaro leva reforma da Previdência ao Congresso
Sob forte expectativa do mercado e da classe política, o presidente leva pessoalmente a proposta de reforma da Previdência ao Congresso. O gesto é bem recebido, mas Bolsonaro não apresenta, juntamente com a emenda constitucional, a reforma dos militares, o que gera mal-estar entre os parlamentares. O texto da reforma, duro, com idades mínimas de 65 anos para homens e 62 anos para mulheres, passa a exigir forte coesão do governo no Congresso para aprovação.

RELACIONADOS

[chrome_reader_mode](#) **Maria Cristina Fernandes fala da estratégia para convencer os mais pobres da reforma**
[chrome_reader_mode](#) **Ribamar Oliveira explica as alíquotas progressivas de contribuição**

21 de fevereiro

Crise com a Venezuela

Bolsonaro decide manter ajuda humanitária à Venezuela (envio de medicamentos e alimentos), mesmo com decisão do presidente Nicolás Maduro de fechar a fronteira entre os dois países. Militares brasileiros agiram para evitar apoio a qualquer intervenção militar na Venezuela, em eventual ação conjunta com os EUA. O vice-presidente, Hamilton Mourão, atuou pessoalmente para assegurar uma saída diplomática e sem intervenção militar para a crise política e humanitária vivida na Venezuela.

RELACIONADOS

[chrome_reader_mode](#) **Brasil teme confronto na fronteira com a Venezuela**

25 de fevereiro

Hino nas escolas e a crise no MEC

Ministro da Educação, Ricardo Vélez, manda e-mail às escolas públicas e privadas do país pedindo que alunos sejam gravados cantando o hino nacional; episódio provoca polêmica e demissões em sequência no MEC. Mensagem do ministro termina com slogan de campanha: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos".

25 de fevereiro

Ministro do Turismo na berlinda

Marcelo Álvaro Antônio, que presidiu o PSL em Minas e é suspeito de participar de esquema de candidaturas laranjas, afirma que tem apoio de Bolsonaro e segue no governo. Ministro pediu ao STF que investigações sobre o caso, conduzidas pela Procuradoria Eleitoral de Minas, fossem transferidas para a Corte Suprema, mas pedido foi indeferido.

RELACIONADOS

[chrome_reader_mode](#)**Ministro procura Bolsonaro para se afastar de degolaopen in new**

28 de fevereiro

Moro é obrigado a tirar Ilona Szabó de Conselho

Por ordem do presidente Jair Bolsonaro, o ministro Sergio Moro (Justiça) recua e revoga a nomeação de Ilona Szabó para o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. Especialista em segurança pública, Ilona é crítica de políticas de encarceramento e armamentismo defendidas pelos bolsonaristas. Moro, que pretendia tornar mais plural o debate e minimizar resistências ao pacote anticrime, foi desautorizado por Bolsonaro.

1º de março

Eduardo Bolsonaro critica liberação de Lula para velar neto Justiça libera o ex-presidente Lula para participar do funeral do neto Arthur, de apenas 7 anos, em São Bernardo do Campo. O

filho de Bolsonaro, o deputado Eduardo Bolsonaro, chama o petista de larápio nas redes sociais e provoca descontentamento até mesmo entre aliados, que o acusam de falta de humanidade. "Lula é preso comum e deveria estar num presídio comum. Quando o parente de outro preso morrer, ele também será escoltado pela PF para o enterro? Absurdo até se cogitar isso, só deixa o larápio em voga posando de coitado", tuitou o parlamentar.

5 de março

**Presidente publica vídeo pornográfico no carnaval
Bolsonaro posta no Twitter um vídeo com reprodução de uma cena flagrada no carnaval em São Paulo, em que um homem coloca o dedo no próprio ânus e dança em um ponto de táxi. Em seguida, outro aparece e urina na cabeça do carnavalesco que estava dançando. O presidente associa a cena ao carnaval, de maneira geral, e provoca perplexidade em todo o país com o gesto.**

RELACIONADOS

[Veja coluna de Maria Cristina Fernandes sobre o assunto](#)

7 de março

**Candidata laranja acusa ministro do Turismo
Zuleide Oliveira, que disputou vaga de deputada estadual em Minas Gerais, admite em entrevista ter tratado diretamente com Marcelo Álvaro Antônio, hoje ministro do Turismo, devolução de R\$ 45 mil que receberia de fundo partidário. Denúncias se agravam, mas Bolsonaro mantém ministro, que coordenou PSL em Minas.**

7 de março

Bolsonaro atiça oposição com fala sobre democracia e Forças Armadas

Presidente discursa em cerimônia de aniversário do Corpo de Fuzileiros Navais, no Rio, e abre nova polêmica ao afirmar que a democracia e a liberdade só existem quando as Forças Armadas querem. Eis a íntegra da fala: "A missão será cumprida ao lado

das pessoas de bem do nosso Brasil, daqueles que amam a pátria, daqueles que respeitam a família, daqueles que querem aproximação com países que têm ideologia semelhante à nossa, daqueles que amam a democracia. E isso, democracia e liberdade, só existe quando a sua respectiva Força Armada assim o quer” [sic].

12 de março

Presos os acusados de matar Marielle e Anderson
Após quase um ano do assassinato da vereadora Marielle Franco, do Psol, e de seu motorista, Anderson Gomes, polícia do Rio prende Ronnie Lessa, 48, e Élcio Queiroz, 46, como responsáveis pelos homicídios. Lessa é policial reformado e teria feito os disparos. Queiroz, expulso da PM, dirigia o automóvel que parou ao lado de Marielle e Anderson. Lessa morava no mesmo condomínio do presidente Bolsonaro na Barra da Tijuca, e foi encontrada, em sua residência, 17 fuzis, três silenciadores e 500 munições.

13 de março

Tragédia em Suzano e o debate sobre armas
Dois adolescentes entram armados em escola estadual em Suzano, SP, e matam cinco alunos, duas funcionárias e o dono de uma locadora na região. Tragédia recoloca o debate sobre porte e posse de armas, bandeiras de Bolsonaro, na sociedade brasileira.

RELACIONADOS

[Veja quem são as vítimas do massacre da escola de Suzano \(SP\)](#)

14 de março

Poderes estremecidos: STF apura ataques a ministros
O presidente do STF, Dias Toffoli, abre inquérito sigiloso para apurar denúncias caluniosas e fakenews contra ministros da corte. Críticas a ministros se espalharam na rede depois de vazamento de relatório da Receita Federal, que investiga patrimônio e suspeitas de enriquecimento ilícito de autoridades políticas em evidência. Os ministros Gilmar Mendes e Dias

Toffoli foram alvo de investigações. O caso gerou crise com o Executivo. Ao abrir o inquérito, Toffoli tem como alvo bolsonaristas que atuam nas redes sociais.

15 de março

Leilão de aeroportos

Enquanto a política anda turbulenta, área mais técnica e econômica do governo tenta levar adiante a agenda. Governo realiza leilão de 12 aeroportos regionais e arrecada R\$ 2,38 bilhões em outorga e R\$ 3,5 bilhões em investimentos, que serão aplicados ao longo dos 30 anos dos contratos.

FOTO: AP Photo/Evan Vucci

17 de março

A viagem aos Estados Unidos

Presidente visita Donald Trump, uma viagem com grande simbolismo para seu eleitorado. Além de ter sido elogiado por Paulo Guedes, o ministro da Economia, diante de investidores estrangeiros, e de ter aproveitado a viagem para se reaproximar do escritor Olavo de Carvalho, a viagem teve saldo concreto. Trump dá apoio ao Brasil para ingressar na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o "clube dos países ricos". Mas, em troca, presidente americano exige que Brasil deixe a lista de países mais favorecidos da Organização Mundial de Comércio (OMC). A participação na OMC confere ao Brasil vantagens e flexibilidades nos acordos comerciais, mas governo vê lucros maiores com ingresso na OCDE.

RELACIONADOS

[chrome_reader_modeA Santa Ceia da direita nos EUAopen in new](#)

[chrome_reader_modeA agenda Bolsonaro-Trumpopen in new](#)

[chrome_reader_modeO saldo da viagemopen in new](#)

20 de março

A aposentadoria dos militares

Com atraso, governo leva ao Congresso a proposta de reforma de Previdência dos militares, acoplada a um outro projeto, a reestruturação de carreiras da corporação com previsão de reajustes salariais. Tramitação conjunta dos dois projetos deixa

parlamentares insatisfeitos e desconfortáveis. Na área previdenciária, proposta é que tempo de serviço de militares da ativa passe de 30 para 35 anos, e que alíquota de contribuição salte de 7,5% para 10,5% (além dos 3,5% para custear a assistência à saúde). No mesmo dia, Rodrigo Maia desqualifica pacote anticorrupção de Sergio Moro como “copia e cola” e retira prioridade na tramitação do projeto.

RELACIONADOS

[chrome_reader_modeVeja análise do colunista Ribamar Oliveira sobre os projetos open in new](#)

FOTO: Reprodução TV

21 de março

Ex-presidente Temer é preso

Polícia Federal cumpre mandado de prisão temporária do ex-presidente da República Michel Temer, expedido pelo juiz Marcelo Bretas, do Rio. O ex-ministro Moreira Franco, padrasto da mulher de Rodrigo Maia, também é preso. Temer é apontado como um dos pivôs do esquema de corrupção operado por políticos do PMDB, que atuou por 40 anos, segundo o juiz, e desviou R\$ 1,8 bilhão. A prisão se refere a cobrança de propinas na estatal Eletronuclear, para a construção de Angra 3. Bolsonaro evita citar o nome de Temer. Em transmissão ao vivo nas redes sociais, presidente se refere ao episódio como consequência de "acordos políticos em nome da governabilidade".

22 de março

No Chile, embate com Rodrigo Maia se agrava. Apoiadores de Sergio Moro e da Lava Jato achincalham o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, nas redes sociais. Filho de Bolsonaro, o vereador Carlos Bolsonaro lidera o coro e questiona: "Por que Rodrigo Maia anda tão nervoso?", numa tentativa de associar Maia à prisão de seu sogro, o ex-ministro Moreira Franco. Maia anuncia que se afastará de negociações para aprovar a Previdência. Bolsonaro, em viagem ao Chile, diz que não entende a razão e compara presidente da Câmara a namorada que quer ir embora. Confronto aberto entre Executivo e Legislativo provoca tensão no mercado financeiro.

25 de março

A defesa de Pinochet

Visita de Bolsonaro ao presidente do Chile, Sebastián Piñera, termina em saia justa. Na véspera da viagem, o ministro Onyx Lorenzoni concedeu entrevista e disse que o general Augusto Pinochet promoveu um "banho de sangue" no Chile. "Triste, o sangue lavou as ruas do Chile, mas as bases macroeconômicas fixadas naquele governo... Já passaram oito governos de esquerda e nenhum mexeu nas bases macroeconômicas colocadas no Chile no governo Pinochet", disse o chefe da Casa Civil. No Chile, Bolsonaro foi alvo de protestos de ativistas de direitos humanos. Um dia depois do retorno do brasileiro, o presidente do Chile, Sebastián Piñera, afirma que declarações de Bolsonaro a favor de ditaduras na América Latina são infelizes e ressaltou não concordar com tais posturas. O presidente do Brasil havia chamado Alfredo Stroessner, ditador do Paraguai entre 1954 e 1989, de estadista.

25 de março

Comemorações do golpe de 1964

Presidente determina que quartéis façam as "comemorações devidas" pelo 31 de março, data do golpe de 1964 que marca o início da ditadura militar no Brasil. O porta-voz da Presidência, Otávio Rêgo Barros, enfatiza que Bolsonaro não considera 1964 um golpe: "Ele considera que a sociedade, reunida e percebendo o perigo que o país estava vivenciando naquele momento, juntou-se, civis e militares, e nós conseguimos recuperar e recolocar o nosso país em um rumo que, salvo o melhor juízo, se isso não tivesse ocorrido, hoje nós estaríamos tendo algum tipo de governo aqui que não seria bom para ninguém".

RELACIONADOS

videocam [Assista à notícia divulgada no Jornal Nacional](#) [open in new](#)

26 de março

Câmara dá rasteira no governo e aprova Orçamento Impositivo

Com objetivo de alertar o governo sobre a dificuldade de diálogo político e o descontentamento do Congresso, os deputados aprovam, em dois turnos, numa única noite, a emenda constitucional que torna o Orçamento da União impositivo e torna obrigatória a execução de emendas parlamentares de bancada. O placar foi um alerta a Bolsonaro: 448 votos a favor em primeiro turno, e 453 no segundo turno. Bolsonaro se recusa a fazer negociações com partidos, com repartição de cargos, para formação de uma coalizão, o que dificulta o relacionamento. Para o presidente, esta é a velha política. Governo não apresenta, em seu lugar, uma alternativa para o relacionamento com o Legislativo.

27 de março

Guedes falta à CCJ e crise se agrava

Ministro da Economia estava escalado para comparecer a uma audiência na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara para discutir a reforma da Previdência e apaziguar os ânimos no Legislativo, mas cancela encontro na última hora.

Paulo Guedes avalia que o clima seria de hostilidade ao governo, sem uma base aliada ainda consistente para defender a agenda do Executivo. A ausência de Guedes agrava a crise.

Rodrigo Maia eleva o tom e diz que Bolsonaro é refém do discurso de campanha, menosprezando a política.

28 de março

O armistício entre os Poderes

Com a temperatura elevada, apoiadores do governo agem para costurar um armistício. A líder do governo na Câmara, Joice Hasselmann, faz a ponte para um encontro de Rodrigo Maia, presidente da Câmara, com o ministro da Justiça, Sergio Moro. Maia também procura Guedes e pede apoio para as negociações em prol da reforma andarem. Paulo Guedes decide fazer articulação política para garantir a aprovação da reforma e acalmar o mercado.

RELACIONADOS

[chrome_reader_modePaulo Guedes assume articulação política por Previdência](#)[open in new](#)

[chrome_reader_modeA trégua de Bolsonaro e Maia](#)[open in new](#)

28 de março

Recuo sobre as comemorações de 1964

Após a enorme polêmica gerada pela determinação oficial do Executivo para que as Forças Armadas celebrassem a data de 31 de março, quando houve o golpe militar, o porta-voz da Presidência modifica a versão e diz que o presidente Bolsonaro não mandou que a data fosse comemorada, mas sim rememorada: "Não foi comemorar. (Foi) rememorar, rever o que está errado, o que está certo e usar isso para o bem do Brasil no futuro".

FOTO: Menahem Kahana/Pool Photo via AP

31 de março

Em Israel, Bolsonaro anuncia escritório em Jerusalém e árabes reagem com apreensão

No dia em que desembarca em Israel, para visita diplomática ao lado do primeiro-ministro do país, Benyamin Netanyahu, Bolsonaro anuncia que o Brasil terá um escritório comercial em Jerusalém. Durante a campanha, ele havia prometido transferir a Embaixada do Brasil de Tel Aviv para Jerusalém, mas setores militares e do agronegócio pediram extrema cautela ao presidente para tomar tal decisão, com fortes implicações comerciais. A viagem a Israel é marcada por várias simbologias religiosas, numa tentativa de fazer um contraponto ao PT e, em especial, ao governo Lula, que se aproximou de países árabes.

2 de abril

**Nazismo é de esquerda, dizem Bolsonaro e chanceler
Presidente visita Museu do Holocausto, em Jerusalém, e corrobora tese do chanceler Ernesto Araújo, que associa a origem do nazismo a movimentos totalitários e autoritários de esquerda. Com uma argumentação simplista, contestada por historiadores e pesquisadores do próprio museu que visitou, Bolsonaro diz não ter dúvidas sobre a origem ideológica do partido nazista de Adolf Hitler: "Partido Nacional Socialista da Alemanha", citou, sem aprofundar seu raciocínio. O nome correto da legenda de Hitler era Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.**

3 de abril

Guedes é chamado de "Tchuchuca" e reage

Ao finalmente comparecer na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara para discutir a reforma da Previdência com deputados, o ministro da Economia, Paulo Guedes, é provocado pelo deputado Zeca Dirceu, do PT: "O senhor é tigrão quando é com os aposentados, com os idosos, com os portadores de necessidade; é tigrão quando é com agricultores, com professores. Mas é tchutchuca quando mexe com a turma mais privilegiada do nosso país". Guedes retruca dizendo que "tchuchuca é sua mãe e sua avó", e exige respeito. A sessão é encerrada.

FOTO: Cleia Viana/Câmara dos Deputados

8 de abril

Cai o segundo ministro: Vélez deixa o MEC

Bolsonaro demite o ministro Ricardo Vélez Rodríguez após quase três meses de crise e paralisação no Ministério da Educação. Presidente coloca no lugar do colombiano o economista Abraham Weintraub, que era secretário-executivo da Casa Civil. Weintraub participou do governo de transição e auxiliou os debates sobre Previdência. Novo ministro também tem fortes ligações com Olavo de Carvalho. Bolsonaro opta por não negociar o MEC com partidos. Especialistas veem com receio indicação, pelo fato de Weintraub não ter nenhuma experiência em educação.

FOTO: Luis Macedo/Câmara dos Deputados

8 de abril

Guedes e Maia se afastam da articulação política

Ministro da Economia diz que não tem temperamento na negociação com Congresso e se exime da responsabilidade de articulação política. O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, vai na mesma direção: deixa claro que é a favor da reforma, que colocará em pauta a emenda constitucional quando o plenário estiver pronto a discutir, mas enfatiza que não carregará um ônus que cabe ao Palácio do Planalto.

O namoro com o mercado

O humor dos mercados normalmente reflete a estabilidade ou a tensão política de um governo. Foi somente em março que o mercado financeiro, empresários e investidores começaram a temer a paralisação do governo Bolsonaro e passaram a enxergar riscos de não aprovação da reforma da Previdência. O último mês foi marcado por desavenças entre o presidente Bolsonaro e o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), o que aumentou a tensão no mercado. Maia é um dos maiores defensores da reforma no Congresso, um interlocutor do ministro da Economia, Paulo Guedes, e tem bons canais com o mercado.

A constatação de riscos reais para a tramitação da reforma da Previdência ocorreu em 26 de março, quando o ministro da Economia, Paulo Guedes, cancelou de última hora a audiência na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara para debater a proposta. As relações entre Executivo e Legislativo, que já estavam tensas, azedaram. Com a articulação política em crise, Guedes se apresentou como o negociador da reforma com o Congresso.

Quando finalmente foi à CCJ discutir a reforma, Guedes bateu boca com parlamentares da oposição. O mercado passou a reagir com maior cautela, mas ainda crê na aprovação da reforma. No dia em que Guedes participou da audiência com deputados, o Ibovespa teve queda de 0,94%, e o dólar valorizou 0,54%. No acumulado do trimestre, a bolsa teve oscilação positiva com Bolsonaro, subindo 8,56%.

Governo Bolsonaro: Ibovespa e Dólar, variações acumuladas em %

Ibovespa Dólar Jan/2019 Fev/2019 Mar/2019 Abr/2019-9-6-303691215

Fontes: B3 e Valor PRO. Elaboração: Valor Data

Nos governos FHC e Lula, a relação com os mercados foi bastante sensível. Ao tomar posse, nos 100 primeiros dias Fernando Henrique assistiu a uma queda de 30,62% do

Ibovespa. Lula, que não contava com a simpatia do mercado, teve que driblar uma queda do dólar de quase 10%.

Ibovespa e Dólar, variações acumuladas em % nos primeiros cem dias de cada governo

**IbovespaDólarFHC IFHC IILULA ILULA IIDILMA IDILMA
IITEMERBOLSONARO-45-30-1501530456075**

Fontes: B3 e Valor PRO. Elaboração: Valor Data

- **A equipe ministerial do governo de Bolsonaro**

O presidente Jair Bolsonaro decidiu montar uma equipe ministerial sem abrir nenhuma negociação com partidos, o que pode explicar o grau de dificuldade que enfrenta no Congresso atualmente. Para o presidente, este é um novo estilo de fazer política, sem "toma lá dá cá". Entre os 22 ministros, oito tiveram passagem militar. Há ainda três ministros do DEM: Tereza Cristina (Agricultura), Luiz Mandetta (Saúde) e Onyx Lorenzoni (Casa Civil), mas o partido não oficializou o apoio ao governo Bolsonaro. As escolhas foram interpretadas como decisões pessoais de Bolsonaro, e não fruto de uma negociação política com o DEM. Há, ainda, a ala ideológica do governo, os ministros mais polêmicos: Damares Alves (Família, Mulher e Direitos Humanos), Ernesto Araújo (Relações Exteriores) e Ricardo Salles (Meio Ambiente). O ministro da Educação, Ricardo Vélez, que tomou posse prometendo combater o "marxismo cultural" nas instituições de ensino, deixou o cargo no dia 8 de abril, após forte crise de gestão na sua pasta, com mais de 15 exonerações em um trimestre.

CRÉDITOS

- Textos e edição:
 - MALU DELGADO
- Design e desenvolvimento:
 - ANTONIO MATIAS e VALMIR ALBUQUERQUE JUNIOR

• BOLSONARO

Crises contínuas e queda na aprovação popular marcaram o primeiro trimestre do capitão reformado na Presidência

<https://www.brasildefato.com.br/2019/04/10/os-100-dias-do-desgoverno-bolsonaro/>

Por Lu Sudré - De São Paulo (SP), 10 de abril de 2019

Nesta quarta-feira, 10 de abril, completam-se cem dias desde que Jair Bolsonaro se tornou presidente do Brasil. Declarações controversas, decisões questionáveis e recuos marcaram os primeiros meses de gestão do capitão reformado e deram continuidade ao desgaste de um processo eleitoral polarizado. O conturbado cenário político desafia análises de especialistas, de políticos e da população a cada nova notícia ou pronunciamento.

A popularidade do político do PSL, as articulações do ministro da Economia, Paulo Guedes, para a aprovação da reforma da Previdência defendida e as relações de Bolsonaro com o governo estadunidense estiveram nos holofotes da mídia e das críticas nos primeiros três meses do novo governo.

Para a cientista política Rosemary Segurado, os cem primeiros dias de Bolsonaro foram uma continuidade de sua campanha eleitoral, sem a apresentação efetiva de um plano de governo. “Não teve aprovação ou encaminhamento de absolutamente nada concreto. Nada de efetivo durante esse período. No Congresso, não conseguiu dialogar e formar sequer uma maioria. É um governo desgovernado. Desgovernado mesmo tendo pessoas muito próximas ao seu ideário”, afirma a professora do departamento de Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Na opinião de Segurado, a cada dia, as contradições entre o discurso e a prática se tornam mais evidentes na gestão Bolsonaro. “É um governo que atua em nome da nova política cujas práticas são as que mais se aproximam de uma velha política. É realmente desastroso. É lamentável o que estamos assistindo no nosso país nesse período. É uma destruição das instituições democráticas com uma velocidade, uma rapidez, inaceitável e inacreditável”.

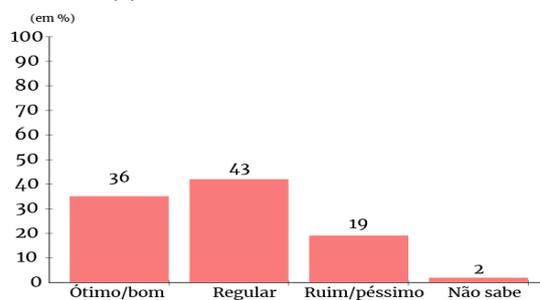
REPROVAÇÃO HISTÓRICA

Apesar de eleito com 57,7 milhões de votos, hoje o presidente tem uma aprovação em queda. Segundo pesquisa Datafolha publicada no último domingo (7), Bolsonaro tem a pior avaliação entre presidentes eleitos para um primeiro mandato desde a redemocratização de 1985. Para 30% dos brasileiros, o governo é ruim ou péssimo. Já para 61% dos ouvidos, o político fez menos do que se esperava no exercício do cargo.

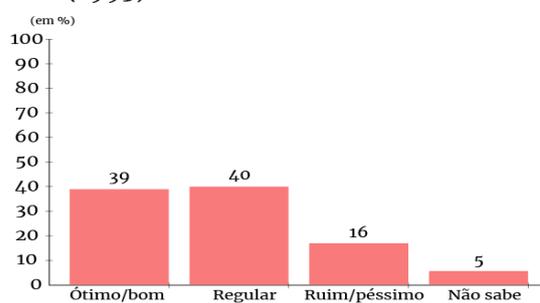
A expectativa de que Bolsonaro faça um bom governo também caiu. Antes da posse, 65% acreditavam que o presidente do PSL faria um mandato bom ou ótimo, agora são 59%. Já o índice de quem esperava um governo ruim ou péssimo subiu de 12%, antes da posse, para 23%. O número dos entrevistados que acredita que o mandato será regular se manteve estável de 17% para 16%.

Avaliação do presidente após 3 meses de governo*

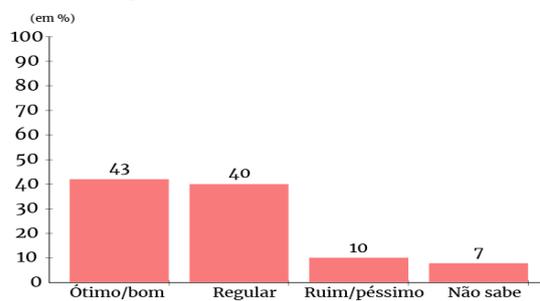
Collor (1990)



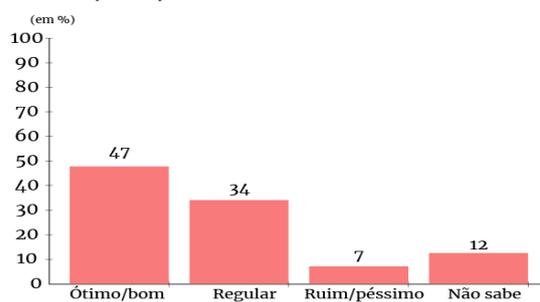
FHC (1995)



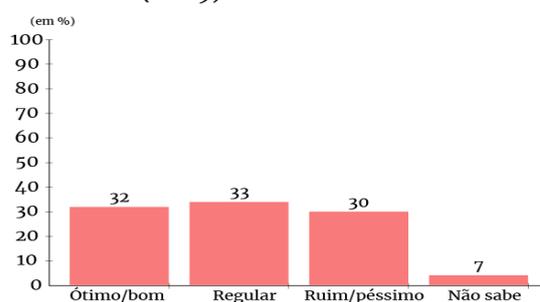
Lula (2003)



Dilma (2011)



Bolsonaro (2019)



*Comparação feita apenas no primeiro mandato dos presidentes eleitos.

Fonte: Datafolha

Levantamento feito pelo Ibope em março já havia sinalizado a queda de aprovação de Bolsonaro principalmente entre os eleitores com menor poder aquisitivo. A perda de 15 pontos percentuais na avaliação positiva do político do PSL, de acordo com a pesquisa do instituto, foi mais acentuada entre os eleitores de baixa renda, que ganham de dois a cinco salários mínimos de renda familiar mensal. Nessa faixa social, a aprovação de Bolsonaro caiu 18 pontos.

“Essas pessoas estão tendo que rever [suas posições]. Poderiam ter críticas ao Partido dos Trabalhadores, e isso é legítimo, mas qual é o preço dessa retirada do PT? Muita gente está pensando exatamente nisso agora”, analisa Segurado, que acredita que a popularidade do político tende a cair ainda mais.

CRISES CONTÍNUAS

O discurso antipolítico e anticorrupção de Bolsonaro também caiu em contradição com o envolvimento de pessoas próximas a ele em escândalos. Em dezembro do ano passado, movimentações atípicas na conta de Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flávio Bolsonaro, se tornaram manchete dos noticiários brasileiros e causaram desgaste ao governo na véspera da posse presidencial. Identificadas pelo Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), as movimentações somam o valor de R\$ 1,2 milhão. Semanas depois, novo relatório do conselho identificou quase 50 depósitos em dinheiro em uma conta de Flávio Bolsonaro, no total de R\$ 96 mil. Além das investigações que vasculham a origem das movimentações bancárias do senador eleito pelo Rio de Janeiro, os ministros indicados por Bolsonaro também se envolveram em polêmicas nesses três meses.



A composição do governo de Bolsonaro também é questionável. Segundo reportagem publicada pela revista *Carta Capital*, ao menos nove dos ministros indicados em seu mandato são investigados ou réus em ações judiciais.

Em fevereiro, Gustavo Bebianno, então Secretário-Geral da Presidência da República e um dos maiores aliados de Bolsonaro, passou a ser investigado após uma reportagem da *Folha de S. Paulo* revelar a autorização de repasse de R\$ 400 mil do PSL para uma suposta candidata laranja. No dia 18 de fevereiro, após discussões com Carlos Bolsonaro na internet, Bebianno foi exonerado.

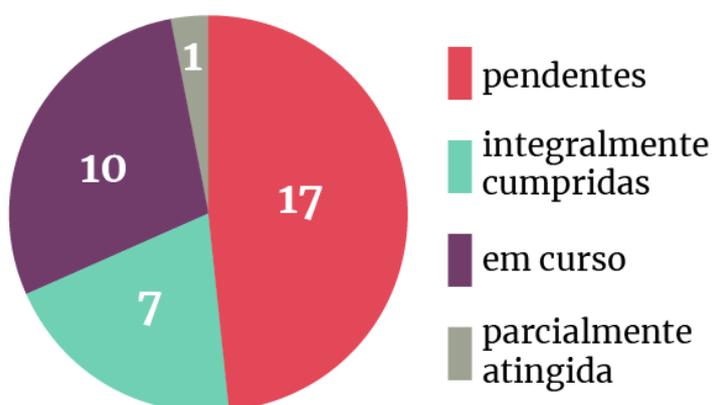
A substituição mais recente na gestão ocorreu na última segunda-feira (8), quando Ricardo Vélez Rodríguez se tornou o segundo ministro de Bolsonaro a dar adeus ao governo, em um curto espaço de tempo. Indicado por Olavo de

Carvalho, Veléz protagonizou polêmicas na pasta de Educação desde sua nomeação como ministro.

Em discurso proferido em sua posse, exaltou a família tradicional, a igreja e os valores conservadores na educação. Semanas depois, teve que recuar na publicação de um edital de compra de livros que permitia obras sem referências bibliográficas e com erros. No mês seguinte à enxurrada de críticas, um novo recuo: Veléz enviou uma carta com o slogan do governo a mais de 20 mil escolas públicas, pedindo que os alunos fossem filmados cantando o hino nacional. Após questionamentos sobre a inconstitucionalidade da medida, o MEC voltou atrás na orientação.

*Metas Nacionais Prioritárias – Agenda de 100 dias de Governo**

Das 35 metas



Cumprimento de **apenas 20%** das metas prometidas

*Conjunto de medidas divulgadas por Bolsonaro no dia 23 de janeiro de 2019, listando as 35 ações prioritárias do governo.

Fonte: Diálogo Institucional Assessoria e Análise de Políticas Públicas

Em uma de suas últimas falas públicas, Veléz defendeu mudanças nos livros didáticos sobre o golpe de 1964 e a ditadura civil-militar brasileira. “Há uma exaustão de perplexidade, de incredulidade frente a tantas atrocidades que esse governo vem cometendo. São três meses, cem dias que parecem que são anos”, comenta Rosemary Segurado.

O desgaste final do ministro na coordenação da pasta se deu com a troca de pessoas no seu gabinete, entre elas, seguidores do guru bolsanarista Olavo de Carvalho e militares. No total, foram 20 mudanças que desagradaram os envolvidos e influenciadores do governo. Agora, o posto é de [Abraham Weintraub](#), que atuava como assessor-chefe adjunto da Assessoria Especial do Presidente da República. [O anúncio do novo ministro](#) foi feito por Bolsonaro pelo twitter nesta semana.

APOSENTADORIA

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 06/2019, que altera as regras da aposentadoria, é o carro-chefe do governo Bolsonaro e de sua equipe, que correm para aprová-la no Congresso Nacional.

Em comparação com as regras atuais, baseadas em princípios de solidariedade e universalidade, a exigência da idade mínima aumentará para as mulheres de 60 para 62 anos, se trabalharem na cidade. Para as mulheres do campo, haverá um aumento de cinco anos, ou seja, a idade mínima subirá de 55 para 60 anos. Os homens permanecerão com as mesmas faixas etárias: 65 anos para o trabalhador da área urbana e 60 para o trabalhador rural. Caso Bolsonaro consiga aprovar a reforma às pressas, como tem defendido, o tempo mínimo de contribuição aumentará para ambos os sexos de 15 para 20 anos. Ou seja: a proposta de Paulo Guedes, ministro da Economia, faz com que a população brasileira se aposente mais tarde e contribua com a Previdência por mais tempo.

Flávio Roberto Batista, professor da Faculdade de Direito da USP e doutor em direito previdenciário, acredita que as alterações na aposentadoria serão um grande desastre para a população brasileira, já que desmonta o sistema previdenciário atual. “Mesmo com todas as transformações pelas quais ele passou nesses quase cem anos, nunca passou por uma mutilação tão grande”, destaca.

Batista alerta que a reforma de Guedes incide sobre um mercado de trabalho formado, majoritariamente, por trabalhadores com baixa remuneração. Ele é enfático ao afirmar que aumentar a idade e o tempo de contribuição, na prática, vai impedir que a esmagadora maioria dos trabalhadores acesse a sua aposentadoria.

“É importante destacar que isso transforma essa proposta em uma proposta racista e machista, porque sabemos que a estratificação de renda no mercado de trabalho brasileiro tem recorte de gênero e de raça. A partir do momento que quanto mais pobre e menor qualificado o trabalhador, mais difícil será o acesso ao seu benefício, imediatamente verificamos que especialmente as mulheres negras vão ser as pessoas mais prejudicadas por essa reforma”, acrescenta.

De acordo com o especialista, o principal objetivo da proposta formulada por Guedes é beneficiar o mercado financeiro por meio da desconstitucionalização da Previdência e da criação de um sistema de capitalização privado. Batista também pontua que a pressa do governo em aprovar a proposta é justamente porque ela não agrada a maioria dos trabalhadores do país.

“O povo não quer reforma da Previdência e isso já ficou muito claro. Essa urgência vem do aproveitamento desse momento inicial do governo no qual, supostamente, a popularidade seria maior, porque acabou de ser eleito, e desse temor que se tem da reação popular a essa proposta, porque ela não é bem acolhida pelo povo”.

Outro ponto criticado por ele relacionado aos primeiros cem dias do governo Bolsonaro é a falta de debate social sobre as alterações da aposentadoria. “É o projeto do mercado tocado a toque de caixa, passando o trator. Não pode haver nenhum tipo de transigência com essa proposta, ela tem que ser refutada integralmente”, ressalta.

Rosemary Segurado compartilha a avaliação de que a ausência de diálogo é uma característica central do governo Bolsonaro. “Não sabe dialogar. Ele não consegue dialogar com os partidos. Não consegue dialogar com o Congresso.

Ele acha que está no quartel ou na família dele, em que ele fala e todo mundo bate continência. Na política não é assim.”

VENDE-SE TUDO

A ida de Bolsonaro aos Estados Unidos para encontrar Donald Trump foi exaltada e comemorada pelos seus apoiadores. No entanto, especialistas olham com criticidade a relação estabelecida entre os governos, construída com base em uma série de concessões brasileiras.

Após 20 anos de negociações, os países fecharam os termos do Acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST), que concedeu o uso comercial da base de Alcântara, no Maranhão, para Trump. Na ocasião, em entrevista ao **Brasil de Fato**, o diplomata Samuel Pinheiro Guimarães criticou a assinatura do acordo.

“Todos os países que têm tropas estrangeiras em seu território, ainda que com nomes de fantasia, como a Otan [Organização do Tratado do Atlântico Norte], não são soberanos totalmente. Hoje em dia, os Estados Unidos são, talvez, o maior país lançador de satélites do mundo. Não acredito que os Estados Unidos iriam construir um concorrente no território brasileiro. Segundo, não há nenhuma empresa brasileira capaz de produzir satélites ou mísseis para ser lançados. Então, seria uma espécie de rentismo, como aliás, estamos vivendo no Brasil. Estamos vendendo ou alugando tudo”, afirmou.



Flávio Rocha, especialista em geopolítica e segurança internacional, entende que o acordo é motivado por uma política "ultraneoliberalizante" e fere a soberania nacional. “Busca-se um alinhamento geopolítico a todo custo, a curto prazo, com os Estados Unidos”, alerta. Além de ceder uma das localizações mais estratégicas do mundo para o lançamento de satélites, o Brasil acabou com o fim da exigência de visto para turistas dos Estados Unidos.

Não é apenas o território maranhense que corre riscos sob o governo Bolsonaro. Dossiê do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, publicado em março, mostrou que cada vez mais a região amazônica é alvo do agronegócio e da mineração estrangeira.

“Todos os interesses possíveis pairam sobre a Amazônia. É um espaço de riqueza mineral, ambiental, social e cultural enorme. É um espaço politicamente muito interessante, é uma fronteira grande, com muitos países. É até difícil enumerar os interesses imperialistas naquela região: eles são infinitamente diversos”, pontua Ana Penido, integrante do Instituto Tricontinental.

Doutora em Relações Internacionais pelo Instituto Santiago Dantas, Penido explica que há uma antiga preocupação de militares nacionalistas com a atuação de ONGs internacionais na Amazônia. Porém, segundo ela, essa preocupação não é expressa com a mesma intensidade quando é relacionada a compra de

terras por grande empresas estrangeiras. “É um nacionalismo muito seletivo, só na hora que interessa o governo”, sublinha a pesquisadora.

O documento do Instituto Tricontinental denuncia ainda que, no caso da mineração, por exemplo, diversas empresas multinacionais atuam na região, “sem o controle mais direto do Estado brasileiro”.

Segundo o dossiê, “os seguidos projetos de ocupação e intervenção do Estado brasileiro na região foram de subordinação aos interesses externos, com medidas que facilitam a exploração do território pelas grandes potências e empresas transnacionais, com isenções fiscais, empréstimos públicos, investimentos em infraestrutura e doações de terras”.

“Tudo indica a venda generalizada do patrimônio nacional. É difícil falar que a Amazônia vai continuar sendo brasileira. Enquanto Estado brasileiro, talvez continue sendo, mas a riqueza, a cada dia que passa, é explorada por multinacionais estrangeiras”, enfatiza Penido.

FUTURO INCERTO

Foram tantas as informações e movimentações em apenas cem dias, que a habilidade política de Bolsonaro e sua equipe ministerial passaram a ser questionadas pela população, especialistas e políticos.

Na perspectiva de Rosemary Segurado, o traquejo político nunca foi parte da carreira política de Bolsonaro. Para ela, a postura extremista e autoritária do presidente evidencia a incapacidade de dialogar com os demais partidos e opositores.

“O presidente tem que ser alguém que agregue, que some ao país, [com] suas inúmeras diferenças. Não o contrário. E ele não demonstra isso. E quem não demonstra isso nesse momento, muito dificilmente isso será construído. É trocar o pneu do carro com o carro andando”, complementa.

Segurado avalia, por fim, que nessa turbulenta conjuntura política, até mesmo a permanência de Bolsonaro na presidência pode estar em jogo. “Parece que ele está se sentindo pressionado e temos que ver se ele vai querer dar continuidade a essa aventura que ele entrou. Porque é isso, me parece que ele entrou em uma aventura que ele não tinha noção do que seria”.

FICHA TÉCNICA

Reportagem: Lu Sudré | Edição: Aline Carrijo | Fotos: Sérgio Lima/AFP; Fabio Teixeira/AFP; Carl de Souza/AFP | Arte: Lucas Milagres e Fernando Badharó | Coordenação de Multimídia: José Bruno Lima | Coordenação de Jornalismo: Daniel Giovanaz e Vivian Fernandes

- **Comunistas avaliam os 100 dias da gestão Bolsonaro**

10 de Abril, 2019 - <https://pcdob.org.br/noticias/comunistas-avaliam-os-100-dias-da-gestao-bolsonaro/>

O governo do capitão Jair Bolsonaro chega aos cem dias nesta quarta-feira (10) com a sensação de crise permanente e ataques sistemáticos à Oposição, sobretudo nas redes sociais. Sem um projeto claro à nação, o governo tem agravado a crise econômica com o desemprego atingindo mais de 13 milhões de trabalhadores.

Nesse período, segundo levantamento do jornal *Correio Braziliense*, foram 28 crises que se desenrolaram por 40 dias, uma média de duas confusões por semana, sem contabilizar a queda recente de Ricardo Vélez do comando do Ministério da Educação, o segundo ministro a ser demitido. Aliás, a área de educação vive um verdadeiro caos.

Bolsonaro já é o mais impopular entre os presidentes que foram eleitos para o primeiro mandato a partir de 1989 (Collor, Fernando Henrique, Lula e Dilma).

“A população já sabe quem é Bolsonaro. Por isso, nesses 100 dias ele é o mais impopular entre todos os demais que foram eleitos na democratização do país”, disse o líder do PCdoB na Câmara, deputado Daniel Almeida (PCdoB-BA).

O governo iniciou provocando um verdadeiro desmonte nos programas sociais como Minha Casa Minha Vida, Bolsa Família e o Mais Médicos, sendo que este último, irresponsavelmente, provocou a retirada do país de aproximadamente quatro mil médicos cubano que garantiam atendimento básico às famílias de baixa renda dos mais distantes locais do país.

Além disso, atacou diretamente o setor produtivo com o fim dos ministérios da Indústria e do Trabalho, símbolos do processo de industrialização brasileira.

Para o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP), os 100 dias de Bolsonaro têm como marca o imprevisto, a desorganização e a tentativa de intimidar os movimentos sociais, principalmente o sindical. “Trata-se de um governo atrapalhado, sem rumo, caminho e estratégia. E o que é mais grave é que o governo se basta em fazer disputas ideológicas pouco produtivas. Bolsonaro, nesses 100 dias, mostra que ainda não saiu do palanque. Fala para sua turma nas redes, que, aliás, se comporta muitas vezes como milícias virtuais. À Oposição cabe articular uma frente ampla para garantir direitos, democracia e o interesse nacional”, afirmou.

Indígenas e agrotóxicos

Há desmontes em todas as áreas. Contra os povos indígenas, Bolsonaro publicou decreto retirando a Fundação Nacional do Índio (Funai) do Ministério da Justiça para o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. O ato também retirou da Funai a atribuição de demarcar as terras indígenas, repassando a

responsabilidade para o Ministério da Agricultura, hoje sob comando de Tereza Cristina (DEM), que liberou indiscriminadamente o uso de agrotóxicos.

Previdência e Ciência e Tecnologia

Para acabar com a aposentadoria pública dos brasileiros e migrá-la ao sistema bancário privado, o governo elegeu como prioritário o Projeto de Emenda Constitucional da Reforma da Previdência.

Com um discurso de combate a privilégios, Bolsonaro e sua equipe tentam vender uma imagem de proposta “salvadora e necessária” para o equilíbrio das contas públicas. No entanto, os atropelos do governo colocam em risco a aprovação da sua “principal” pauta.

O governo de Bolsonaro prejudicou substancialmente também a área de ciência e tecnologia com um contingenciamento de 42% dos recursos para o setor. A medida atingiu em cheio o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), subordinado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

Segurança

Na chamada agenda de segurança, o governo Bolsonaro colocou em risco a vida dos brasileiros ao flexibilizar por decreto a posse de armas de fogo no Brasil, uma medida anticonstitucional.

Nessa área, ainda a imprensa internacional tratou como escândalo a escolha de Sérgio Moro para comandar a pasta do Ministério da Justiça, juiz que levou Lula à prisão e abriu caminho para a vitória eleitoral de Bolsonaro.

Na condição de superministro, Moro apresentou ao Congresso o chamado projeto de lei anticrime sob a alegação de endurecer o combate ao crime e à corrupção no país.

No entanto, juristas e especialistas na área dizem que o projeto pode agravar a violência policial, o encarceramento em massa e das perseguições contra adversários políticos, principalmente dos movimentos sociais.

Internacional

Outro ponto vulnerável do governo é atual política externa. Sem qualificação para o cargo, o chanceler Ernesto Araújo e o próprio Bolsonaro causam problemas constantes para imagem do país.

O governo, por exemplo, declarou sua intenção de transferir a embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém, o que levou de imediato a Arábia Saudita a descredenciar cinco frigoríficos brasileiros que exportam para o país.

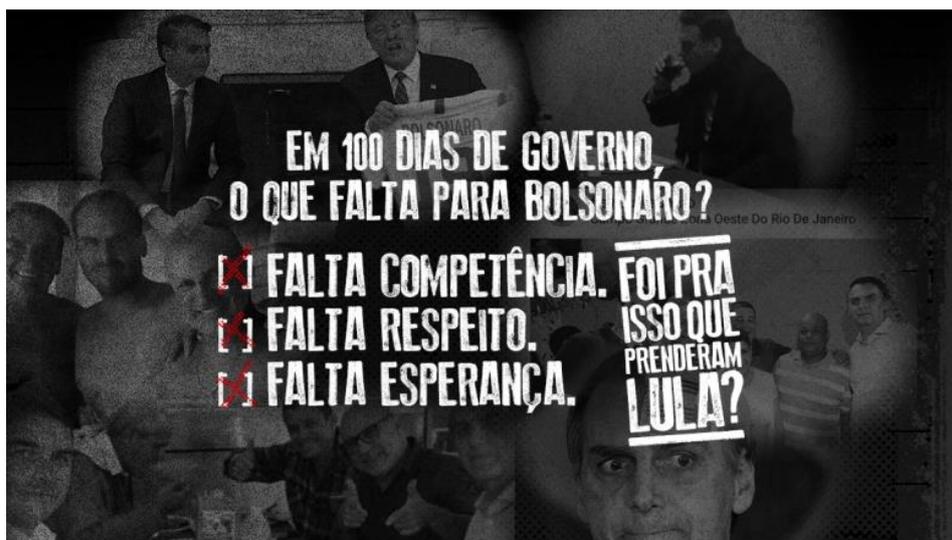
Numa posição de subserviência aos Estados Unidos, bem evidente na viagem presidencial àquele país, o governo coloca em risco o agronegócio. A China, nosso principal parceiro comercial, já admite deixar de comprar produtos brasileiros.

**Portal Vermelho*

- **PT :100 dias de Bolsonaro: um desgoverno sem projeto, sem diálogo, sem futuro**

O despreparo de Jair tem surpreendido até quem apostou nele nas últimas eleições e motivos não faltam para manter o pessimismo. Veja seus principais erros até agora

10/04/2019 09h13 - <https://pt.org.br/100-dias-de-bolsonaro-um-desgoverno-sem-projeto-sem-dialogo-sem-futuro/>



A marca dos 100 dias iniciais de um governo simboliza, em democracias do mundo todo, quais serão as expectativas para o restante do governo em questão. Em suma, trata-se de um balanço que avalia tudo o que foi prometido pelo

presidente eleito e o que de fato saiu do papel – e o que não passou de promessa vaga ou até mesmo [fake news](#).

No Brasil, no entanto, avaliar o centésimo dia de [Jair Bolsonaro](#) no cargo máximo da República é um exercício que requer mais do que entendimento sobre os bastidores da [política](#). Exige, na verdade, uma boa dose de paciência: com a pior [avaliação de um presidente eleito desde a redemocratização](#), o ex-militar e apoiador do [golpe](#) de 64 ainda age de maneira irresponsável, desdenha de todos os que apontam falhas em seu governo e coloca em xeque a si mesmo diante de tamanho despreparo.

Outro agravante, que acaba com qualquer dúvida sobre o medo de encarar o povo, é a insistência em manter-se escondido nas [redes sociais](#) – ferramenta decisiva em sua eleição a partir da produção em massa de notícias falsas. Segundo levantamento feito pela **Folha**, Bolsonaro publicou 385 vezes em sua conta no [Twitter](#) durante os 70 primeiros dias de governo. Deste total, 46% delas trataram de anúncios com planos e propostas de governo. Em contrapartida, foram raros os momentos em que ele esteve de fato nas ruas, como manda o figurino de alguém que se vendeu como renovação e esperança.

Mas este, acreditem, é o menor dos problemas de um governo que afunda o país num lamaçal de retrocessos, coloca em xeque a soberania nacional, encerra uma longa tradição diplomática com parceiros comerciais e tem uma equipe que não se cansa de envergonhar a nação mundo afora. O que fica de marca registrada até agora é o que todos já conheciam há pelo menos três décadas: Bolsonaro é um aventureiro eleito na esteira da [cultura](#) de ódio disfarçada de solução para as mazelas brasileiras.

A seguir, as provas incontestáveis do governo que até agora não “mudou tudo que está aí” e está muito longe de colocar em prática “um novo jeito de fazer política”.

“Estreou” reduzindo salário do povo

Logo em seu primeiro dia no cargo, Bolsonaro assinou decreto em que reduz o aumento previsto para o [salário mínimo](#) de R\$ 1.006 para R\$ 998 – em 2018, o vencimento base do trabalhador estava em R\$ 954. A decisão entrou imediatamente em vigor e reforça a política de desvalorização do SM iniciada a partir do golpe de 2016. Além disso, praticamente acaba com a fórmula criada pelo governo [Lula](#) em 2003 e transformada em lei por [Dilma](#) que aplicava ganhos reais no salário mínimo do trabalhador – sem a política de valorização o salário mínimo hoje estaria na casa dos R\$ 500.

Combate à corrupção? Fake news!

Bolsonaro construiu sua candidatura a base de notícias falsas e promessas que, antes mesmo de assumir o cargo, já começam a ser descumpridas. A principal delas era o combate à corrupção, tema que também estimulou diversas decisões absurdas do seu ministro da Justiça, Sérgio Moro. Sem dar a mínima para os seus próprios eleitores, o militar não só ampliou o número de ministérios prometidos como formou um time repleto de nomes com problemas na Justiça. Ao menos nove dos futuros ministros anunciados logo no primeiro dia de governo são investigados ou réus em ações judiciais. A lista vai do caixa 2 confesso por Onyx Lorenzoni (DEM) às candidatas laranjas do desconhecido deputado Marcelo Álvaro (PSL), ministro do Turismo.

Primeira vergonha internacional como presidente

O discurso de Bolsonaro no Fórum Econômico Mundial de Davos (Suíça), lugar em que Lula brilhou em 2003, fez diversos jornais internacionais se perguntarem: o que será do Brasil com um presidente tão despreparado? Ainda no próprio evento, Jair teve a oportunidade de mostrar que não passa de um aventureiro no cargo máximo da nação, mas preferiu dar novo vexame ao fugir da imprensa. A repercussão de sua postura teve definições como “desastre”, “realmente bizarro”, “grande falha” e até “Bolsonaro me dá medo”.

A destruição disfarçada de reforma

Considerada a pauta fundamental para a sobrevivência do governo, a reforma da Previdência elaborada por Paulo Guedes e proposta por Bolsonaro tem levado milhares de pessoas às ruas, já que poderá agravar ainda mais a miséria do país caso seja levada adiante. Cruel especialmente com os idosos, às mulheres e os trabalhadores rurais, a PEC 06/2019 tem causado problemas também ao próprio governo, incapaz de dialogar com o Congresso e, mais do que tudo, de apresentar os argumentos para propor algo tão radical e que, segundo a maior parte dos especialistas, não tem qualquer justificativa plausível. O debate sobre a “reforma” deverá se arrastar por meses.

O Carnaval #elenão e a reação absurda de Jair

A perda de moral e credibilidade até mesmo entre os seus súditos exigia, a qualquer chefe de estado, uma resposta objetiva e que amenizasse o desgaste da imagem do governo. Mas estamos falando de Jair Bolsonaro e, em pleno Carnaval, ele voltou a mostrar que não dá a mínima para o povo. Pelo Twitter, para variar, o presidente resolveu atacar a festa mais popular do país,

marcada por milhares de [protestos](#) contra o seu governo, ao compartilhar um vídeo obsceno como se fosse a fiel representação do que acontece durante os cinco dias de festa. A reação foi ainda pior e, além de deturpar a imagem do Brasil perante o mundo, só fez gerar novas piadas contra ele – embora a divulgação de conteúdo explícito na internet merecesse uma punição séria ao presidente.

O complexo de vira-latas e a submissão aos EUA

Após ter prestado continência à bandeira dos [EUA](#) quando ainda era parlamentar, [Jair Bolsonaro](#) voltou a mostrar que está longe de ser patriota ao se rebaixar aos anseios do país de [Donald Trump](#). Em viagem ao país, tentou emplacar a ideia de que a relação seria benéfica aos brasileiros, mas saiu de lá com uma série de acordos unilaterais, sem nenhuma contrapartida dos estadunidenses. Uma postura entreguista, que **afrenta a soberania nacional e desrespeita o povo brasileiro**. Permitir exploração comercial da Base de Alcântara, cota para importação do trigo sem taxas, fim da exigência de visto para estadunidenses e **entrega do Pré-sal** foram algumas das medidas anunciadas.

O absurdo de propor uma “festa” para ditadura

Atordoado com uma coleção incontável de problemas internos, somados ao escancarado destempero para lidar com a imprensa, o Congresso e o aumento da impopularidade, Bolsonaro resolveu “brincar” com algo que mais uma vez chocou o mundo: o despreparado presidente sugeriu aos quartéis de todo o país que se “fizessem as comemorações devidas” do Golpe Militar de 1964. A falta de humanidade de Jair, já bastante assustadora durante toda a sua pífia trajetória parlamentar, chevgava à máxima potência e acabou por trazer à tona inúmeras reportagens sobre o período mais sangrento da história recente do país. Para variar, Bolsonaro disse que foi mal interpretado – como se interpretação fosse algo com a qual um dia teve o mínimo de apreço.

Prometeu emprego, não cumpriu e deu chique

O discurso de acabar com o [desemprego](#) ruiu antes do fim do terceiro mês como presidente. De acordo com [IBGE](#), no trimestre encerrado em fevereiro, o número de pessoas sem trabalho chegou ao de 12,4%. Até janeiro, era de 12%. Em números absolutos, **[o país teve acréscimo de 892 mil de desempregados](#)** nos primeiros meses do governo de [Jair Bolsonaro \(PSL\)](#). Ele, havia iludido a população com a promessa de criar 10 milhões de vagas no mercado, não

conseguiu, mais uma vez, manter sua palavra. Para piorar, no lugar de apresentar propostas e criar planos para conter a crise, resolveu atacar o IBGE pela divulgação dos números. Seria cômico se não fosse a vida do povo que estivesse em jogo.

Da **Redação** da Agência **PT** de Notícias

- **CIRO ANALISA 100 DIAS DE BOLSONARO**

Por Redação
[de-bolsonaro/](#)

- <https://www.ocafezinho.com/2019/04/11/ciro-analisa-100-dias-de-bolsonaro/>

11 de abril de 2019 : 15h43 | [INSCREVA-SE NA TV CAFEZINHO](#)

O ex-ministro **Ciro Gomes** **fez uma live para analisar os 100 primeiros dias do governo Bolsonaro.**

O vídeo original pode ser visto aqui:
<https://www.facebook.com/pdt.org.br/videos/413041475922112/>

Abaixo, o texto publicado [no site do PDT](#).

Ciro apresenta balanço dos primeiros 100 dias do governo Bolsonaro

Por Elizângela Isaque -
11/04/2019

O vice-presidente nacional do PDT, **Ciro Gomes** apresentou, na manhã desta quinta-feira (11), na sede nacional do partido, em Brasília, um balanço dos primeiros 100 dias de governo do presidente **Jair Bolsonaro** por meio da plataforma “Observatório Trabalhista”. O presidente nacional do partido, **Carlos Lupi** abriu o evento, com a presença do secretário-geral nacional **Manoel Dias**, dos deputados federais, senadores, prefeitos e outras lideranças da legenda.

O encontro foi o primeiro de uma série, que também vai acontecer no Rio e São Paulo. O “Observatório Trabalhista” é uma ferramenta colaborativa composta de monitoramento de indicadores econômicos e sociais do Governo, que incluem saúde, economia, segurança, educação e cultura, ciência e tecnologia, entre outras.

“A ideia é que a gente tente trazer para o Brasil as melhores práticas que já foram brasileiras da democracia”, definiu **Ciro**, ao explicar para o público presente no evento, também integrado pela imprensa, que o objetivo do PDT é, por meio dessa iniciativa, realizar uma oposição propositiva, fazendo uma avaliação criteriosa das propostas e ações do Governo, por meio de um debate democrático junto à população.

Também estiveram presentes no lançamento do “Observatório Trabalhista” os assessores técnicos que compõem a equipe de analistas. Destacam-se **Nelson Marconi**, coordenador do programa de governo de **Ciro Gomes**, nas eleições de 2018 para a Presidência da República, e os deputados federais cearenses, **Mauro Benevides**, assessor de assuntos econômicos e especialista em

Previdência Social, e Idilvan Alencar, na definição de Ciro, o grande responsável pela revolução do sistema educacional do Ceará, que levou o estado ao primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

De acordo com o balanço apresentado por Ciro, em 100 dias de governo, o investimento na prosperidade do Brasil foi ignorado. Ao mesmo tempo, o Brasil fez acordos para entregar a base de Alcântara com os Estados Unidos, em uma negociação sem contrapartida, assim como a alteração na política de vistos, que passa a permitir a entrada de estadunidenses no País de forma irrestrita, mantendo, porém, as exigências para os brasileiros que desejam visitar aquele país.

Investimentos

Um dos destaques da apresentação foi a análise dos índices econômicos – que apresentaram queda acentuada -, e nos investimentos na área social, o menor desde 1947, quando esse índice começou a ser aferido.

“Esse é um número que nós temos que vigiar, porque o que importa, hoje, para a população brasileira, são as 27 mil obras paradas no Brasil. Nenhuma delas foi retomada nesses 100 dias”, alertou Ciro.

Em relação à evolução do desemprego, que hoje já chega a 13,1 milhões de desempregados no País, os gráficos apresentados denunciam a falta de uma previsão de queda. Também chamou a atenção dos pedetistas os cerca de 30 milhões pessoas da chamada população subutilizada, “um dos indicadores mais trágicos da deterioração econômica de uma nação”, frisou Ciro. “Você tem capacidade de produzir 100 e está produzindo 70, 40, 30, porque a economia não dá espaço, mesmo para que você empregado, utilize plenamente a sua capacidade de utilização”, explicou.

Reforma da Previdência

Em relação ao modelo de Reforma da Previdência proposto pelo Governo, cujo texto é reprovado pelo PDT, a proposta do partido é um novo modelo de Previdência, assentada em três pilares, conforme apresentou Ciro. A primeira de natureza social e de acesso incondicional, com despesa despendida pelo Tesouro Nacional, com o valor de um salário mínimo, em direção ao Programa de Renda Mínima de Cidadania que atingiu o parâmetro de idade mínima, discutida por região, gênero e especificidades profissionais. Professor, policial, trabalhador rural e pessoas que trabalham em condição insalubre ou riscos inerentes à função de trabalho serão tratadas distintamente nos acessos.

O segundo pilar é o de repartição, submetido a um teto negociado de R\$ 4.000,00 a R\$ 5.000,00, garantido pelo Governo. E o terceiro é um sistema novo de capitalização público, do qual a contribuição patronal faz parte e cuja gestão será pelos coletivos de trabalhadores e o dinheiro regrado, vinculado o investimento produtivo com uma transição de 10 anos obrigando a risco mínimo.

A proposta do PDT, de acordo com Ciro, é o lançamento de um sistema por meio do qual a idade mínima para a aposentadoria seja vinculada a uma fração móvel da expectativa de vida oficialmente atualizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Questionado acerca de sua opinião acerca das possíveis consequências que o texto da reforma da Previdência apresentado pelo Governo pode trazer para o trabalhador rural, Ciro foi contundente: “Nós estaríamos produzindo uma imensa e precoce legião de mendigos de idade elevada no Brasil. Uma crueldade inominável”.

Confira [aqui](#) a íntegra do painel apresentado por Ciro Gomes no Observatório trabalhista.

● **PPS-Fernando Exman: Cem dias, momento de reflexão e inflexão**

🕒 9 de abril de 2019 🗨️ 0 👁️

🕒 <http://www.pps.org.br/2019/04/09/fernando-exman-cem-dias-momento-de-reflexao-e-inflexao/>

A marca dos 100 dias do mandato do presidente Jair Bolsonaro chega, para autoridades do próprio governo, como uma oportunidade para a reflexão em relação ao que foi realizado até agora, como foi feito e o que precisa mudar. Algumas dessas mudanças já são palpáveis. Outras ainda estão em gestação, mas todas elas são consideradas essenciais por auxiliares do presidente para que o Executivo consiga melhorar a sua imagem entre os eleitores que não se consideram bolsonaristas e mantenha um ambiente de otimismo entre empresários e investidores.

A avaliação das realizações feitas nos primeiros 100 dias de governo é uma tradição americana e passou a ser utilizada como referência em outros países, inclusive no Brasil. No entanto, a efeméride acabou se transformando numa armadilha política que o próprio Palácio do Planalto criou e agora está tentando desarmar.

Em janeiro, no afã de esfriar o noticiário negativo sobre movimentações financeiras suspeitas envolvendo o senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), um dos filhos do presidente, a Casa Civil reuniu a imprensa para divulgar um conjunto de 35 metas prioritárias para os primeiros 100 dias de governo. Bolsonaro estava fora do país, participando do Fórum Econômico Mundial, em Davos, e de pronto o documento passou a receber críticas por não ter sido formatado com outras do governo e excluir a reforma da Previdência Social. Justamente a proposta – e promessa de campanha – mais aguardada pelo mercado.

Na prática, o governo acabava de criar uma referência para a cobrança de suas realizações. Com isso, facilitou o trabalho de uma oposição que até hoje se preocupa mais em discutir como se organizar no Congresso e manter a campanha de libertação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva do que monitorar para valer o trabalho do Executivo.

Deve-se ponderar que a divulgação da agenda pode ser defendida como um avanço na prestação de contas e transparência do setor público. Por outro lado, ela acabou levando o próprio governo a ter que transformar uma data que

poderia ser de apresentação de resultados concretos em mais uma plataforma de anúncios e compromissos a serem efetivados.

Entre as metas divulgadas, algumas atenderam diretamente ao eleitorado bolsonarista, como o decreto que facilitou o acesso a armas, o projeto de lei anticrime e a retirada do Brasil do padrão de passaporte do Mercosul. Outras obtiveram – e com justiça – um reconhecimento mais amplo, como os leilões da área de infraestrutura e a redução de cargos de confiança na máquina federal.

No entanto, nesse período Bolsonaro preferiu apostar na defesa de pautas capazes de animar sua militância, mas que não tinham relação direta com as metas prioritárias de seu próprio governo. Essa mesma agenda acabou colocando a Presidência como alvo de críticas e no epicentro de uma série de polêmicas. Foi o que ocorreu, por exemplo, com as discussões sobre a orientação ideológica do nazismo, o comportamento do folião no Carnaval, a narrativa do golpe militar e até mesmo a utilidade do horário de verão.

Nesse ritmo, Bolsonaro acabará colocando entre suas prioridades outras bandeiras caras à ala ideológica de seu governo, como a substituição das urnas eletrônicas, o abandono das regras do acordo ortográfico e até mesmo o fim da tomada de três pinos. Corre o risco de perder a chance de investir seu capital político na necessária aprovação da reforma da Previdência.

Há no governo quem mire outras frentes de batalha. Não é à toa, portanto, que na área de comunicação do governo ocorre mais uma mudança, justamente às vésperas da marca dos 100 dias, com a alteração do perfil da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Antes focada na busca por irregularidades em contratos assinados por gestões anteriores, agora a Secom deve tratar de ampliar a audiência do presidente, que tem usado as redes sociais como principal plataforma de divulgação de suas ideias, projetos e realizações. Isso porque cresce a pressão no governo para que Bolsonaro use mais sua prerrogativa de presidente da República e aproveite a capilaridade da rede nacional de rádio e televisão para levar sua imagem e seu discurso a toda população.

Outra crítica interna feita à estratégia até então adotada foi a ausência de viagens nacionais na agenda do presidente, pendência que tende a ser resolvida em breve. Até o momento, Bolsonaro privilegiou viagens internacionais ou compromissos fora do Palácio do Planalto quase sempre relacionados às Forças Armadas. Agora, estão previstas uma viagem para Campina Grande (PB) e outra para a região Norte, onde poderão ser lançadas medidas concretas relativas às metas fixadas para os 100 dias, como o 13o salário para beneficiários do Bolsa Família e iniciativas para o desenvolvimento de tecnologias de dessalinização de água.

No Planalto, outro objeto de questionamento é o processo de tomada de decisão do presidente. “A gente acha que convenceu ele de manhã e à tarde volta tudo como antes”, lamenta um assessor.

O mandato de Bolsonaro está apenas no início. Há tempo suficiente para mudanças de rota, mas é preciso senso de urgência devido às preocupantes perspectivas de desaceleração da economia global e foco no que realmente importa: retomada do emprego e reativação da economia doméstica.

Ainda na época da transição entre os governos Michel Temer e Jair Bolsonaro, um experiente líder do Centrão projetava: o presidente eleito logo seria levado a entender que seu discurso contra os partidos políticos tradicionais fora útil na campanha eleitoral, mas poderia representar um entrava para seus planos no Congresso Nacional. “Em seis meses ele percebe, mas aí a conversa com a gente vai ser num patamar diferente”, dizia essa liderança. Levou menos tempo do que esperavam os líderes do Centrão. Bolsonaro os convidou para uma conversa no Palácio do Planalto depois de aproximadamente três meses de tomar posse. (Valor Econômico – 09/04/2019)

Fernando Exman é coordenador do “Valor PRO” em Brasília – E-mail: fernando.exman@valor.com.br

- **Grupo de análise da conjuntura debate cem dias de Bolsonaro**

12/04/2019 - da redação - [Youtube](#)

<https://fpabramo.org.br/2019/04/12/cem-dias-de-bolsonaro-serao-debatidos-na-segunda/>

O grupo de análise da conjuntura da Fundação Perseu Abramo (FPA) se reúne na próxima segunda-feira, 15 de abril, às 18h, para debater o balanço dos cem dias do governo Bolsonaro. Participam do debate o líder da bancada federal do PT, Paulo Pimenta e a integrante da coordenação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Kelli Mafort. O evento será transmitido ao vivo pelo canal da FPA no Youtube e por sua página no Facebook.

O grupo desenvolve um trabalho de monitoramento e análise crítica por meio do boletim mensal *De Olho no Governo*, que está em sua terceira edição. Durante o evento, pesquisadores da FPA vão expor o resumo desse trabalho.

A publicação está disponível nos links abaixo:

[Edição de janeiro](#)

[Edição de fevereiro](#)

[Edição de março Especial Previdência](#)

- **Os primeiros cem dias do governo Bolsonaro**

<http://climainfo.org.br/2019/04/12/os-primeiros-cem-dias-do-governo-bolsonaro/>

A maioria das várias matérias e artigos que falam dos primeiros 100 dias do atual governo mostra uma visão negativa e temerosa dos muitos cem dias que virão. Sobre o conjunto da obra, [Eliane Brum](#), no El País, usa o termo ‘perverso’ para caracterizar os ocupantes do Planalto como os “que corrompem o poder que receberam pelo voto para impedir o exercício da democracia”. O subtítulo da sua coluna dá o tom: “a vida no Brasil de Bolsonaro: um governo que faz oposição a si mesmo como estratégia para se manter no poder, sequestra o debate nacional, transforma um país inteiro em refém e estimula a matança dos mais frágeis”. Leitura recomendada.

Sobre o meio ambiente, um dos artigos mais agudos é o de [André Lima](#), publicado no Congresso em Foco. André foca no ministro do meio ambiente, quem repetiu inúmeras vezes que sua prioridade é o ambiente urbano e quem elegeu o saneamento como prioridade. Lima diz que “a autoridade ambiental máxima de um país não pode escolher como prioridade temas que são de responsabilidade central de outras pastas, cujas competências estejam claramente definidas como de outras áreas do governo.” A principal proposição é o programa Lixo no Mar, que recebeu um orçamento de R\$ 500.000. André comenta que “esse montante, cá pra nós, não dá pra acabar (por um mês que seja) com o lixo sequer da vizinhança do Canal 2 da Praia de José Menino, em Santos, onde o programa foi prematuramente lançado.” André pergunta se não “estamos vivendo a maior e mais tangível desintegração sistêmica programada da política socioambiental brasileira desde que ela começou em 1981 com a aprovação da Lei de Política Nacional do Meio Ambiente?”

Vale ler as análises e comentários sobre os desastres que o governo está produzindo feitos por [SOS Mata Atlântica](#), [André Villas-Bôas do Instituto Socioambiental](#) e [Guilherme Purvin de Figueiredo](#) da Associação dos Professores de Direito Ambiental. Vale também ver a entrevista dada pelo [Deputado Rodrigo Agostinho](#), presidente da Comissão de Meio Ambiente da Câmara.

ClimaInfo, 12 de abril de 2019.

[desmantelamento do meio ambiente governo Bolsonaro 100 dias](#)

•



Bolsonaro assina

‘revogaço’ aos 100 dias de governo

A promotional poster for a broadcast on Teve FPA. The text reads: '100 DIAS DE GOVERNO BOLSONARO'. Below this, it lists participants: 'COM O LÍDER DA BANCADA DO PT NA CÂMARA DOS DEPUTADOS, PAULO PIMENTA, A INTEGRANTE DA COORDENAÇÃO DO MST, KELLI MAFORT, E O GRUPO DE ANÁLISE DA CONJUNTURA DA FPA'. The broadcast is scheduled for '15/4 ÀS 18H'. Logos for 'FUNDAÇÃO Perseu Abramo Partido dos Trabalhadores' and 'TRANSMISSÃO tevê FPA' are also present.

- **EM 100 DIAS, BOLSONARO DESTRÓI A IMAGEM DO BRASIL NO MUNDO**

<https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/389758/Em-100-dias-Bolsonaro-destr%C3%B3i-a-imagem-do-Brasil-no-mundo.htm>

A collage of news headlines from various international sources. On the left, a portrait of Jair Bolsonaro. The headlines include: 'Au Brésil, le lobby évangélique se sent délaissé par le président Bolsonaro' from Le Monde; 'Brazil's Bolsonaro has a few wins, some missteps in 100 days' from AP News; and 'Nach hundert Tagen Bolsonaro Ernüchterung und Angst in Brasilien' from Der Standard.

Os cem dias de Jair Bolsonaro à frente do governo do Brasil foram um fracasso, de acordo com a mídia internacional; no Le Monde, reportagem de Claire Gatinois informa que o lobby evangélico se sente abandonado pelo chefe do Planalto; o alemão Der Standard aponta "medo e desilusão" no Brasil; a Nau, órgão da mídia suíça, diz que os cem dias são marcados pela violência policial e que a destruição ambiental está em ascensão; segundo a AP, o mandato foi marcado por "lutas internas em sua administração", "insultos a adversários e aliados" e "elogios à ditadura brasileira de 1964-1985"; jornal russo Kommersant destaca que Bolsonaro não descarta invasão na Venezuela

10 DE ABRIL DE 2019 ÀS 11:58

247 - Os cem dias de Jair Bolsonaro à frente do governo do Brasil foram um fracasso, de acordo com reportagens e análises publicadas pela mídia internacional nesta quarta-feira (10). No Le Monde, reportagem de Claire Gatinois, informa que o lobby evangélico se sente abandonado por Bolsonaro. Católico, o chefe de estado brasileiro foi eleito graças ao apoio das igrejas pentecostais, que atualmente instigam o controle militar sobre o governo. Outra reportagem do mesmo jornal ressalta que Bolsonaro não pretende se apresentar como chefe de Estado, pronto a unir o País.

"Confirmando sua reputação como ['Trump dos Trópicos'](#), ele é rápido para castigar os inimigos eternos: 'o socialismo, mídia ou os direitos humanos', defendendo os criminosos à custa dos "cidadãos de bem". Em outro texto, o jornal destaca que a reforma previdenciária foi prejudicada pelos excessos de Bolsonaro. Relutantemente, ele apoia a sua política de reformas das pensões, consideradas essenciais para um país cuja dívida ultrapassa os 90% do produto interno bruto.

O jornal francês também aborda a denúncia de líderes indígenas brasileiros, que acusam o presidente brasileiro de promover um "apocalipse" para os povos originários do país. Os índios apelam: "Desde a eleição de Jair Bolsonaro, vivemos o início de um apocalipse".

Em despacho, [Agence France Presse](#), também da França, afirma que Bolsonaro parece nunca ter conhecido o estado de graça normalmente desfrutado por um recém-eleito chefe de Estado. "O mínimo que podemos dizer é que o começo do prazo é decepcionante", diz Thomaz Favaro, da Control Risks. "Houve um equívoco de que ele tinha uma base sólida de apoio, mas acho que percebemos que essa base não é tão forte quanto pensávamos", acrescenta. Segundo a AFP, apesar dos "excessos racistas e homofóbicos" contra adversários, Bolsonaro tem atraído milhões de eleitores com seu discurso de segurança e sua promessa de erradicar a corrupção.

Mídias alemã, suíça e russa

No alemão [Der Standard](#), a reportagem aponta "medo e desilusão" no Brasil com Bolsonaro. O jornal reforça que o presidente, apresentado como "um populista de direita", anunciou que queria tornar o Brasil mais seguro e criar empregos. "Em vez disso, elogia a ditadura militar e envergonha o país no exterior". O texto

diz que, mesmo entre seus eleitores, a euforia há muito se transformou em desilusão profunda.

Também na alemã [2DF](#) relata. “Seus primeiros 100 dias foram marcados por mudanças de direção e desistências”.

A [Nau](#), órgão da mídia suíça, diz que os cem dias de governo Bolsonaro são marcados pela violência policial e que a destruição ambiental está em ascensão. “Milhões estão desempregados e a taxa de homicídios é alta”, destaca.

De acordo com a agência católica de notícias alemã [KNA](#), Bolsonaro se propôs a tirar o Brasil da miséria econômica e moral, mas nos seus primeiros 100 dias como presidente fez mais polêmica do que política. “No domingo à noite, Jair Messias tuitou novamente. Com ‘hahahaha’, comentou uma pesquisa que mostrou que apenas 58 por cento dos seus compatriotas classificam-no como ‘muito inteligente’, muito menos do que seus antecessores Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff”. Diz a reportagem: “Em geral, Bolsonaro, que assumiu o cargo em 1º de janeiro, não se sai bem. Sua vitória esmagadora em outubro foi pouco eufórica, sua avaliação de 100 dias é a pior de todos os presidentes eleitos nos últimos 30 anos”.

O jornal russo [Kommersant](#) destaca que Bolsonaro não descarta invasão militar da Venezuela. Na entrevista à Jovem Pan, o brasileiro “prometeu até criar uma base militar americana em seu país”. Segundo a [Gazeta Russa](#), o presidente “esclareceu que coordenaria [a invasão] com seus colegas americanos”.

Reuters e Associated Press

A Reuters, agência também publica ampla [reportagem](#) sobre a explosão da guerra de gangues nos presídios brasileiros, um problema para o governo Bolsonaro. O despacho é produzido a partir de Porto Alegre e aponta que a população encarcerada no Brasil aumentou oito vezes em três décadas. Hoje são 750 mil presos, a terceira mais alta do mundo. O texto fala que as gangues de prisioneiros passaram a exercer um vasto poder que vai muito além das muralhas da prisão.

No cenário econômico, agência [notícia](#) que a unidade da Ford anunciou que está iniciando um programa voluntário de demissão de sua fábrica em Camaçari, na Bahia, com o objetivo de reduzir a força de trabalho. A empresa em seu comunicado não informou quantas pessoas esperava dispensar. Ford disse anteriormente que a fábrica estava operando com cerca de 700 trabalhadores excedentes. A planta emprega 7.400 pessoas em Camaçari, onde produz o compacto Ka e o tamanho médio EcoSport SUV.

Reportagem da [AP](#) trata dos 100 dias do governo Bolsonaro, apontando que o líder brasileiro conseguiu manter animada sua “base de extrema direita”. Desde o início do seu governo, seu mandato foi marcado por “lutas internas em sua administração”, “insultos a adversários e aliados”, “elogios à ditadura brasileira de 1964-1985” e à escassez de leis aprovadas pelo Congresso. O extenso material com o balanço do governo é reproduzido em mais de 5 mil sites noticiosos pelo mundo, incluindo jornais influentes como o [Washington Post](#) e [Miami Herald](#).

- **A mídia internacional faz o balanço dos 100 dias de Bolsonaro: medo, decepção, guerra à Venezuela e desemprego**

10/04/2019 - 14h50

Mídia internacional fala do desastre dos cem dias do governo Bolsonaro

via Olimpio Cruz - <https://www.viomundo.com.br/denuncias/a-midia-internacional-faz-o-balanco-dos-100-dias-de-bolsonaro-medo-decepcao-guerra-a-venezuela-e-desemprego.html>

Le Monde chama Bolsonaro de “Trump dos Trópicos” em editorial, fala da perda de influência dos evangélicos e traz denúncia de líderes indígenas. *Imprensa alemã* diz que brasileiro envergonha o país no exterior

Os cem dias de Bolsonaro à frente do governo do Brasil é um dos temas da mídia internacional, principalmente europeia, nesta quarta-feira, 10 de abril, assim como as chuvas torrenciais no Rio, com a morte de 10 pessoas, recebem muita atenção no noticiário sobre o país.

Reuters fala em “caos” e da tempestade que o prefeito descreveu como “absolutamente anormal”.

Outros destaques são o plano de demissões anunciado pela Ford em Camaçari, na Bahia.

As declarações de Bolsonaro na Jovem Pan também continuam a repercutir na mídia estrangeira.

Atenção à ampla cobertura sobre o Brasil no jornal francês *Le Monde*, que aborda o governo Bolsonaro como um problema para o país. Em editorial o diário apresenta Bolsonaro, como “o Trump dos trópicos”.

O jornal avalia que, três meses depois de ter tomado posse, “o presidente brasileiro parece não estar tomando a medida de suas responsabilidades, abordando seu eleitorado mais radical e esquecendo o resto do país, que enfrenta desafios assustadores”.

O diário francês afirma que, depois de um trimestre caótico ao leme do Brasil, Bolsonaro “entra em colapso nas pesquisas”.

Diz que ele “colhe o pior desempenho no início de seu mandato, em situação pior que seus inimigos de esquerda, Lula e Dilma Rousseff”.

Ainda no *Le Monde*, reportagem da correspondente Claire Gatinois informa que o lobby evangélico se sente abandonado por Bolsonaro.

Católico, o chefe de estado brasileiro foi eleito graças ao apoio das igrejas pentecostais, que hoje instigam o controle militar sobre o governo.

Outra reportagem do mesmo jornal ressalta que Bolsonaro não pretende se apresentar como chefe de Estado, pronto a unir o país.

“Confirmando sua reputação como “Trump dos Trópicos”, ele é rápido para castigar os inimigos eternos: “o socialismo, mídia ou os direitos humanos”, defendendo os criminosos à custa dos “cidadãos de bem”.

Em outro texto, o jornal destaca que a reforma previdenciária foi prejudicada pelos excessos de Bolsonaro. Relutantemente, ele apoia a sua política de reformas das pensões, consideradas essenciais para um país cuja dívida ultrapassa os 90% do produto interno bruto.

Por fim, a cobertura sobre o país neste que é um dos principais jornais da França trata da denúncia de líderes indígenas brasileiros, que acusam o presidente brasileiro de promover um “apocalipse” para os povos originários do país.

Os índios apelam: “Desde a eleição de Jair Bolsonaro, vivemos o início de um apocalipse”.

Treze representantes de povos indígenas de diferentes nações, incluindo os da Amazônia brasileira, pedem a proteção do “sagrado” da natureza e se opõem aos projetos de Bolsonaro.

No alemão *Der Standard*, reportagem fala que, depois de cem dias no governo, há “medo e desilusão” no Brasil com Bolsonaro.

O jornal reporta que o líder brasileiro, apresentado como “um populista de direita”, anunciou que queria tornar o Brasil mais seguro e criar empregos. “Em vez disso, elogia a ditadura militar e envergonha o país no exterior”.

O texto diz que, mesmo entre seus eleitores, a euforia há muito se transformou em desilusão profunda. A prometida recuperação econômica não veio.

Em vez disso, o governo, que é dominado pelos evangélicos militares e ultraconservadores, é mencionado por incompetência, escândalos e lutas internas pelo poder.

Também na alemã *ZDF*, outro texto fala que “o presidente populista de direita do Brasil” não teve um bom começo. “Seus primeiros 100 dias foram marcados por mudanças de direção e desistências”.

A *Nau*, órgão da mídia suíça, aponta que os cem dias de governo Bolsonaro são marcados pela violência policial e que a destruição ambiental está em ascensão. “Milhões estão desempregados e a taxa de homicídios é alta”, destaca.

Reportagem da AP trata dos 100 dias do governo Bolsonaro, apontando que o líder brasileiro conseguiu manter animada sua “base de extrema direita”.

Desde o início do seu governo, seu mandato foi marcado por “lutas internas em sua administração”, “insultos a adversários e aliados”, “elogios à ditadura brasileira de 1964-1985” e à escassez de leis aprovadas pelo Congresso.

O extenso material com o balanço do governo é reproduzido em mais de 5 mil sites noticiosos pelo mundo, incluindo jornais influentes como o *Washington Post* e *Miami Herald*.

Em despacho, Agence France Presse reporta os primeiros meses do governo Bolsonaro destacando que “o presidente de extrema direita” alcançará na quarta a marca simbólica de cem dias à frente do Brasil, mas que parece nunca ter conhecido o estado de graça normalmente desfrutado por um recém-eleito chefe de Estado.

“O mínimo que podemos dizer é que o começo do prazo é decepcionante”, diz Thomaz Favaro, da Control Risks.

“Houve um equívoco de que ele tinha uma base sólida de apoio, mas acho que percebemos que essa base não é tão forte quanto pensávamos”, acrescenta.

Segundo a AFP, apesar dos “excessos racistas e homofóbicos” contra adversários, Bolsonaro tem atraído milhões de eleitores com seu discurso de segurança e sua promessa de erradicar a corrupção.

A agência católica de notícias alemã *KNA* informa que Bolsonaro se propôs a tirar o Brasil da miséria econômica e moral, mas nos seus primeiros 100 dias como presidente fez mais polêmica do que política.

“No domingo à noite, Jair Messias tuitou novamente. Com ‘hahahaha’, comentou uma pesquisa que mostrou que apenas 58 por cento dos seus compatriotas classificam-no como ‘muito inteligente’, muito menos do que seus antecessores Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff”.

Diz a reportagem: “Em geral, Bolsonaro, que assumiu o cargo em 1º de janeiro, não se sai bem. Sua vitória esmagadora em outubro foi pouco eufórica, sua avaliação de 100 dias é a pior de todos os presidentes eleitos nos últimos 30 anos”.

O jornal russo *Kommersant* destaca que Bolsonaro não descarta invasão militar da Venezuela.

Na entrevista à *Jovem Pan*, o brasileiro “prometeu até criar uma base militar americana em seu país”.

A *Gazeta Russa* destacou que Bolsonaro “esclareceu que coordenaria [a invasão] com seus colegas americanos”.

Reuters repercute a entrevista em Bolsonaro disse que está trabalhando com o governo dos EUA para semear a dissidência dentro do Exército venezuelano.

Na entrevista à Rádio Jovem Pan, ele disse que, se houver uma invasão militar na Venezuela, pedirá a opinião do Conselho de Defesa Nacional e do Congresso sobre a ação.

Russia Today também reporta que Bolsonaro fala em criar “rachas” nas forças armadas de Maduro.

“Não podemos permitir que a Venezuela se torne uma nova Cuba ou a Coreia do Norte”, disse o presidente da direita.

Bolsonaro disse que, se qualquer intervenção militar de fato depor o presidente da Venezuela, Nicolas Maduro, é bem provável que o país veja a guerra de guerrilha travada pelos defensores de Maduro e quem quer que assuma o poder.

O despacho da Reuters é replicado por 3.760 veículos noticiosos ao redor do mundo.

Reuters publica ampla reportagem sobre a explosão da guerra de gangues nos presídios brasileiros, um problema para o governo Bolsonaro.

O despacho é produzido a partir de Porto Alegre e aponta que a população encarcerada no Brasil aumentou oito vezes em três décadas. Hoje são 750 mil presos, a terceira mais alta do mundo.

O texto fala que as gangues de prisioneiros passaram a exercer um vasto poder que vai muito além das muralhas da prisão.

A promessa de Bolsonaro de reprimir a escalada do crime colocou-o em rota de colisão com as gangues da cadeia.

Em uma estratégia detalhada para a Reuters pela primeira vez, autoridades de segurança disseram que planejam isolar chefes de gangues, aumentar a vigilância, construir mais bloqueios e mobilizar forças federais para os sistemas penitenciários estaduais sitiados.

O material já foi replicado em mais de 780 sites noticiosos ao redor do mundo.

No cenário econômico, Reuters noticia que a unidade da Ford anunciou que está iniciando um programa voluntário de demissão de sua fábrica em Camaçari, na Bahia, com o objetivo de reduzir a força de trabalho.

A empresa em seu comunicado não informou quantas pessoas esperava dispensar. Ford disse anteriormente que a fábrica estava operando com cerca de 700 trabalhadores excedentes.

A planta emprega 7.400 pessoas em Camaçari, onde produz o compacto Ka e o tamanho médio EcoSport SUV.

- **O desmonte da ciência brasileira**

[https://www.dw.com/pt-br/o-desmonte-da-ci%C3%Aancia-brasileira/a-](https://www.dw.com/pt-br/o-desmonte-da-ci%C3%Aancia-brasileira/a-48216895?fbclid=IwAR0h40wvvLLrn3UIKoqCwGYTpYg4NgsyCXvVCxuYbnZoeZCC9UvBMMOxSww)

[48216895?fbclid=IwAR0h40wvvLLrn3UIKoqCwGYTpYg4NgsyCXvVCxuYbnZoeZCC9UvBMMOxSww](https://www.dw.com/pt-br/o-desmonte-da-ci%C3%Aancia-brasileira/a-48216895?fbclid=IwAR0h40wvvLLrn3UIKoqCwGYTpYg4NgsyCXvVCxuYbnZoeZCC9UvBMMOxSww)

Anos de cortes no Ministério da Ciência e Tecnologia atingem em cheio pesquisas em todas as áreas e já afetam parcerias com agências europeias. Governo Bolsonaro acelera processo com redução drástica no orçamento.

A ciência brasileira se encontra num momento crítico. O último corte de recursos anunciado pelo governo de Jair Bolsonaro agravou drasticamente uma situação que, há anos, já era tida como crítica. A medida mais recente atingiu em cheio o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), subordinado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

O contingenciamento de 42,27% das despesas do MCTIC coloca em risco o financiamento de cerca de 11 mil projetos e 80 mil bolsas financiadas pela principal agência de fomento à pesquisa do país.

Siga da DW Brasil no [Instagram](#)

"Nunca vi cortes da magnitude dos que foram decretados recentemente. São cortes extremamente pesados e, se não forem revertidos, destruirão a ciência brasileira. Esses cortes representam um ataque sério ao desenvolvimento e à própria soberania nacional", afirma Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciências.

A avaliação de especialistas do setor é de que pesquisas em todas as áreas, inclusive de humanas, estão em risco. As primeiras afetadas são as pesquisas dependentes de laboratórios, que já estão ficando sem manutenção, sem materiais e com uma infraestrutura defasada.

Os cortes também prejudicam cooperações internacionais e são observados com atenção na Europa. Segundo a diretora do escritório regional do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) no Brasil, Martina Schulze, no ano passado, em programas conjuntos da agência alemã com instituições brasileiras, não foi possível conceder bolsas de doutorado na Alemanha pelo CNPq, pois não havia garantias de que elas seriam pagas.

"A incerteza quanto às possibilidades de financiamento para as instituições de ensino superior brasileiras e a pesquisa no país provocou um comedimento das universidades alemãs, que ainda persiste. O DAAD pode notar isso devido ao menor fluxo de recursos para o trabalho conjunto no ensino superior e na pesquisa com o Brasil", diz Schulze.

De acordo com a diretora da agência alemã, em 2016, o DAAD destinou cerca de 11 milhões de euros para bolsas e projetos com parceiros brasileiros. Em 2018, esse valor foi de apenas 8,7 milhões de euros.

Esse cenário, descrito por pessoas da área como trágico, não surgiu de uma hora para outra, mas é fruto de uma série de cortes que está em curso há algum tempo.

Processo contínuo de cortes

Há cerca de 20 anos, as ciências no Brasil viviam tempos áureos. A partir dos anos 2000, mais recursos já começavam a ser investidos no setor, conta Ildeu de Castro Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Mas foi durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a partir de 2006, que o MCTIC viveu um período de real prosperidade, com o aumento progressivo nas verbas destinadas à pasta. Em 2010, os

investimentos no ministério atingiram o ápice, chegando a aproximadamente 8,6 bilhões de reais (em valores atualizados, quase 10 bilhões de reais).

Marca semelhante foi alcançada em 2013. Na época, a cultura de investimentos em ciência parecia estar se consolidando. Porém, a partir de 2014, teve início a crise que se estende até os dias de hoje. O orçamento da pasta passou a sofrer cortes constantes durante os anos seguintes do último governo Dilma Rousseff. Sob Michel Temer, o Ministério da Ciência e Tecnologia incorporou o das Comunicações e sofreu um contingenciamento de 44% das despesas previstas para 2017. Naquele ano, foram investidos apenas 3,77 bilhões de reais, o menor orçamento dos últimos 12 anos.

O impacto foi tanto que levou entidades de pesquisa a se articularem no movimento "Conhecimento sem cortes", que denunciou a morte lenta da ciência no país devido à redução constante dos investimentos.

No início de 2018, a situação parecia um pouco melhor com o anúncio de um investimento de 4,7 bilhões na pasta, porém, houve novamente cortes, o que chegou a atrasar o pagamentos de bolsas em dezembro do ano passado. Esse atraso levou o CNPq a entrar em 2019 com um rombo de 300 milhões de reais no orçamento.

Para este ano, o Congresso havia aprovado um orçamento de 5,1 bilhões de reais para o MCTIC, porém, há cerca de uma semana, o governo decretou o contingenciamento de 42% das despesas da pasta, reduzindo para cerca de 2,9 bilhões de reais os recursos disponíveis para o ministério.

O presidente do CNPq, João Luiz Filgueiras, afirmou ao portal *G1* que a agência deve ter verbas para pagar bolsistas apenas até setembro deste ano. A previsão, porém, ainda não incluía o novo corte. Especialistas estimam que esse valor cubra os pagamentos somente até julho.

Desde 2016, os repasses para o pagamento de bolsas concedidas pelo CNPq vem caindo, passando de pouco mais de 1,1 bilhão para 784,7 mil reais neste ano. Metade dos 80 mil bolsistas da agência fazem iniciação científica e recebem apenas entre 100 e 400 reais por mês.

Além de correrem o risco de ficarem sem receber, os mestrandos e doutorandos possuem ainda bolsas com valores muito baixos, defasados pela inflação. Os valores de 1,5 mil reais mensais para mestrado e 2,2 mil reais mensais para doutorado não são reajustados desde 2013.

Pesquisas de saúde em risco

Entidades ligadas à ciência também afirmam que os cortes anunciados pelo governo Bolsonaro atingem o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico, que financia a infraestrutura de instituições científicas. O fundo teve 80% de seus recursos contingenciados.

"Está ocorrendo um desmonte do sistema nacional de ciência e tecnologia, colocando em risco grupos de pesquisa constituídos nos últimos anos. O atual corte pode afetar grandes projetos como o Sirius e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, que o Brasil construiu a duras penas, ou o Laboratório de Ciência e Computação (LCC), que podem não ter condições de operar sem manutenção", afirma Moreira, da SBPC.

O físico diz que, no futuro, o país pode ter dificuldades também para desenvolver pesquisas essenciais na área de saúde. Segundo ele, o Brasil só foi pioneiro nos estudos sobre o zika porque na época havia condições para a realização de pesquisas. Cientistas brasileiros foram os primeiros a descobrir a conexão entre o vírus e os casos de microcefalia.

Com a falta de manutenção de laboratórios, que se deterioram com o tempo, a redução dos investimentos também representa uma perda dos recursos já aplicados no setor. Além disso, impulsiona a fuga de cérebros, com pesquisadores deixando o Brasil para realizar seus trabalhos em países que ofereçam melhores condições.

"Atualmente, o protagonismo das nações está baseado muito mais no poder do conhecimento do que no das armas. A pergunta é o que vai acontecer no Brasil num mundo que valoriza cada vez mais o conhecimento. A resposta é óbvia: o país vai se atrasar cada vez mais em relação a outros países", afirma Davidovich. O Brasil investe menos de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) na área de ciência, tecnologia e inovação. Em alguns países europeus, o percentual gira em torno de 3%, e nos Estados Unidos, é de cerca de 2%.

- **100 dias de retrocessos socioambientais**

quarta-feira, 10 de Abril de 2019 - https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-isa/100-dias-de-retrocessos-socioambientais?utm_source=isa&utm_medium=redes&utm_campaign=100+dias+de+bolsonaro&fbclid=IwAR084MMALwT_Mj5MYLIffUUufWDVzv9RM5nr41QYATqGjihHmleXiwOEBAsg

André Villas-Bôas, secretário executivo do ISA

Em artigo, o secretário-executivo do ISA, André Villas-Bôas, avalia e critica as medidas tomadas pelo governo Bolsonaro até aqui na pauta socioambiental. Texto publicado originalmente na versão digital da [Folha de S.Paulo](#), de 10/4/2019

Nunca foram vistos tantos equívocos, desgaste e confusão em apenas 100 dias de governo. O presidente da República, seus filhos e alguns ministros

encarregam-se de promover conflitos simultâneos, inclusive fomentando de forma gratuita acusações entre facções que, supostamente, apoiam-no. Com viés ideológico bizarro, ministérios e políticas inteiras não apenas são desmontados, mas reduzidos ao ridículo.

O processo começou logo no primeiro dia da nova administração, com a edição da [Medida Provisória \(MP\) 870 e decretos que reordenaram \(ou desordenaram\) estruturas, competências e órgãos ministeriais, com impactos demolidores, entre outros, na agenda socioambiental](#). A MP ainda não foi convertida em lei e poderá sofrer modificações no Congresso. Esperamos que pelo menos parte dos prejuízos seja revertida.

O ministro de Meio Ambiente, Ricardo Salles, até agora, só mostrou vontade para criminalizar servidores e ambientalistas - ele próprio condenado por improbidade administrativa por fraudar o plano de manejo de uma Unidade de Conservação. Já bastante desmoralizado nos foros ambientais mundiais, Salles pretende chantagear a comunidade internacional, defendendo que o Brasil só tomará medidas para reduzir emissões de gases de efeito estufa e o desmatamento se for pago para isso, trocando o protagonismo do país pelo oportunismo na agenda de mudanças climáticas ([leia mais](#)). De forma patética, o ministro tentou aproveitar-se do maior desastre humanitário ambiental de nossa história, em Brumadinho (MG), para propor a flexibilização da legislação do licenciamento ambiental ([saiba mais](#)). Nunca é demais lembrar que a catástrofe teve entre uma de suas causas o enfraquecimento dos controles previstos no licenciamento de uma barragem de rejeitos de mineração.

Nos primeiros 100 dias de governo não se realizou nenhuma operação significativa contra o desmatamento e o [número de multas aplicadas pelo Ibama foi o menor desde 1995](#). Enquanto isso, multiplicam-se os dados sobre aumento do ritmo da destruição da floresta e as denúncias de invasões de áreas protegidas e violência contra ambientalistas, quilombolas, índios e assentados.

Na mesma frente, ao promover o ceticismo climático, o desmantelamento das políticas ambientais e o sectarismo diplomático, Bolsonaro dá um tiro no pé de seu próprio projeto de poder, assentado na exportação de commodities agrícolas e no fortalecimento da bancada ruralista. Neste ano, prevê-se uma queda significativa da safra agrícola justamente por causa de extremos climáticos, além de outros impactos negativos ao setor a longo prazo, previstos pela comunidade científica e a Embrapa. Por outro lado, o mercado internacional cobra cada vez mais rigor ambiental dos produtores rurais.

Enquanto a economia segue patinando e a bandeira eleitoral do combate à corrupção é relegada ao segundo plano, o percentual de brasileiros que considera o governo ótimo ou bom caiu 15%, de 49% para 34%, entre janeiro e março, segundo o IBOPE. Mas a erosão precoce da sua popularidade não deve ser festejada: porque pode ensejar mais medidas alopradas, com potencial de danos perenes à sociedade, ao meio ambiente e à imagem do país.

Vale registrar que posições defendidas por Bolsonaro, como a de vender e arrendar Terras Indígenas e de renegar os esforços para proteção da biodiversidade e o enfrentamento da crise ambiental e climática, são regressivas mesmo em relação àquelas defendidas pelo regime militar que ele não cansa de

elogiar. Foi ainda durante a ditadura que se reconheceu como constitucional que as Terras Indígenas são bens da União e que o nosso patrimônio natural deve ser preservado. Se as posições de Bolsonaro traduzirem-se em medidas concretas, representarão retrocesso secular para as políticas socioambientais.

- **Decreto de Bolsonaro acaba com o Conade e mais 700 conselhos**

https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/decreto-de-bolsonaro-acaba-com-o-conade-e-mais-700-conselhos/?utm_source=estadao%3Afacebook&utm_medium=link&fbclid=IwAR2ZMYRC5NsOsLZ2KA83mcyK5v4LH-x6KGNwAAgLMCpoOGbYpwTVI223Fkg

Fim do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência faz parte de pacote de revogações assinado pelo presidente para marcar os 100 dias de governo. Medida elimina a Política Nacional de Participação Social e o Sistema Nacional de Participação Social, programas criados em 2014 por Dilma Rousseff (PT). Meta é reduzir para 50, ou até menos, o número de conselhos. Ministra Damares Alves e secretária nacional Priscilla Gaspar estão caladas.

Luiz Alexandre Souza Ventura

12 de abril de 2019 | 21h25

IMAGEM 01: Fim do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência faz parte de pacote de revogações assinado pelo presidente para marcar os 100 dias de governo. Medida elimina a Política Nacional de Participação Social e o Sistema Nacional de Participação Social, programas criados em 2014 por Dilma Rousseff (PT). Meta é reduzir para 50, ou até menos, o número de conselhos. Ministra Damares Alves e secretária nacional Priscilla Gaspar estão caladas. **Descrição #pracegover:** Jair Bolsonaro aparece ao lado do número 100. **Crédito: Joédson Alves/EFE.**

O [Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência \(Conade\)](#) está ameaçado e pode acabar em 28 de junho. O fim do Conade faz parte do pacote de revogações que o presidente **Jair Bolsonaro (PSL)** assinou na quinta-feira, 11 de abril, quando seu governo completou 100 dias.

Entre os itens do 'revogaço' estão as extinções da [Política Nacional de Participação Social \(PNPS\)](#) e do [Sistema Nacional de Participação Social \(SNPS\)](#), criados em 2014 por **Dilma Rousseff (PT)**.

Se você é do grupo que culpa o Partido dos Trabalhadores por todos os problemas nacionais (e mundiais), aproveite o fim de semana para festejar a eliminação de dezenas de projetos sociais atrelados aos dois programas finalizados por Bolsonaro.

SILÊNCIO EM BRASÍLIA – Questionadas pelo **#blogVencerLimites** sobre a decisão que elimina o Conade, **Damares Alves**, Ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e **Priscilla Gaspar**, Secretária Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, ainda não se pronunciaram.

Em fevereiro, **Damares Alves e Priscilla Gaspar garantiram ao #blogVencerLimites** que Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência permaneceria ativo.



LEIA TAMBÉM: [Em fevereiro, a ministra Damares Alves e a secretária Priscilla Gaspar garantiram ao #blogVencerLimites que o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência permaneceria ativo. Descrição #pracegover: Priscilla Gaspar e Damares Alves estão sorrindo e olhando para a câmera enquanto seguram juntas um documento. Priscilla Gaspar tem cabelo loiros e compridos. Damares Alves tem cabelo pretos e lisos. As duas vestem roupas pretas. Crédito: Reprodução.](#)

O [Decreto Nº 9.759/2019, assinado por Jair Bolsonaro](#), encerra conselhos, comitês, comissões, grupos, juntas, equipes, mesas, fóruns, salas e qualquer outra denominação dada a colegiados que não tenham sido criados por lei.

COMO SERÁ – Todos esses órgãos têm 60 dias para justificar sua existência, tempo considerado suficiente pelo ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, para a manutenção de 50 conselhos.

“Esses órgãos resultavam em gastos com pessoas que não tinham nenhuma razão para estar aqui, além de consumir recursos públicos e aparelhar o Estado brasileiro”, afirmou Lorenzoni.

Estão na mira os conselhos nacionais:

- Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade)
- Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de LGBT (CNCD/LGBT)
 - Erradicação do Trabalho Infantil (Conaeti)
 - Direitos do Idoso (CNDI)
- Transparência Pública e Combate à Corrupção (CTPCC)
 - Segurança Pública (Conasp)
 - Relações do Trabalho
- Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO)

Além das comissões nacionais:

- Política Indigenista (CNPI)
- Biodiversidade (Conabio)

E o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI).

QUEM PODERÁ NOS DEFENDER? – O **#blogVencerLimites** está em contato com deputados e senadores que atuam na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, além de instituições e profissionais do setor, para saber o que pode ser feito para tentar impedir o fim do Conade. **Aguarde novas reportagens.**

- **Os cem dias de Bolsonaro e as graves ameaças aos direitos sociais e às liberdades democráticas**

Publicado em: 10/04/2019 11h14 - <https://esquerdaonline.com.br/2019/04/10/os-cem-dias-de-bolsonaro-e-as-graves-ameacas-aos-direitos-sociais-e-as-liberdades-democraticas/>



Nesta semana, circulou nas redes uma fotografia de um rapaz pedalando uma bicicleta alugada do Itaú, carregando uma mochila do Uber Eats. O autor viu um resumo da situação precária de um trabalhador que não é dono de nada e que sequer conhece seus patrões. Paga a um banco para poder pedalar para um aplicativo, sem nenhum direito.

A imagem é também um retrato da enorme crise social do País. Somos 13,1 milhões de desempregados, e outros 27,9 milhões vivendo de bico, sem renda fixa. Segundo o IBGE, 37% da população está desempregada, desocupada ou subempregada.

Trabalhar para um aplicativo é a saída para quem já desistiu de passar a noite em longas filas com outros milhares, para um cadastro de emprego. O desalento se justifica – a perspectiva é que o país cresça apenas 2% neste ano e que a situação só melhore – talvez – em 2020.

A maioria da classe trabalhadora votou em Bolsonaro, com expectativa de uma vida melhor. Mas o desemprego aumentou e a pobreza voltou a crescer. Cem dias depois, o otimismo começa a dar lugar a desesperança.

As contradições do governo

Sem respostas aos problemas que afligem a vida do povo, Bolsonaro vê sua popularidade cair. Perdeu 15 pontos de aprovação neste ano, um recorde. A queda é também resultado dos absurdos e o discurso de ódio do próprio presidente, dos ministros da ala olavista-bolsonarista, e pela repercussão das graves denúncias envolvendo filhos do presidente, assessores e milicianos.

Todo este cenário aprofunda disputas no governo e antecipa crises com o Congresso e partidos. Os cem dias revelaram a natureza do governo, como um grande consórcio, com quatro blocos: militares, capital financeiro, Lava Jato e o próprio bolsonarismo. Sem conseguir dar a partida no carro do PSDB, estes setores abraçaram a candidatura da extrema direita.

Bolsonaro é o presidente, mas, por vezes, o governo se assemelha a uma corrida no *Uber Juntos*, com direito a disputa pelo trajeto e paradas.

Os militares, com o vice a frente, atuam como um poder paralelo, corrigindo falas de Bolsonaro. Ocupam os principais cargos e buscam ser uma solução viável, transmitindo estabilidade aos empresários, junto com Guedes. Mourão foi recebido em evento na Fiesp, e depois jantou com as principais fortunas do País, ouvindo queixas sobre o presidente.

Já a poderosa Lava Jato tentou um passo gigantesco com a criação de uma fundação, mas teve que recuar e abrir mão dos bilhões que controlaria. Isso em um momento em que seu projeto de poder começa a ser questionado.

Uma enxurrada de ataques

Nestes cem dias, apesar de suas disputas, todas as alas do governo não descansaram na hora de atacar os trabalhadores e aplicar o projeto de desmonte do Estado e dos direitos sociais. Esta agenda, que deu origem ao golpe

parlamentar, se agigantou. Foram cem dias de uma enxurrada de ataques. O governo avançou na privatização, já tendo entregue aeroportos, portos e rodovias. Anuncia que vai privatizar todas as estatais, talvez deixando parte dos bancos públicos e da Petrobrás.

Em sua visita aos Estados Unidos, prometeu a Trump a Base de Alcântara, maior presença no petróleo – fará um megaleilão do pré-sal em outubro – e até mesmo acesso à Amazônia. A soberania brasileira foi, literalmente, para o espaço.

As bizarrices e idas e vindas de Bolsonaro não impedem esse governo de aplicar a agenda do imperialismo e entregar o país. Com maioria no Congresso e apoio em setores de massa, o governo pode desmontar o Estado, vender o que resta de nossas riquezas e, ao final, deixar o País sem nada, como o trabalhador da bicicleta.

As ameaças à democracia aumentaram

O regime político, que havia sofrido mudanças desde o golpe parlamentar e que se aprofundou após a execução de Marielle e a prisão de Lula, continua se fechando, permitindo que a entrega do País e de direitos se complete. O fechamento do regime envolve todas as alas do governo, da Lava Jato aos militares.

Nestes cem dias, vimos as ameaças e o exílio de Jean Wyllys (PSOL) e da professora Débora Diniz (UnB), o aumento dos ataques a LGBTs e de casos bárbaros de feminicídio, da perseguição e execução de camponeses e indígenas, o bloqueio de sindicatos e ataques a professores.

O aprofundamento da situação política reacionária ocorreu em especial nos morros e periferias, contra negros e negras, por parte de policiais e militares. Em São Paulo, nos três primeiros meses, o número de pessoas mortas pela polícia

aumentou 46%. A ação de soldados no Rio de Janeiro contra jovens em uma moto e contra um carro com uma família não são fatos isolados. Mostram o aumento da política de guerra contra os pobres, e a autorização para matar negros e negras, simbolizada no gesto de campanha e no silêncio do presidente. A violência policial contra a população negra aumentou, apoiada pelos governadores, como Doria, que condecora policiais que executaram criminosos, e Witzel, que já coloca snipers para atuar nas comunidades. Essa violência vai aumentar com o pacote do ministro Moro, que isenta policiais que matarem sob “forte emoção”.

Nada pode nos deixar esquecer ou menosprezar as graves ameaças do momento histórico atual. A [Venezuela](#) é alvo de uma tentativa de invasão. Lula permanece preso há um ano e não se sabe quem mandou matar Marielle. A extrema direita segue fortalecida e deputados bolsonaristas consideram que podem ir armados ao Congresso Nacional. As milícias seguem com seu poder intacto. Um terço da população acha certo comemorar a ditadura.

Reforma da Previdência, a grande batalha

A maior parte das medidas do pacote dos 100 dias do governo não se efetivou. Na prática, o governo Bolsonaro aposta alto na aprovação da reforma da Previdência, com uma proposta ainda pior do que a que derrotamos em 2017.

A resistência à reforma é a grande batalha do período e exigirá ampla unidade e uma Frente Única dos trabalhadores e de suas organizações. Os atos do dia 22 foram um primeiro passo da classe trabalhadora.

Os próximos cem dias serão decisivos. É preciso conquistar corações e mentes de milhares de trabalhadores, inclusive dos que acreditaram em Bolsonaro, sobre o significado da reforma, os retrocessos e o governo.

A maioria – 51% – está contra a reforma e percebe que não irá conseguir se aposentar, em especial as mulheres.

Precisamos conversar com os terceirizados, hoje maioria nas greves, com os desempregados e com os jovens precarizados, mostrando que o governo e as empresas não querem que eles se aposentem. E não se importam se continuar pedalando para um aplicativo, até não aguentar mais.

Os primeiros cem dias deste governo mostraram as graves ameaças aos direitos sociais e às liberdades democráticas. Mostraram, por outro lado, que é hora de o povo brasileiro – índios, negros e pobres, como na bandeira da Mangueira – resistir.

Publicado em: 10/04/2019 11h14 Modificado em: 12/04/2019 04h35

- **Em 100 dias, Bolsonaro destrói direitos e é o governo mais**

entreguista da história

Planalto adota discurso e atos contra a soberania nacional, políticas de destruição de direitos conquistados ao longo de décadas e ameaça Previdência. País vive pior momento de sua história

por Eduardo Maretti, da RBA publicado 10/04/2019 15h17, última modificação 10/04/2019 15h41

ALAN SANTOS/PR

<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/04/em-100-dias-bolsonaro-destroi-direitos-e-e-governo-mais-entreguista-da-historia>



Nunca houve um presidente que fosse a Washington sem levar nenhuma pauta de interesse dos brasileiros

São Paulo – Não é por acaso que, após **100 dias** do governo de Jair **Bolsonaro**, o presidente tem a [pior avaliação](#) para eleitos em primeiro mandato desde 1990. O desempenho está diretamente relacionado a inúmeros aspectos em todas as áreas, embora o principal símbolo negativo dos atuais "comandantes" do país seja sua atuação na política externa, pois compromete a soberania nacional de maneira nunca vista.

"Não há comparação possível em relação à questão da subserviência. Se pensarmos no regime militar, houve uma subordinação muito forte em relação aos Estados Unidos. Mas, pelo menos em alguns momentos, no governo Geisel, a subserviência não foi total", diz Maria Aparecida de Aquino, professora da pós-graduação do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP). "É uma coisa nunca vista. O presidente chegou a fazer um papel ridículo na sua [visita aos Estados Unidos](#). Parecia que estava na Disneylândia."

Na comparação, a professora cita o período do general Ernesto Geisel (1974-1979) em que o governo se empenhou para concretizar um aporte financeiro ao Brasil, optando pela Alemanha, com a qual assinou o acordo nuclear em 1975. "O atual governo me parece mais dependente, mais subserviente."

Para Igor Fuser, professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC), mesmo em "casos grotescos" de subserviência, como nos governos de Castello Branco, Fernando Collor ou Eurico Gaspar Dutra, "o Brasil não chegou ao ponto da humilhação como no governo Bolsonaro".

"Nunca houve um presidente que batesse continência para um funcionário dos Estados Unidos, ou que fosse a Washington sem levar nenhuma pauta de interesse dos brasileiros. Mesmo nos piores momentos de servilismo, o Brasil sempre procurou obter alguma coisa em troca da obediência."

Para a professora da USP, embora os governos Castello Branco e Geisel, ambos da ditadura pós-golpe de 1964, sejam muito semelhantes, e o primeiro marcadamente entreguista, "na realidade não chegam ao ponto em que chegamos hoje e nosso receio é: para onde isso tudo vai?"

De acordo com os professores, a submissão aos interesses norte-americanos é demonstrada por vários atos do governo, cujo chanceler é Ernesto Araújo. A "[entrega](#)" da estratégica base de Alcântara, a "ideia" de transferir a embaixada brasileira [de Tel Aviv para Jerusalém](#), a permissão para que cidadãos de outras nações (como os Estados Unidos) não precisem de visto para entrar ou o [apoio brasileiro contra o governo da Venezuela](#) são concessões pelas quais o Brasil de Bolsonaro não obteve nenhuma contrapartida.

O único precedente que se poderia citar em relação a Alcântara, no Maranhão – um ponto estratégico no mapa-múndi e fundamental para pesquisas científicas brasileiras, observa Fuser – é do período da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil fez um acordo com os Estados Unidos para a instalação de uma base aérea no Rio Grande do Norte. "Mas isso se deu num contexto de guerra, quando os dois países eram aliados contra os nazistas. Quando terminou a guerra, os americanos foram embora. O atual acordo sobre Alcântara é algo a perder de vista."

Também com o apoio incondicional do governo brasileiro a Israel, o Brasil não obtém nada em troca e [coloca em risco a exportação aos países árabes](#) e negócios estratégicos para a economia.

Educação e Previdência

Infelizmente para o país, as mazelas apontadas pelos analistas estão longe de se resumir à política externa. Pelo contrário. Outra área essencial a uma nação soberana, a Educação, é objeto de atos e declarações "abusivos ao extremo", na opinião de Maria Aparecida de Aquino.

"O ministro da Educação recentemente demitido ([Ricardo Velez Rodrigues](#)) disse que ia mudar a história. Como assim? Que coisa absurda é essa, dizer que não foi golpe, que o regime militar foi maravilhoso? Cada dia é uma nova notícia mais absurda do que a outra", observa a professora. "Demitiram o ministro Vélez, o cavaleiro da triste figura, e colocaram outro cidadão que tem observações tão absurdas quanto ele."

Antes de ser demitido do MEC, Vélez Rodríguez disse que o ministério estaria incumbido de "preparar o livro didático de forma tal que as crianças possam ter a ideia verídica, real, do que foi a sua história". Ele complementou: o golpe de 1964 foi "uma decisão soberana da sociedade brasileira".

A professora da USP lembra que, no contexto dos 100 dias de Jair Bolsonaro, uma das principais políticas de destruição diz respeito à "desastrosa proposta de [reforma da Previdência](#)". Os pontos que se pode destacar são muitos "e é difícil dizer o que é pior", comenta Fuser.

"Direitos do povo sendo destruídos, a violência contra a população pobre. Ao que se faz em política externa há o equivalente em todas as áreas. O Brasil está vivendo o pior momento da sua história. Mesmo no regime militar, quando aconteciam as atrocidades, o Brasil ainda existia como país, havia políticas de desenvolvimento, preocupação com economia, apesar dos crimes e autoritarismo."

Amazônia

Outro exemplo "muito grave" de abandono da soberania nacional pelo atual governo, apontado pelos analistas, diz respeito à política ambiental e a tentativa de entrega da Amazônia. Em entrevista na segunda-feira (8), Bolsonaro afirmou que [existe uma "indústria de demarcação"](#) de terras indígenas e que pretende fazer uma parceria com os Estados Unidos para explorar a Amazônia. "Trata-se de um duplo crime: contra a pátria e contra a natureza", diz Fuser.

"Não tenho bola de cristal, mas todas essas coisas são tão abusivas e o desgaste do atual governo em apenas 100 dias é tão grande que tenho dúvidas se ele vai conseguir fazer alguma coisa, algumas dessas loucuras que tenta", afirma Maria Aparecida.

Entretanto, para ela, há uma constatação positiva em meio ao quadro de desalento. "Não dá para pensar em coisas perenes em termos históricos. Mas enquanto não for brechado, o governo tentará todos os absurdos possíveis. Se a sociedade não conseguir resistir ou se pelo menos o Congresso não tiver uma força mais ou menos organizada, a situação pode ficar muito difícil para o país."

Direitos humanos

Em documento divulgado pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), relacionado a sua atuação nos primeiros 100 dias de 2019, envolvendo articulação com movimentos sociais e organismos internacionais, monitoramento de políticas públicas, atuação junto ao Judiciário e interlocução com o Congresso Nacional, o órgão lista diversos tópicos.

Entre eles, mais de 60 pedidos de esclarecimentos, recomendações ou solicitações sobre medidas que afetam direitos humanos; cinco representações à Procuradoria Geral da República com sugestão de ações no Supremo Tribunal Federal sobre constitucionalidade de decretos, legislações e outras medidas que violam garantias fundamentais; seis notas técnicas ao Congresso para subsidiar parlamentares na análise de projetos de lei contrários aos direitos humanos.

Entre os exemplos citados, a PFDC menciona o Decreto 9.685, de 15 de janeiro, que ampliou as hipóteses de registro, posse e comercialização de armas de fogo no Brasil. Essa medida compromete "a política de segurança pública, especialmente no tocante ao direito à vida", esclarece o Ministério Público Federal.

Leia a íntegra do documento da PFDC [aqui](#).

[HOME](#) [CULTURA](#)

10 DE ABRIL DE 2019, 15H07

- **Em 100 dias de Bolsonaro, a Cultura entra na UTI**

O governo de Jair Bolsonaro (PSL-RJ) veio para exterminar a Cultura e deixa isto claro a cada pronunciamento, atos e medidas anunciadas. Veja aqui dez itens do desmonte

Por Julinho Bittencourt - <https://www.revistaforum.com.br/em-100-dias-de-bolsonaro-a-cultura-entra-na-uti/>

A frase de Wagner Moura resume tudo: “A arte é sempre um ambiente que te faz pensar. E é por isso que agora, no Brasil, há uma grande campanha contra a arte e a cultura. Contra o pensamento crítico, contra os livros. E se você estudar a história dos governos fascistas pelo mundo, verá que esses são os primeiros sinais, que isso é o vento que antecede a tempestade”.

O governo de Jair Bolsonaro (PSL-RJ) veio mesmo para exterminar a Cultura e deixa isso claro a cada pronunciamento, atos e medidas anunciadas. Cercado e adulado por personalidades de baixa densidade, como Ana Hickmann, Regina Duarte, Alexandre Frota entre outros, não é de hoje que o presidente assume atitude persecutória contra o setor e seus fazedores, a arte e seus artistas.

Seu maior engodo é usar como pretexto o corte de despesas para investir em “áreas prioritárias”. A Cultura é – e sempre foi – o primo pobre da Esplanada. Executou, em 2017, um orçamento discricionário de R\$ 550 milhões. Como afirma o ex-ministro Juca Ferreira, “o argumento de que está retirando recursos das artes e da cultura para aplicá-lo em algo mais importante é falacioso. Acabo de ler nos jornais de hoje que o governo está retirando R\$ 600 bilhões da previdência para cobrir ‘encargos financeiros’. Está reduzindo os recursos para educação, para a saúde”, afirma.

O ataque se dá em todas as áreas, em todos os ‘tubos’ que irrigam e alimentam o corpo da Cultura: Lei Rouanet, Petrobrás Cultural, Caixa Econômica Federal, SESC etc. Além disso, os órgãos que sobraram têm sido aparelhados por apaniguados, chegando ao desprate de até mesmo o deputado Alexandre Frota emplacar gente na Secretaria do Audiovisual.

Veja abaixo os dez itens da Cultura que, até agora, o governo Bolsonaro desmantelou. Mas, ao que tudo indica, vem mais, muito mais por aí. A

sanha do presidente, seus filhos e apaniguados tem como objetivo o desmonte total:

Extinção do Ministério – Assim que tomou posse, Bolsonaro transformou o ministério da Cultura em secretaria, cumprindo com isto uma [velha promessa de campanha](#). A pasta foi anexada ao Ministério da Cidadania, sob o comando de Osmar Terra, ex-ministro do Desenvolvimento Social durante o governo de Michel Temer. Sobre o fato, o cantor e compositor [Chico Buarque fez um comentário](#) que traduz o desalento do meio diante do fato: “Só posso dizer o seguinte: em vista da qualidade dos ministros deste Governo, acho que é preferível que a cultura não tenha ministério”, afirmou.

Facada no Sistema S – O ministro da Economia, Paulo Guedes, anunciou uma [reforma profunda no chamado Sistema S](#). Entre as mudanças previstas está o fim de patrocínios que nada tenham a ver com a formação e capacitação de trabalhadores. Um dos setores mais atingidos com o anúncio é o da cultura. Com os sucessivos cortes, o Sesc se tornou uma das principais tábuas de salvação, uma das poucas – e em alguns casos a única – alternativas à produção responsável não submetida ao mercado de entretenimento, sobretudo no estado de São Paulo.

Orçamento – É dito e sabido que o orçamento do MinC sempre foi um dos mais baixos da Esplanada. Em 2017, por exemplo, teve uma execução de R\$ 550 milhões. Somados custeio e folha de pagamento, chega a, no máximo R\$ 2 bilhões. Menos de um 1% do orçamento geral da gestão é direcionado às políticas culturais. Com a transformação do ministério em secretaria e as recorrentes críticas e perseguições de Bolsonaro ao setor, o orçamento deverá sofrer um corte recorde. Somado aos cortes já efetuados e/ou em andamento nas estatais e leis de incentivo, a Cultura deverá entrar brevemente na UTI, com o fim de projetos teatrais, musicais, filmes, balés, edições de livros etc.

A farsa das medidas de contenção econômica – O principal argumento de Jair Bolsonaro para o desmonte da Cultura é a contenção de gastos. A afirmação soa como piada no meio cultural. O [ex-ministro da Cultura, Juca Ferreira, afirma que](#) “o argumento de que está retirando recursos das artes e da cultura para aplicá-lo em algo mais importante é falacioso. Acabo de ler nos jornais de hoje que o governo está retirando R\$ 600 bilhões da previdência para cobrir ‘encargos financeiros’. Está reduzindo os recursos para educação, para a saúde”, ressalta e conclui que se trata de “um governo que representa os interesses do capital financeiro e das grandes empresas”, lamenta.

Lei Rouanet – Era praticamente unanimidade no setor da Cultura a necessidade de ajuste na Lei Rouanet. O governo que chega, no entanto, deixa claro que veio para dizimar a lei, responsável por uma grande injeção de recursos públicos em projetos culturais. O próprio Bolsonaro anunciou, em entrevista, detalhes da auditoria que sofrerá a Lei, alegando que o seu teto cairá para R\$ 1 milhão. “O teto hoje é de R\$ 60 milhões. Estamos passando para R\$ 1 milhão, tem gente do setor artístico que está revoltada e quer algumas exceções”, disse. O presidente não deixou claro, na entrevista, se o teto de R\$ 1 milhão era por projeto ou por proponente, mas rumores no mercado cultural ao longo desta segunda diziam que esse valor seria para cada projeto. De qualquer maneira, esta redução drástica do teto inviabilizaria o uso da lei para projetos de grande porte como, por exemplo, a reconstrução do Museu Nacional.

Petrobrás Cultural – O presidente Jair Bolsonaro informou, pelo Twitter, em fevereiro, que os patrocínios concedidos pela Petrobras estão sendo revistos. O Programa Petrobras Cultural será amplamente revisto e vai priorizar a educação infantil e a Orquestra Petrobras. Outros setores como teatro, cinema e música, deverão sofrer grande impacto com as novas medidas. [Vários artistas entrevistados pela Fórum](#) reagiram com desolação, mas não com surpresa. Era

mesmo, de acordo com a opinião predominante, o que se poderia esperar deste governo.

Vitrine Petrobras – A Sessão Vitrine, que em 2017 passou a se chamar SESSÃO VITRINE PETROBRAS, realizava até então a distribuição coletiva de filmes brasileiros, incluindo coproduções internacionais, exibindo um recorte da produção audiovisual contemporânea. A SESSÃO VITRINE PETROBRAS acontece em mais de vinte cidades, com programação contínua lançando um filme a cada mês, realizando pré-estreias com os diretores e debates. O preço praticado nas salas participantes do projeto não ultrapassará R\$ 12,00 (inteira). O projeto teve seu fim decretado.

Caixa Cultural – Apesar da Petrobrás, a Caixa Econômica Federal é mais uma das estatais que vai passar por reestruturação de apoios culturais, como informou Bolsonaro. [Por conta disto, a estatal já anunciou o fim do patrocínio ao Cine Belas Artes, de São Paulo](#). O cinema vai voltar a ter a marca apenas de Belas Artes. Só o valor do aluguel do espaço está em R\$ 2 milhões por ano. O Cine Belas Artes foi reaberto em 2014, quando passou a se chamar Cine Caixa Belas Artes por causa do novo patrocínio. O tradicional prédio estava fechado há mais de três anos. A reabertura atraiu uma multidão de cinéfilos e a fila do público chegou a alcançar a rua Bela Cintra. Além disso, parte da Rua da Consolação também ficou interditada.

Biógrafo de Frota na Secretaria do Audiovisual – O aparelhamento da Cultura tem se dado em vários níveis. Um dos exemplos foi a [nomeação de Pedro Henrique Peixoto](#) para a Secretaria do Audiovisual, órgão que administra as principais ações de fomento do cinema brasileiro. Peixoto é o autor da biografia do deputado bolsonarista Alexandre Frota (PSL-SP).

O fim do pensamento crítico no governo – O fenômeno é comentado por vários artistas em diversas áreas. Um dos grandes prejuízos que a Cultura sofre

é com relação à forma preconceituosa e persecutória que o governo Bolsonaro trata o setor. [O ator e cineasta Wagner Moura afirmou](#): “a arte é sempre um ambiente que te faz pensar. E é por isso que agora, no Brasil, há uma grande campanha contra a arte e a cultura. Contra o pensamento crítico, contra os livros. E se você estudar a história dos governos fascistas pelo mundo, verá que esses são os primeiros sinais, que isso é o vento que antecede a tempestade”, alertou. Mais adiante o ator pergunta: “Vocês acham que Bolsonaro já leu um livro? Honestamente: que já foi a um teatro? Não! Isso não tem importância para essas pessoas, e elas não querem que essas narrativas sejam ditas”, encerra. O [músico Lincoln Antônio vai na mesma direção e comenta](#) que não consegue sequer ficar indignado, “pois é só o que se pode esperar do Bolsonaro. A cultura é um assunto que não existe para essas pessoas”, encerra.

Fórum em Brasília, apoie a Sucursal

Fórum tem investido cada dia mais em jornalismo. Neste ano inauguramos uma Sucursal em Brasília para cobrir de perto o governo Bolsonaro e o Congresso Nacional. A Fórum é o primeiro veículo a contratar jornalistas a partir de financiamento coletivo. E para continuar o trabalho precisamos do seu apoio. Clique no link abaixo e faça a sua doação.

• **NAPP apresenta balanço dos 100 dias da Saúde no governo Bolsonaro**

13/04/2019 - da redação

- [Youtube](#)

O documento *Balanço dos 100 dias da saúde no governo Bolsonaro* traz dados sobre as medidas que estão desestruturando as políticas públicas da área e enfraquecendo o SUS. Preparado pelo NAPP (Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas) - Saúde apresenta este balanço para subsidiar os movimentos sociais, a sociedade e os parlamentares com informações e dados. O NAPP reúne o PT, a Fundação Perseu Abramo, o Instituto Lula e as lideranças do PT na Câmara e no Senado.

Neste documento são levantadas as ações do governo Bolsonaro no programa Mais Médicos, na saúde indígena, na saúde mental, em relação ao sistema de informações e controle social do SUS, como consequências nefastas para a saúde pública. A redução de investimentos na Saúde provocada pela Emenda Constitucional 95 (aprovada no governo Temer) e sua continuidade neste governo também é destacado.

Confira e divulgue o documento *Balanço dos 100 dias da saúde no governo Bolsonaro*

<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2019/04/napp-saude-100-dias.pdf>

- **Educação em disputa: 100 dias de Bolsonaro**

Os temas que estão em destaque e a análise de especialistas em educação nos 100 primeiros dias do governo Bolsonaro

REDAÇÃO - 10 de abril de 2019

<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/educacao-em-disputa-100-dias-de-bolsonaro/>

Nesta quarta-feira (10/04), o governo [Jair Bolsonaro](#) completa 100 **dias**. **Em cerca de três meses, mudanças significativas já ocorreram no Ministério**



da Educação (ME 100 dias de Bolsonaro C) e temas estruturantes da política educacional seguem em debate.

Para avaliar o período, o Carta Educação, a [Ação Educativa](#) e o [De Olho nos Planos](#) e lançam hoje o especial **Educação em disputa: 100 dias de Bolsonaro**, que pretende, por meio de artigos e reportagens, ampliar o debate sobre as pautas governamentais para a educação.

Diariamente, publicaremos conteúdos sobre os temas listados abaixo. Acompanhe!

1. Extinção de secretarias

Em janeiro, por meio de decreto, foi extinta a Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE), principal responsável por articular o Sistema Nacional de Educação (SNE), prestar assistência técnica e dar apoio aos estados e municípios no processo de monitoramento e avaliação dos planos decenais de educação, além da implementação do Piso Salarial Nacional.

A SASE foi criada em 2011 a partir de uma demanda apontada durante a Conferência Nacional de Educação (CONAE) 2010. Suas atribuições passaram então para a Secretaria de Educação Básica (SEB).

Assim como a SASE, o ex-ministro Ricardo Vélez Rodríguez extinguiu a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

O órgão era responsável pelos programas, ações e políticas de Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação para as relações Étnico-Raciais e Educação em [Direitos Humanos](#). Em seu lugar, foram criadas duas novas secretarias: a Secretaria de Alfabetização e a Secretaria de Modalidades Especializadas da Educação. Vale destacar que não foram divulgadas que ações, programas e políticas das secretarias anteriores continuarão em andamento.

2. Disputa de política de alfabetização

A política de alfabetização no país também foi tema de destaque durante esses meses. O ex-ministro Vélez e o secretário de alfabetização, Carlos Nadalim, defenderam o método fônico como solução para os problemas relacionados à alfabetização, colocando o letramento como “vilão da alfabetização”.

O secretário afirmou, à época, que o letramento consiste em uma “preocupação exagerada com a construção de uma sociedade igualitária, democrática e pluralista em formar leitores críticos”. Mais de 100 organizações se manifestaram publicamente em uma carta endereçada ao MEC.

3. Alterações no Ministério da Educação

Em pouco mais de três meses de governo, o Ministério da Educação protagonizou as principais polêmicas governamentais. A pasta esteve envolvida em uma série de decisões equivocadas e recuos, além de estar no meio de um jogo de forças entre o grupo de Olavo de Carvalho e os militares que levaram à demissão do ministro Ricardo Vélez Rodríguez e mais de uma dezena de baixas entre seus funcionários.

Abraham Weintraub assumiu o cargo de ministro da Educação na última terça e, hoje, nomeou o seu time para o alto escalão, [quase inteiramente composto por economistas](#).

4. Ataque ao financiamento de qualidade

Em março, uma reunião do Ministério da Educação com o Conselho Nacional de Educação (CNE) colocou em xeque um dos dispositivos centrais para o financiamento da educação no país. Previstos em lei, mas ainda não implementados, o Custo Aluno-Qualidade Inicial (CAQi) e o Custo Aluno-Qualidade (CAQ) permitem que se calcule o padrão mínimo de investimento por estudante para que se possa garantir um patamar de qualidade educacional no país.

Esses insumos vão desde a infraestrutura dos prédios, todos inclusivos, até a garantia de condições de trabalho, formação e valorização das(os) profissionais da educação. O CAQi é o padrão mínimo e o CAQ é o valor que se pretende alcançar como ideal.

A implementação dos mecanismos era uma das estratégias previstas na Meta 20 do Plano Nacional de Educação (PNE) para que se pudesse alcançar até 2024 o investimento de 10% do PIB na área.

Em um cenário de restrição de recursos para a educação devido ao [Teto de Gastos \(EC95/16\)](#) e de desmantelamento de mecanismos de participação social, revogação do parecer torna ainda mais distante a possibilidade de cumprimento do Plano.

5. Direito à educação e educação domiciliar

Outro tema de destaque foi a educação domiciliar. Sua regulamentação consta em uma das 35 metas prioritárias do plano de 100 dias de governo de Bolsonaro e está atribuída ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Pelo determinado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), é dever do Estado e da família garantir frequência escola da população de 4 a 17 anos. Com base nesta normativa, no ano passado, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou a modalidade ilegal.

6. Militarização da educação

Além de extinguir secretarias, o decreto também criou um novo órgão: a Subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-Militares. Braço da Secretaria de Educação Básica (SEB), a divisão deve fomentar, acompanhar e avaliar a ampliação de escolas e modelos de gestão compartilhada entre as Secretarias de Educação, o Exército, as Polícias Militares (PM) e o Corpo de Bombeiros.

7. Criminalização da educação e Lava-Jato

No dia 14 de fevereiro, foi assinado um acordo entre Ministério da Educação, Ministério da Justiça, Controladoria-Geral da União e Advocacia-Geral da União para apurar casos de corrupção no Ministério da Educação. A Lava Jato da Educação, como foi apelidada, foi anunciada no Twitter do presidente Jair Bolsonaro e vista com preocupação por atores do campo, que alertaram que o maior problema da pasta seria a insuficiência de recursos e não a corrupção.

• Conversamos com quatro especialistas em educação para saber como avaliam os primeiros 100 dias deste governo:



Ednéia Gonçalves, socióloga, formadora de professoras(es) e diretora executiva adjunta da Ação Educativa:

“À primeira vista, os 100 dias de governo de Bolsonaro se resumem à triste disputa entre olavistas e militares, sem que os ganhos de um lado ou outro impliquem em avanço no acesso, inclusão, permanência ou qualidade da educação no Brasil. Porém, acredito que outros movimentos que se desenrolam nesse governo representam riscos igualmente perigosos às conquistas democráticas na educação.

Nesse período, enquanto nos angustiamos com a ausência de lucidez e direcionamento no MEC, fomos confrontados com a pauta do retrocesso: representada pela expansão da militarização das escolas, pela tentativa de imposição de uma agenda fundamentalista religiosa, [racista](#) e LGBTfóbica inspirada no Escola sem Partido.

Enquanto isso, pautas que interessam discutir (Fundeb, CaQi/CAQ, Plano Nacional de Educação) eram esvaziadas pelo Ministério da Economia com o anúncio da PEC da desvinculação total do orçamento. A aparente ausência de propostas concretas e intencionalidade nas ações do MEC nos revelam que as reais disputas do campo educacional se desenrolam em outra trincheira: na economia. É para lá que devemos urgentemente direcionar nossa resistência.



Catarina de Almeida, professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e coordenadora do Comitê Distrito Federal da Campanha Nacional pelo Direito à Educação

“Se eu pudesse dizer em uma frase o que eu entendo dos 100 primeiros dias do governo Bolsonaro, eu diria que é um governo que tem como projeto destruir todas as políticas e todos os projetos que nós temos para a educação. Ou seja, é um governo que tem como projeto destruir a educação deste país. Isso só para falar da área da educação. E por que eu estou dizendo isto?

Efetivamente, o que o governo Bolsonaro fez com as nomeações e demissões, com seus anúncios até agora, foi exatamente soltar decretos e portarias e constituir comissões para acabar com o que estava por aí, para acabar com o projeto de educação que vinha se desenvolvendo neste país, que, para bem ou mal, estava em curso.

Objetivamente, é um governo que ameaça acabar com o que o país já tinha, sem apresentar nenhuma proposta. Tanto é que, nós, ativistas, das entidades que lutam em prol do direito à educação e de outros direitos, lutamos para nos

manter o que já tínhamos e não para avançar em relação àquilo que se faz necessário.

Esses 100 dias do governo representam destruição. Acho, inclusive, que se o ministro anterior ficou na sua falta de ação, as perspectivas dos 100 dias futuros é a de concretizar a destruição daquilo que o presidente já anunciava na campanha e vem anunciando desde que assumiu o governo.



Salomão Ximenes, professor da Universidade Federal do ABC e doutor em Direito pela USP

” Um princípio básico da avaliação política é considerar o que foi proposto. Por isto, para fazer essa avaliação, precisamos retomar o plano de governo que foi apresentado durante a campanha e o plano específico apresentado para os 100 primeiros dias.

O plano de governo para a campanha falava de uma “inversão de prioridades”, reduzindo o investimento em Educação Superior e priorizando a Educação Básica. Propunha também “extirpar a filosofia de Paulo Freire das escolas”.

Além disso, trazia a questão do ajuste econômico ultraliberal, a manutenção da Emenda Constitucional 95 e a redução da máquina estatal.

O plano dos 100 dias da área de educação tinha basicamente uma meta, que era um plano de alfabetização. No Ministério de Direitos Humanos, havia a apresentação da regulamentação do ensino domiciliar no Brasil. Esse é o plano que precisa ser avaliado.

Isso explica em parte a estratégia de se nomear uma figura como o [Vélez Rodríguez](#), que tinha como papel, mobilizar a agenda de censura no Ministério da Educação (MEC), torná-la, se não implementada, ao menos presente

constantemente no discurso, enquanto uma ameaça colocada para as instituições educacionais. Nesse sentido, ele deu várias sinalizações, tanto em relação ao livro didático, como em relação ao Enem.

Portanto, é muito diferente de imaginar que se tratava de alguém sem propósito: havia uma coerência muito grande entre o que é uma das estratégias iniciais e a perspectiva desse ministro. Além disso, era alguém que não tinha preocupação com a construção de políticas educacionais, com a pactuação federativa, nenhuma preocupação ou percepção com a questão do financiamento educacional.

Um ministro com esse perfil é muito útil e oportuno para a implementação da agenda radical de ajuste fiscal neoliberal que está colocada na Emenda Constitucional 95. Não haverá espaço para um ministro que tensione a área econômica por um maior aporte de recursos da União, uma relação federativa ou mesmo um financiamento direto via políticas de fundo, como o Fundeb.

Praticamente, nenhum programa relacionado a repasse de recurso ou coisa do gênero foi anunciado ou sequer pensado-, salvo algo relacionado à implementação da [BNCC](#) por pressão das fundações empresariais e da imprensa articulada a essas fundações. Nesse sentido, o governo é coerente com o que foi apresentado inicialmente.

É nesse sentido que meu balanço dos 100 dias é um indicativo do que serão os próximos anos e meses em relação ao governo Bolsonaro na área de educação.

Entendo que a aliança ultraconservadora, neoliberal radical e militarista reacionária que caracterizam esse governo não dá margem para qualquer ação de melhoria ou de “menos mal” no Ministério da Educação.

Ou seja, a articulação entre a lógica autoritária do militarismo, a lógica do controle ideológico, os efeitos já sentidos da EC 95 (que serão agravados caso ela não seja revogada) e uma postura de desvinculação total vai permear estruturalmente a área de educação no governo Bolsonaro e impossibilitar qualquer perspectiva de uma política educacional minimamente racional, planejada, progressista, que atenda, por exemplo, as metas e estratégias do Plano Nacional de Educação.

Esse é um balanço realista, pessimista, que nos convoca a uma ação de contestação direta e total à lógica do governo Bolsonaro, que é uma lógica que vai além do debate educacional. Essa condução das políticas educacionais não será influenciada ou derrotada unicamente a partir do debate educacional.



Juliana Oliveira, historiadora e cientista social, professora de história da rede municipal de educação de São Paulo

” A influência do discurso do presidente eleito é perceptível no ambiente escolar: alguns estudantes agindo com maior violência enquanto os grupos que fazem parte do que consideramos minorias têm se unido, se fortalecido e criado espaços de resistência.

Nas periferias as “celas” de aula seguem recebendo cada vez menos investimento (na sua estrutura e nos materiais didáticos) e a quantidade de grades supera a de janelas – fazendo um paralelo com os sonhos de cada aluno e aluna ali.

As decisões presidenciais transmitidas pela mídia e redes sociais, as fake news que os familiares receberam por WhatsApp e as declarações sensacionalistas de representantes oficiais do governo causam todos os dias comoção e desespero entre a comunidade escolar na rede pública: somos nós os mais afetados e prejudicados, serão os nossos que pagarão com sangue, suor e lágrimas pelas escolhas de quem possui uma vida digna com o mínimo de recursos básicos e direitos humanos – que nós não temos. O balanço não é

- **Os primeiros cem dias do Governo Bolsonaro e os Direitos Humanos**

Relatório do Observatório Judaico de Direitos Humanos no Brasil

<https://www.observatoriodademocracia.org.br/2019/04/11/%EF%BB%BFos-primeiros-cem-dias-do-governo-bolsonaro-e-os-direitos-humanos/>

por Observatório Judaico de Direitos Humanos no Brasil

Publicado 11/04/2019 - Atualizado 11/04/2019

Relatório do Observatório Judaico de Direitos Humanos no Brasil

Apresentação

Num momento em que o Brasil vive graves ameaças à democracia e aos direitos humanos, surgiu o Observatório da Democracia, lançado no dia 31 de janeiro de 2019. A cada dia, o movimento cresce e agrega mais pessoas, movimentos e instituições preocupadas com os rumos estranhos que o País vem tomando. A aliança pela democracia é, sem dúvida, a mais cidadã e legítima que uma sociedade pode formar. Por isso recebemos com satisfação a parceria e a contribuição do Observatório Judaico dos Direitos Humanos, que avalia os 100 primeiros dias do governo atual do ponto de vista das violações aos direitos primordiais de homens e mulheres.

Leia o relatório [Os primeiros cem dias do Governo Bolsonaro e os Direitos Humanos](#)

- **45 tuítes que resumem os 100 primeiros dias de Bolsonaro no poder**

O HuffPost Brasil analisou os principais fatos desde a posse do presidente brasileiro mais ativo no Twitter.

By Equipe HuffPost

MONTAGEM/TWITTER/REUTERS Bolsonaro usa Twitter para ironizar a imprensa.

Como os primeiros 100 dias do governo de Jair Bolsonaro (PSL) poderiam ser descritos em um tuíte?

Imprensa, fake news, Previdência, ideologia, segurança pública. Damares, Olavo, Mourão, Carlos, Flávio, Bebianno, Moro, Véléz.

O HuffPost Brasil analisou os principais fatos que aconteceram desde que tomou posse o presidente brasileiro mais ativo no Twitter.

E, a partir da repercussão dos eventos, montamos uma linha do tempo da plataforma eleita por Bolsonaro como seu principal canal de comunicação sobre ações do governo, nomeações e demissões. Uma continuação da forma como ele mobilizou apoiadores — e críticos — desde a sua campanha presidencial.

Os tuítes listados não são apenas de Bolsonaro, mas da cúpula de seu governo — ou de sua prole — que também são tuiteiros contumazes.

X

A análise dos tuítes de Bolsonaro indica que o presidente brasileiro já foi capaz de superar o presidente americano no uso do Twitter.

No início de 2017, o mundo foi surpreendido quando o presidente dos Estados Unidos Donald Trump começou a usar sua conta pessoal na rede para “despachar”, antecipando decisões nem sempre fechadas com todos os órgãos envolvidos no tema em questão ou gerando atritos internacionais com declarações irresponsáveis.

No Brasil, Bolsonaro adotou a mesma prática e não demonstra ter intenção de diminuir o ritmo das tuitadas.

Acompanhe.

JANEIRO

1. O presidente Jair Bolsonaro toma posse no dia 1º de janeiro de 2019, em Brasília.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro - · 1 de jan de 2019](#)



FELIZ 2019

[Jair M. Bolsonaro ✓@jairbolsonaro](#)

Nos vemos na posse. Um forte abraço!

[01:32 - 1 de jan de 2019](#)

2. Bolsonaro apresenta novo coordenador do Enem.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Murilo Resende, o novo coordenador do Enem é doutor em economia pela FGV e seus estudos deixam claro a priorização do ensino ignorando a atual promoção da “lacrção”, ou seja, enfoque na medição da formação acadêmica e não somente o quanto ele foi doutrinado em salas de aula.

[06:15 - 5 de jan de 2019](#)

3. O presidente ironiza a cobertura da imprensa sobre a nomeação de Victor Nagem, seu amigo pessoal, para a gerência executiva da Petrobras.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Peço desculpas à grande parte da imprensa por não estar indicando inimigos para postos em meu governo!

[09:58 - 11 de jan de 2019](#)

Posteriormente, Nagem foi reprovado na avaliação para assumir a gerência-executiva de Inteligência e Segurança Corporativa da estatal.

4. Relatório da Coaf indica que Flávio Bolsonaro recebeu 48 depósitos suspeitos em um mês, totalizando a quantia de R\$ 96 mil.

[Flavio Bolsonaro - ✓@FlavioBolsonaro](#)

O problema não é quem declara o patrimônio, alcançado licitamente. Mas sim quem esconde o seu, em nome de laranjas ou em malas de dinheiro. Vão atrás dos corruptos, p...

[10:12 AM - Jan 8, 2018](#)

5. O filho do vice-presidente Mourão se torna assessor do presidente do Banco do Brasil e triplica o salário.

[General Hamilton Mourão - ✓@GeneralMourao](#)

Meu filho, Antônio, ingressou por concurso no BB há 19 anos. Com excelentes serviços, conduta irrepreensível e por absoluta confiança pessoal do Presidente do Banco foi escolhido por ele para sua assessoria. Em governos anteriores, honestidade e competência não eram valorizados.

[5:03 PM - Jan 8, 2019](#)

6. Bolsonaro elogia prisão de Battisti.



[Jair M. Bolsonaro](#) ✓@jairbolsonaro

- Ministro da Itália fala sobre Battisti.
- Parabéns a todos no Brasil que estiveram envolvidos no caso, na pessoa dos Ministros da Justiça, Relações Exteriores e GSI.
- Jair Bolsonaro.

7:59 PM - Jan 13, 2019

[Twitter Ads info and privacy](#)

7. Bolsonaro critica cobertura da imprensa sobre primeira quinzena do governo.

[Estadão](#) - ✓@Estadao - · 13 de jan de 2019

>@ECantanhede 'Queimando a largada - Estreia do governo mostra confusão, desinformação e um desmentido atrás do outro' <http://bit.ly/2Frn7k4>



[Jair M. Bolsonaro](#) - ✓@jairbolsonaro

Lamento a postura contínua deste jornal diante das boas ações ocorridas nos últimos 13 dias e as melhores que estão por vir! A liberdade de imprensa é necessária e algo que governos anteriores tentavam burlar. Bom trabalho aos senhores e que a verdade sempre prevaleça!

11:07 - 13 de jan de 2019

8. Bolsonaro defende projeto de posse de armas.

[Jair M. Bolsonaro](#) - ✓@jairbolsonaro

Muitas falácias sendo usadas a respeito da posse de armas. A pior delas conclui que a iniciativa não resolve o problema da segurança pública. Ignorando o principal propósito, que é "iniciar" o processo de assegurar o direito inviolável à legítima defesa.

10:44 - 17 de jan de 2019

9. O presidente faz breve discurso em Davos, na Suíça.



[Jair M. Bolsonaro](#) ✓ [@jairbolsonaro](#)

Tive a satisfação de realizar o discurso de abertura do Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça. Sendo o 1º presidente do hemisfério sul, 1º da América Latina e 1º fora do G7 a abrir o evento. Muito obrigado a todos.

<http://youtu.be/98bSXRn08ys>

[12:09 - 22 de jan de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

10. Brasil reconhece Juan Guaidó como presidente interino na Venezuela.



[Jair M. Bolsonaro](#) ✓ [@jairbolsonaro](#)

Venezuela:

[16:13 - 23 de jan de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

11. O deputado Jean Wyllys desiste de tomar posse em novo mandato na Câmara e deixa o Brasil por conta de ameaças. No mesmo dia, Bolsonaro tuíta:

[Jair M. Bolsonaro](#) ✓ [@jairbolsonaro](#)



Grande dia!

[15:16 - 24 de jan de 2019](#)

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

[16:27 - 24 de jan de 2019](#)

12. Os posts do presidente foram atribuídos a uma suposta celebração da decisão de Wyllys.

[David Miranda - ✓@davidmirandario](#)

[· 24 de jan de 2019](#)

[Respondendo a @jairbolsonaro](#)

Respeite o Jean, Jair, e segura sua empolgação. Sai um LGBT mas entra outro, e que vem do Jacarezinho. Outro que em 2 anos aprovou mais projetos que você em 28. Nos vemos em Brasília.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)



Seja feliz! Um forte abraço!

[17:38 - 24 de jan de 2019](#)

13. No entanto, Bolsonaro afirma que estava comemorando as reuniões em Davos.

[Ver imagem no Twitter](#)



[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Fake News! Referi-me à missão concluída, reuniões produtivas com Chefes de Estado, voltando ao país que amo, Bolsa batendo novo recorde na casa dos 97.000 e confiança no nosso país sendo restabelecida, isso faz de hoje um



grande dia!

[17:13 - 24 de jan de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

14. Barragem da mineradora Vale rompe em Brumadinho (MG) deixando centenas de mortos.

[Jair M. Bolsonaro](#)

[✓@jairbolsonaro](#)

Lamento o ocorrido em Brumadinho-MG. Determinei o deslocamento dos Ministros do Desenvolvimento Regional e Minas e Energia, bem como nosso Secretario Nacional de Defesa Civil para a Região.

[14:20 - 25 de jan de 2019](#)

FEVEREIRO

15. Incêndio em dormitório do centro de treinamento do Flamengo deixa 10 mortos.

[Ver imagem no Twitter](#)



[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Nota da Presidência da República, via Secretaria Especial de Comunicação, sobre o incêndio no Ninho do Urubu. Que Deus conforte seus familiares!

[10:01 - 8 de fev de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

16. O jornalista Ricardo Boechat morre em acidente de helicóptero, em São Paulo.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

É com pesar que recebo a triste notícia do falecimento do jornalista Ricardo Boechat, que estava no helicóptero que caiu hoje em SP. Minha solidariedade à família do profissional e colega que sempre tive muito respeito, bem como do piloto. Que Deus console a todos!

[13:13 - 11 de fev de 2019](#)

17. Bolsonaro posta argumentação da AGU contra a criminalização da homofobia.

[Ver imagem no Twitter](#)

Não há na Constituição a obrigação de que o Poder Legislativo criminalize a "homofobia" e, dessa forma, não é possível citar mora legislativa para justificar o uso da ferramenta do mandado de injunção, segundo André Mendonça. O advogado-geral da União também defendeu que "todo e qualquer cidadão, indiscriminadamente, merece proteção na forma da lei", dessa forma defendeu que cabe exclusivamente ao Congresso Nacional decidir o tempo e a oportunidade de legislar sobre determinada matéria.

Ele também lembra que a punição a atos discriminatórios em razão de gênero ou da orientação sexual já é possível mediante enquadramento da conduta em tipos penais já existentes, como homicídio, lesão corporal e os crimes contra a honra. Afrontar a este princípio gera desequilíbrio institucional e constitucional.

Assim, a decisão de criminalizar a homofobia por via judicial é abertamente atentatória à competência do Poder Legislativo de legislar sobre o tema. Portanto, em respeito aos princípios da democracia, é que a AGU requer que a decisão sobre tipificação penal da homofobia seja livremente adotada pelos representantes legitimamente eleitos pelo povo, nesse caso, o Congresso Nacional.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

STF, a "criminalização da Homofobia" e a [@AdvocaciaGeral](#) da União:

[17:07 - 13 de fev de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

18. O ex-ministro Gustavo Bebianno foi o primeiro a deixar o governo. Ele foi exposto por Carlos Bolsonaro após afirmar que teria conversado com o presidente e que não existia "crise".

[Ver imagem no Twitter](#)

o antagonista

“Não existe crise nenhuma”, diz Bebianno

Brasil 13.02.19 12:01

Gustavo Bebianno negou que seja motivo de instabilidade no governo, registra O Globo.

“Não existe crise nenhuma. Só hoje falei três vezes com o presidente”, disse ontem à noite o ministro da Secretaria-Geral da Presidência.

[Carlos Bolsonaro - ✓@CarlosBolsonaro](#)

Ontem estive 24h do dia ao lado do meu pai e afirmo: “É uma mentira absoluta de Gustavo Bebbiano que ontem teria falado 3 vezes com Jair Bolsonaro para tratar do assunto citado pelo Globo e retransmitido pelo Antagonista.”

[11:56 - 13 de fev de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

O governo enfrentou crise após denúncias de que o PSL estaria envolvido em casos de “candidaturas laranjas” em 2018, quando Bebianno presidia a sigla.

19. Bolsonaro anuncia “Lava Jato” da Educação.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Muito além de investir, devemos garantir que investimentos sejam bem aplicados e gerem resultados. Partindo dessa determinação, o Ministro Professor [@ricardovelez](#) apurou vários indícios de corrupção no âmbito do MEC em gestões passadas. Daremos início à Lava Jato da Educação!

[15:45 - 15 de fev de 2019](#)

20. Bolsonaro anuncia que a ministra Damares Alves vai fazer auditoria de benefícios concedidos às vítimas da ditadura.

[Jair M. Bolsonaro ✓@jairbolsonaro](#)

Seguindo a determinação de transparência e responsabilidade com os recursos públicos, prioridade em nosso governo, a ministra [@DamaresAlves](#) realizará auditoria dos benefícios suspeitos concedidos a “vítimas da ditadura” nos últimos anos pela Comissão da Anistia.

[20:58 - 18 de fev de 2019](#)

21. O presidente anuncia o pacote anticrime, do ministro Sergio Moro.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Atendendo aos anseios da nação, assinamos hoje o pacote anticrime, que aperfeiçoa o combate à corrupção, aos crimes organizado e violento. Enviaremos ao Congresso. Os brasileiros terão papel decisivo nos avanços. Conto



com vocês na construção de um Brasil mais justo e seguro!

[18:19 - 19 de fev de 2019](#)

22. Brasil envia ajuda humanitária para a Venezuela.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Comunico que o envio de ajuda humanitária aos venezuelanos está mantido. O Brasil inteiro mobilizou-se de forma ágil e até o fim do dia, cerca de 200 toneladas de alimentos e medicamentos chegam em Boa Vista-Roraima. Boa noite a todos!

[20:45 - 22 de fev de 2019](#)

23. O então ministro da Educação pede que diretores de escolas gravem alunos cantando o hino nacional e divulgando slogan do governo.

[Ver imagem no Twitter](#)



[ACS MEC ✓@MEC Comunicacao](#)

Para os diretores que desejarem atender voluntariamente o pedido do ministro, a mensagem também solicita que um representante da escola filme (com aparelho celular) trechos curtos da leitura da carta e da execução do Hino.

Saiba mais: <https://goo.gl/MZw9oH>

[12:05 - 26 de fev de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

24. Sérgio Moro indica Ilona Szabó como suplente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP).

[Bene Barbosa - MVB@benebarbosa_mvb](#)

Deixa eu explicar... e se precisar eu desenho, depois explico o desenho e desenho a explicação: Ilona Szabó é INIMIGA do governo de @jairbolsonaro, não eu.

[12:42 - 27 de fev de 2019](#)

A indicação da cientista política gerou revolta entre os bolsonaristas e foi revogada.

MARÇO

25. Aos amigos, Carlos Bolsonaro afirma que não faz parte do governo. Aos inimigos, ele continua...

[Carlos Bolsonaro - ✓@CarlosBolsonaro](#)

Amigos, não faço parte do governo e os senhores sabem disso. Vagabundos, vocês sabem desta informação também, portanto minha opinião vale como a de todos e tenho o direito de tê-la. Bom dia!!!!

[7:27 AM - Mar 2, 2019](#)

26. Bolsonaro defende que Congresso aprove legislação que ampare policial que matar durante exercício da profissão.

[Ver imagem no Twitter](#)



[Jair M. Bolsonaro](#) - ✓ @jairbolsonaro

Palavras minhas: é urgente que o Congresso aprecie matérias para que os agentes de segurança pública ou não, usem da letalidade para defender a população, caso precisem e estejam amparados por lei para que possamos resgatar a paz diante do terror que vivemos em todo Brasil.

[14:29 - 5 de mar de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

27. Olavo de Carvalho, ideólogo do governo, faz críticas aos posicionamentos do vice Mourão.

[Olavo de Carvalho](#) @opropriolavo

O maior erro da minha vida de eleitor foi apoiar o general Mourão. Não cessarei de pedir desculpas por essa burrada.

[15:53 - 6 de mar de 2019](#)

28. Bolsonaro divulga vídeo pornográfico para criticar o Carnaval.



REPRODUÇÃO

29. Bolsonaro questiona:



REPRODUÇÃO

Após polêmicas sobre o uso do Twitter pelo presidente, os posts foram deletados da conta oficial. No entanto, a plataforma de checagem Aos Fatos desenvolveu uma ferramenta em que é possível acompanhar todos os tuítes do presidente, inclusive os apagados.

30. Jair Bolsonaro celebra Dia da Mulher, exaltando “estas joias raras”.



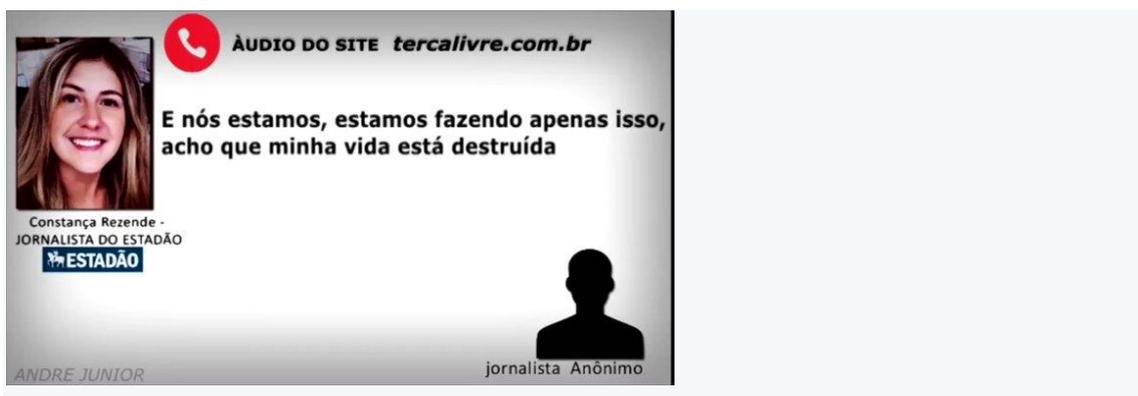
[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Qualquer celebração deve vir acompanhada de propostas e que respeitemos o feeling da mulher. Infelizmente não depende só de mim para que muitas das pautas já conhecidas avancem. De tudo faremos que estas jóias raras ao fim dos próximos 4 anos possam se sentir mais representadas.

[09:17 - 8 de mar de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

31. Bolsonaro usa Twitter oficial para espalhar notícias falsas.



[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Constança Rezende, do "O Estado de SP" diz querer arruinar a vida de Flávio Bolsonaro e buscar o Impeachment do Presidente Jair Bolsonaro. Ela é filha de Chico Otavio, profissional do "O Globo". Querem derrubar o Governo, com chantagens, desinformações e vazamentos.

[20:51 - 10 de mar de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

Dando continuidade à estratégia de ataque à imprensa, o presidente usou uma informação falsa para atacar a jornalista Constança Rezende, do jornal O Estado de S.Paulo. Em seu perfil no Twitter, o presidente atribuiu falsamente à repórter a declaração de que teria intenção de "arruinar Flávio Bolsonaro" e buscar o impeachment do presidente.

A frase teria sido dita pela jornalista, segundo a denúncia de um jornalista francês que é citado pelo Terça Livre, site bolsonarista que dissemina fake news.

Contudo, o site francês Mediapart, que é creditado pelo site bolsonarista, desmentiu a informação.

"As informações publicadas no 'club de Mediapart', que serviram de base para o tuíte de @jairbolsonaro, são falsas", publicou o site francês.



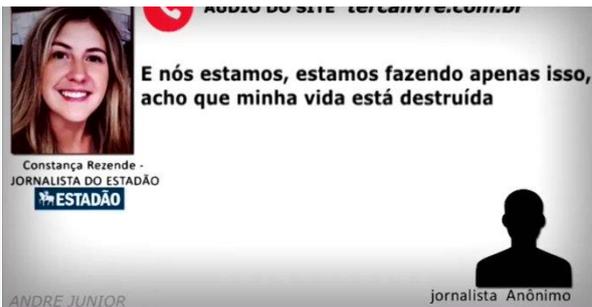
[Mediapart - ✓@Mediapart](#)

Mediapart se solidariza com a jornalista @constancarezend, vítima de ameaças. As informações publicadas no "club de Mediapart", que serviram de base para o tweet de @jairbolsonaro, são falsas. O artigo é de responsabilidade do autor e o blog é independente da redação do jornal.

Jair M. Bolsonaro

✓@jairbolsonaro

Constança Rezende, do "O Estado de SP" diz querer arruinar a vida de Flávio Bolsonaro e buscar o Impeachment do Presidente Jair Bolsonaro. Ela é filha de Chico Otavio, profissional do "O Globo". Querem derrubar o Governo, com chantagens, desinformações e vazamentos.



[16:27 - 11 de mar de 2019](#)

32. O presidente afirma que proposta de reformar a Previdência vai “aliviar os mais pobres”.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Estima-se que com a aprovação da Nova Previdência serão criados 8 milhões de novos empregos formais, além de garantir os benefícios dos atuais aposentados e aliviar os mais pobres, que pagarão ainda menos do que pagam hoje. Mentem quem diz que a proposta beneficia os mais ricos!

[18:34 - 11 de mar de 2019](#)

33. Bolsonaro presta homenagem ao atentado ocorrido em escola de Suzano (SP).

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Presto minhas condolências aos familiares das vítimas do desumano atentado ocorrido hoje na Escola Professor Raul Brasil, em Suzano, São Paulo. Uma monstruosidade e covardia sem tamanho. Que Deus conforte o coração de todos!

[15:59 - 13 de mar de 2019](#)

34. Bolsonaro viaja aos Estados Unidos e se encontra com o presidente Donald Trump.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro · 17 de mar de 2019](#)

Pela primeira vez em muito tempo, um Presidente brasileiro que não é anti-americano chega a Washington. É o começo de uma parceria pela liberdade e prosperidade, como os brasileiros sempre desejaram.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Brasil e Estados Unidos juntos assustam os defensores do atraso e da tirania ao redor do mundo. Os quem tem medo de parcerias com um país livre e próspero? É o que viemos buscar!

[17:17 - 17 de mar de 2019](#)

35. Bolsonaro diz que reforma da Previdência dos militares ainda não foi fechada.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Informo que ainda não me foi apresentado a versão do projeto de lei que trata da previdência dos militares. Possíveis benefícios, ou sacrifícios, serão divididos entre todos, sem distinção de postos ou graduações. Vamos valorizar e unir a tropa no ideal de melhor servir à Pátria.

[15:56 - 17 de mar de 2019](#)

36. Governo incentiva celebração da ditadura militar, a qual chama de "Revolução de 1964". No Twitter, Bolsonaro republica fala de Roberto Marinho, da Globo, feita durante o final do regime.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

"Participamos da Revolução de 1964, identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada."

Roberto Marinho, Presidente da Globo, ao final do Regime Militar.

[17:40 - 27 de mar de 2019](#)

37. Bolsonaro chama de fake news notícia de demissão do ministro da Educação.



[Ver imagem no Twitter](#)

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Sofro fake news diárias como esse caso da "demissão" do Ministro Velez. A mídia cria narrativas de que NÃO GOVERNO, SOU ATRAPALHADO, etc. Você sabe quem quer nos desgastar para se criar uma ação definitiva contra meu mandato no futuro. Nosso compromisso é com você, com o Brasil.

[22:26 - 27 de mar de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

38. Bolsonaro afirma que País tem melhor saldo de empregos.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Tivemos o melhor saldo de empregos dos últimos 5 anos para Fevereiro. Já o levantamento trimestral divulgado pelo IBGE parte de Dezembro de 2018, período no qual é comum o saldo negativo, fato importante, mas propositalmente omitido nas chamadas da Folha, Estadão e Globo;

[18:01 - 29 de mar de 2019](#)

O secretário especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia, Rogério Marinho, anunciou que o mercado de trabalho brasileiro criou 173.139 empregos com carteira assinada em fevereiro, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

ABRIL

39. Após troca de farpas com Rodrigo Maia, presidente da Câmara, sobre negociação da reforma da Previdência no Congresso, Bolsonaro recebe parlamentares para reuniões.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Pela manhã me reuni com vários presidentes e líderes de partidos. Tudo ocorreu em alto nível. Ao contrário do que propalado por alguns, nada se falou sobre cargos. Executivo e Legislativo unidos, por uma causa que representa o futuro de nossos filhos e netos: a Nova Previdência.

[14:31 - 4 de abr de 2019](#)

40. O presidente elogia ação de PMs que matou 11 bandidos em Guararema (SP).

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Parabéns aos policiais da ROTA (PM-SP) pela rápida e eficiente ação contra 25 bandidos fortemente armados e equipados que tentaram assaltar dois bancos na cidade de Guararema e ainda fizeram uma família refém. 11 bandidos foram mortos e nenhum inocente saiu ferido. Bom trabalho!

[13:44 - 4 de abr de 2019](#)

41. Governo anuncia fim do horário de verão.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Após estudos técnicos que apontam para a eliminação dos benefícios por conta de fatores como iluminação mais eficiente, evolução das posses, aumento do consumo de energia e mudança de hábitos da população, decidimos que não haverá Horário de Verão na temporada 2019/2020.

[17:43 - 5 de abr de 2019](#)

42. Bolsonaro celebra acordos firmados em viagem a Israel.



[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Voltando com dever cumprido e acordos firmados com Israel, em áreas como ciência e tecnologia, defesa, serviços aéreos e segurança. Tudo explicitado em mensagens anteriores. Antes de embarcar, dissemos que temos uma relação próxima tanto com Israel, quanto com países árabes.

[17:45 - 3 de abr de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

43. O ministro Sergio Moro compartilha conta oficial no Twitter.

[Ver imagem no Twitter](#)



[Sergio Moro - ✓@SF_Moro](#)

Provando que esse twitter é meu mesmo (o que é um pouco inusitado).
[16:52 - 4 de abr de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

[Ver imagem no Twitter](#)



[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)



Sigam [@SF_Moro](#)
[14:39 - 5 de abr de 2019](#)

[Informações e privacidade no Twitter Ads](#)

44. Bolsonaro ironiza pesquisa Datafolha que mostra que ele teve a pior avaliação entre presidentes de 1º mandato.

[Ver imagem no Twitter](#)



[Jair M. Bolsonaro ✓@jairbolsonaro](#)

Kkkkkkkk

[12:10 - 7 de abr de 2019](#)

45. Bolsonaro comunica demissão do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez.

[Jair M. Bolsonaro - ✓@jairbolsonaro](#)

Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação.
Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer